



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADE  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

!SOLDADOS DE DEUS E DA PÁTRIA": ENTRE AS PRÁTICAS  
COTIDIANAS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA  
INTEGRALISTA EM BARBALHA-CE.  
(1933-1950)

SAMUEL PEREIRA DE SOUSA

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

Área de Concentração: História e Culturas  
Linha de Pesquisa: Oralidade e Cultura Escrita

Fortaleza- CE  
Agosto de 2010

**“SOLDADOS DE DEUS E DA PÁTRIA”: ENTRE AS  
PRÁTICAS COTIDIANAS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA  
INTEGRALISTA EM BARBALHA-CE.  
(1933-1950)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Ceará- UECE, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá  
Linha de Pesquisa: Oralidade e Cultura Escrita

Fortaleza- CE  
2010

## FICHA TÉCNICA

Sousa, Samuel Pereira

Soldados de Deus e da Pátria: entre práticas cotidianas e a construção da memória integralista em Barbalha-Ce (1933-1950). / Samuel Pereira de Sousa-2010.

168f.: il.

Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual do Ceará, Departamento de História, 2010.

Orientação: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, Departamento de História.

1. Integralismo- Barbalha-Ce... 2. Memória Social. 3. Práticas Cotidianas. 4. Oralidade. – I. Título.



Universidade Estadual do Ceará  
Centro de Humanidades  
Programa de Pós- Graduação em História e Culturas

**Dissertação Intitulada:** “*Soldados de Deus e da Pátria*”: entre práticas cotidianas e a construção da memória integralista em Barbalha-Ce. (1933-1950) de autoria do mestrando Samuel Pereira de Sousa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores.

Dissertação avaliada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **BANCA EXAMINADOURA**

---

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá  
Programa de Pós-Graduação em História- Universidade Estadual do Ceará

---

Prof. Dr. João Rameres Regis  
Programa de Pós-Graduação em História- Universidade Estadual do Ceará

---

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento  
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí

---

Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História e Culturas  
MAHIS/UECE

Fortaleza, agosto de 2010

**À minha filha Heloísa**

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente não poderia deixar de externar, nesse momento, o quanto sou grato pelo apoio e os valiosos ensinamentos dos meus diletos pais, Afonsina Pereira de Sousa e Francisco de Assis Sousa, os levarei para sempre. Sem os esforços por eles enfrentados e a confiança nos meus sonhos, esse trabalho não teria sido concretizado.

Ao meu irmão Saullo Sousa, pela sincera companhia e com quem tenho o prazer de dividir as mais significantes alegrias.

À minha companheira de caminhada e mãe da minha filha, Aline Sousa, pela paciência, dedicação, serenidade e afeto.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Gisafran, com quem aprendi que a simplicidade e humildade são os maiores bens de um profissional. Muito grato por esses anos compartilhados, pelos esforços empreendidos, pela atenção demandada, pelas infidas contribuições e o olhar cuidadoso sobre nossa pesquisa.

Aos meus companheiros e irmãos, Thiago Rodrigues e Davi Siebra, com quem tive a alegria de dividir apartamento, mas também, brincadeiras e vivências. Meus caros fica a saudade dos dias felizes que passamos, entre risos e momentos difíceis, certamente, fizeram da minha caminhada uma empreitada menos árdua. Sinceros agradecimentos.

Aos meus velhos amigos, Diego, Marcos, Alex, Jeane, Pedro Paulo, Joaquim, Raffaella, Glairton, Carla Jaqueline, Mirtes, Caetano e Leonardo, pela sincera amizade.

Aos novos amigos, José de Arimatéa e Francisco Gerardo, pelo companheirismo vivido nos últimos anos.

À amiga caçula, Lorena Lyse. Muito grato pelo apoio nos momentos de dureza. Sentirei saudade das conversas entre um cigarro e outro.

Aos professores do mestrado em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE), Damasceno, Rameres, Willian e Zilda, pelas contribuições na feitura desse trabalho.

As professoras Antonite Cortez e Cláudia Rejane da Universidade Regional do Cariri (URCA), minhas primeiras orientadoras. Obrigado por acreditarem nos meus esforços.

Ao professor Josier Ferreira, pelas informações oferecidas e discussões que nos ajudaram a construir nossa análise.

À professora Giselda Brito, pela atenção e considerações valiosas.

Ao amigo, Augusto, funcionário do Núcleo de Documentação e Cultura da Universidade Federal do Ceará-(NUDOC/ UFC) e a Marcela Mendonça, estagiária do Museu da Imagem e do Som- (MIS/CE), pela ajuda na coleta das fontes.

Aos nossos depoentes, Antônio Gondim, Napoleão Tavares, José de Sá Barreto, Iônio Sampaio, José Atanildo, Joaquim da Cruz e o saudoso René Granjeiro. Agradecido pela contribuição e disponibilidade.

Ao Grupo de Pesquisa, Oralidade Cultura e Sociedade-(GPOCS) e Grupo de Estudos Sobre o Integralismo-(GEINTE), por favorecerem inúmeras leituras e discussões.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico-(FUNCAP), pelo financiamento da pesquisa.

À minha filha Heloísa Sousa. Filha peço-lhe desculpas pelas constantes ausências. Entre as saudades e as dificuldades causadas pela distância, você quem me deu força para o término dessa nova etapa. Te amo.

Enfim, a todos que torceram por mim, agradeço pelas energias positivas emanadas.

## RESUMO

Percebendo os processos de ressignificação da memória e a pluralidade de experiências que revestem o relato oral, neste trabalho pretendemos alçar uma análise acerca da memória do Integralismo na cidade de Barbalha-Ce. A partir das narrativas mnemônicas de pessoas que participaram ou vivenciaram o Integralismo, buscaremos adentrar nas práticas executadas pelo movimento no cotidiano dessa cidade. Para tal empreendimento, trabalharemos com o conceito de memória social, por aferir o caráter dialético que se estabelece entre o indivíduo e o grupo por meio de interações sociais, reconhecimento e alteridade. O cotidiano é entendido como espaço das lembranças que ganha sentido nas alegorias fabricadas pelos depoentes. Assim, as leituras acerca da História Cultural nos favoreceram lançar olhares por outros ângulos, nos quais a percepção sobre a construção do passado se prende a mecanismos que os sujeitos elaboram para dar significado às suas experiências e vivências. Com isso, lançar questionamentos sobre as memórias do Integralismo local é perceber as tessituras das imagens construídas sobre esse movimento e as várias formas de interpretá-lo. Assim, na nossa pesquisa, o Integralismo é apresentado como um movimento que carregou suas especificidades nos locais em que atuou.

**Palavras- chave:** Integralismo em Barbalha-Ce; memória social; práticas cotidianas



## **ABSTRACT**

Perceiving the processes of redefinition of the memory and the plurality of experiences that has the oral narrative, in this paper we want to do an analysis on the memory about Integralismo in the city of Barbalha, state of Ceará. From the mnemonic narratives of people who participated or experienced the movement of Integralismo, we will intend to enter into the practices in everyday life movement performed in the city. For this project, we will work with the concept of social memory, because it considers the dialectical aspect that is established between the individual and the group through social interaction, recognition and otherness. Everyday life is here understood as a space of memories that makes sense in allegories made by interviewees. Thus, the readings of cultural history allow us to expand our vision, in which the perception on the construction of the past is in the mechanisms that people create to give meaning to their life experiences. So, when we question about the memories of the Integralismo, it is possible to see the details of the views built on this movement and the various ways to read it. Finally, in our research, Integralismo is perceived as a movement that is considered in their specificity in the regions where he acted.

**Keywords:** Integralismo in Barbalha-Ce; social memory; everyday practices.

## LISTA DE ABREVIATURAS

**ABC-** Associação Brasileira de Cultura.

**AIB-** Ação Integralista Brasileira.

**APERJ-** Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

**APEC-** Arquivo Público do Estado do Ceará.

**DIP-** Departamento de Imprensa e Propaganda.

**DOPS-** Departamento de Ordem Pública e Social.

**GEINT-** Grupo de Estudo Sobre o Integralismo.

**LCT-** Legião Cearense do Trabalho.

**LEC-** Liga Eleitoral Católica.

**MIS/CE-** Museu da Imagem e do Som do Ceará.

**NUDOC/UFC-** Núcleo de Documentação e Cultura da Universidade Federal do Ceará.

**PRP-** Partido da Representação Popular.

**SEP-** Sociedade de Estudos Políticos.

**BPMP-** Biblioteca Pública Meneses Pimentel

# SUMÁRIO

|                                                                                                                   |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1- INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                        | <b>11</b>  |
| <b>2- A CONSTRUÇÃO SOBRE O IMAGINÁRIO DA CIDADE E O INTEGRALISMO EM BARBALHA-CE: UMA LEITURA POSSÍVEL. ....</b>   | <b>28</b>  |
| 2.1. A CIDADE COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES.....                                                                   | 29         |
| 2.2. CRONISTAS E MEMORIALISTAS: AS SENSIBILIDADES NAS FORMAS DE PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE.....                    | 36         |
| 2.3. A CIDADE A PARTIR DOS RELATOS ORAIS DOS MILITANTES DO SIGMA. ....                                            | 48         |
| <b>3- TESSITURAS DA MEMÓRIA: OS RELATOS ORAIS E A RESSIGNIFICAÇÃO DO COTIDIANO INTEGRALISTA EM BARBALHA .....</b> | <b>63</b>  |
| 3.1. COTIDIANO, EXPERIÊNCIA E TESTEMUNHOS.....                                                                    | 64         |
| 3.2 FRAGMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA: O INTEGRALISMO E SUAS ESPECIFICIDADES ....                                     | 74         |
| 3.3.1 IGREJA, CÍRCULO OPERÁRIO E O INTEGRALISMO: DIÁLOGO COM O LOCAL .....                                        | 88         |
| 3.3.2 ESTRUTURAS DO INTEGRALISMO EM BARBALHA: UM OLHAR SOBRE OUTROS ESPAÇOS .....                                 | 98         |
| 3.3.3 O ESTADO NOVO E AS PRÁTICAS DO INTEGRALISMO NO COTIDIANO DA CIDADE..                                        | 103        |
| <b>4- O TEMPO SOCIAL DA MEMÓRIA INTEGRALISTA EM BARBALHA-CE ....</b>                                              | <b>114</b> |
| 4.1. A MEMÓRIA E SUAS MÚLTIPLAS TEMPORALIDADES.....                                                               | 115        |
| 4.2. MEMÓRIA E HISTÓRIA: DIÁLOGOS E APROXIMIDADES.....                                                            | 125        |
| 4.3. CRONOLOGIA DO INTEGRALISMO: UMA BREVE ANÁLISE .....                                                          | 128        |
| 4.4. TEMPO DA MEMÓRIA COMO TEMPO DA EXPERIÊNCIA: O CASO DO INTEGRALISMO EM BARBALHA.....                          | 131        |
| <b>5- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                              | <b>145</b> |
| <b>6- REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                       | <b>149</b> |
| <b>7- ANEXOS .....</b>                                                                                            | <b>164</b> |

Esta minha história, esta memória que  
se me desliza, não foi escrita ali, mas  
que poderia ser, no futuro, o que se tornou  
logo na prática, a despedida para a vida. Depois  
desta, não há mais espaço, mas esta memória é  
nova. Trabalho - é o trabalho, necessário e o  
que não se cansa. Trabalho - é a vida, a vida  
da profundamente e com para o meu coração. É  
esta qual é a vida.

Infortunadamente, não se foi possível encontrar a  
vida e não foi possível, não foi possível, não foi possível.  
Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.

Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.

Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.

Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.



Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.

Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.

Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.

Esta minha história, esta memória que se me desliza,  
não foi escrita ali, mas que poderia ser, no futuro,  
o que se tornou logo na prática, a despedida para a vida.

# 1- INTRODUÇÃO



Dentro da materialidade que se imprime na escrita de uma pesquisa, operam-se, concomitantemente, trajetórias tomadas pelo pesquisador. São os caminhos percorridos que falam de inquietudes, que esboçam os locais de onde as visões foram deslocadas e como os *rastros* se organizaram para a fabricação de fontes que os possibilitaram compor pedaços sobre o passado.

A feitura das narrativas históricas parte da coleta de cacos deixados pelo passado, sintomas de épocas decorridas, mas observadas do presente, no qual cintilam questionamentos e reflexões. O processo de montagem de uma abordagem passa pelo crivo dos traços portadores de significados, organizados e submetidos ao olhar *detetivesco*<sup>1</sup> do historiador.

O passado é revelado por meio de estilhaços, tal qual um *vitral quebrado*<sup>2</sup> carregado por inúmeras cores e formas, que o historiador tenta montar, não na sua totalidade, pois essa é uma tarefa impossível, mas parte dele, compreendendo-o a partir de análise dos fragmentos e resíduos.

O revelar do passado, longe de ser um processo que se apresenta naturalmente, comporta perguntas, criações, aproximações e estranhamentos. Envolve-se em um conjunto de procedimentos que expressam como foi construído e quais os passos tomados. Dessa forma, a trajetória do pesquisador e os instrumentos por ele utilizados se colocam como relevantes para o entendimento da proposta empreendida.

Para Levi, “incorporar ao corpo principal da narrativa os procedimentos da pesquisa em si, as limitações documentais, as técnicas de persuasão e as construções interpretativas”<sup>3</sup> representa mais que uma nova postura do pesquisador, mas uma forma de evidenciar as possibilidades da elaboração historiográfica.

Nossa pesquisa teve seu começo em 2005, quando estudante de graduação da Universidade Regional do Cariri (URCA). De início, nós nos propusemos analisar um acontecimento ocorrido em 1993 que se referia a um

---

<sup>1</sup> GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1991.

<sup>2</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

<sup>3</sup> LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 153.

plebiscito sobre qual regime político deveria ser adotado no Brasil. A cidade de Barbalha- CE chamou nossa atenção por ter sido o único município do país onde a monarquia havia tido maioria dos votos, recebendo, com isso, a visita de um representante da família real portuguesa.

Ao coletarmos alguns dados sobre o acontecimento junto às pessoas mais idosas da cidade, foi recorrente a seguinte afirmação: “isso foi coisa dos integralistas da cidade”. Sem entendermos tal associação, fomos à procura sobre quem eram esses integralistas e onde poderíamos encontrá-los.

Uma das informações, de início, que nos fez atizar a curiosidade foi de uma senhora, conhecida por dona Josefa. Ao perguntarmos sobre os integralistas da cidade, assim mencionou: “eram aquelas pessoas que vestiam verde, que nas missas ficavam lá na frente, tinha já as cadeiras marcadas. A gente que era pobre ficava lá no fundo e até na porta, dependia como a Igreja estava”.

Continuando nossa indagação, perguntamos se ainda existiam pessoas vivas do integralismo. Ela respondeu: “sim, existe. Eles ficam lá no Calçadão toda noite, cedo da noite, conversando”. O Calçadão ao qual ela se referiu era a Praça Filgueira Sampaio, localizada no centro da cidade.

Dessa forma, as nossas idas à praça mencionada tornaram-se constantes. Na primeira visita, ficamos um pouco afastados como forma de analisar uma melhor maneira de aproximação com os supostos militantes integralistas. Eram cinco senhores aparentando entre 80 e 90 anos de idade. Conversaram mais ou menos uma hora e meia. Depois foram embora.

Na segunda visita, ao nos aproximarmos, notamos que havia entre eles dois senhores que portavam, na lapela de suas camisas, um broche com a simbologia do sigma. Conversavam sobre a implantação do nome de uma avenida da cidade que teria sido aprovada pela Câmara Municipal. A avenida denominava-se Gustavo Barroso<sup>4</sup>. Como nossas leituras sobre o Integralismo estavam no início, aquele nome soou sem nenhum estranhamento.

---

<sup>4</sup> Uma das principais lideranças do Integralismo. Ocupou um dos mais altos cargos na hierarquia deste movimento. Exerceu o cargo de tesoureiro, secretário de segurança e primeiro secretário geral da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Assim, iniciamos um diálogo sobre a política da cidade. Com isso, abriu-se a possibilidades de alguns questionamentos: indagamos se eles recordavam sobre o plebiscito de 1993. As repostas nos foram apresentadas de forma vazia e espessa, sem nenhum detalhamento. Diferente ocorreu quando nos referimos ao Integralismo, as memórias reluziram com uma densidade e significado que nos impressionou. Informaram também que a campanha pró-monarquia teria sido “apenas uma forma de repudiar o materialismo do sistema político liberal”. O antiliberalismo “pregado pelo Integralismo. A monarquia era o único sistema que apresentava essa característica naquele momento”.

Com a abertura e a sinalização para a disponibilidade de entrevistas, começamos a coleta das memórias dos antigos integralistas ainda vivos da cidade. A essa altura, o plebiscito teria sido deixado de lado, devido ao significado que recobria a experiência e histórias contadas sobre o Integralismo.

O interessante foi que sempre as entrevistas eram propostas, por nossos narradores, para acontecerem em suas residências. Era o local, para eles, mais apropriado e onde se sentiam mais à vontade para falarem das suas experiências e recordações. Neste momento, lembramo-nos de Bosi<sup>5</sup>, que, ao tecer comentário sobre as memórias de velhos, aferiu que onde as narrativas mnemônicas fluem com maior significado são naqueles locais em que o narrador se sente seguro para debulhar suas histórias. Pontuou que as residências dos sujeitos que narram se revestem por todo um significado.

Nos nossos cadernos de campo, ficaram anotadas as imagens dos espaços em que se realizaram as entrevistas. Eram locais sempre carregados por fotografias de lideranças integralistas, bandeiras, recortes de jornais que se referiam ao Integralismo, vestimentas do movimento, imagens juntos a Plínio Salgado. Era como se aqueles objetos, guardados com presteza, dialogassem com aqueles sujeitos, erigindo suas lembranças. Como mencionou o senhor Antônio Gondim Sampaio, ao relatar sobre um presente ganho de um amigo, referia-se a um discurso que Plínio Salgado teria feito na Câmara Federal em

---

<sup>5</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

homenagem ao centenário da Batalha de Riachuelo: “é aqui nesse canto que sento e fico olhando pra essas coisas todas e me bate uma saudade”.

Das entrevistas brotaram *histórias fantásticas*. Referiam-se não apenas a dogmas e doutrinas do Integralismo, mas, à medida que as narrativas eram construídas, mesclavam-se as experiências vivenciadas por cada um de nossos depoentes de forma particular. As especificidades das experiências lembradas bordavam com diferentes fios e cores sob um tecido social que lhes conferiam forma e significado.

A partir das nossas preocupações e indagações, surgiram as festas integralistas, os encontros despretensiosos entre os militantes, a escola integralista e seu funcionamento, o ambulatório médico do movimento, os locais de reuniões e as instituições da cidade que eram presididas por militantes. Mas também romances, cartas, biografias, brigas internas e o silêncio. Aspectos que sinalizavam para os processos de sociabilidades e a constituição das práticas cotidianas operadas por esse movimento na cidade.

Voltamo-nos, com isso, para os objetivos que norteiam nosso trabalho: a de perceber como, por meio da dinamicidade dos fatos narrados e ressignificados pela memória, as práticas cotidianas do Integralismo em Barbalha foram apresentadas e a partir de quais mecanismos os relatos orais se apropriaram para a fabricação das imagens sobre o movimento nessa cidade.

Contudo, as nossas inquietudes e preocupações não foram formuladas do vazio. Como suscitou Certeau<sup>6</sup>, toda construção historiográfica prende-se e articula-se ao lugar no qual foi elaborada. Ele instaura métodos, formula perguntas e levanta questões. O ato de escrever é, antes de tudo, um ato de situar de onde partem as análises e de evidenciar os procedimentos escolhidos.

Assim cabe ressaltar que nos prendemos aos novos percursos de abordagens propostos pela História Cultural, na qual o campo da política vem demonstrando ser uma senda que abarca os estudos das *representações*, “colocando questões renovadoras e sugerindo novos objetos”<sup>7</sup> de análise.

---

<sup>6</sup> CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

<sup>7</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.75.



A memória como elemento constitutivo de representações tece as formas pelas quais os indivíduos e a sociedade concebem a realidade e de como essa concepção orienta suas práticas sociais. Representação entendida como o modo que, em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais.<sup>8</sup>

Com essa postura de uma releitura do político, utilizando novos instrumentos, podemos percorrer as tramas desse movimento contemplando as suas experiências localizadas, suas especificidades. Os novos atores, militantes anônimos, antes deslocados da cena da historiografia integralista, aparecem nos trazendo outros olhares e possibilidades. O jogo da política sai do enclausuramento das instituições e tinge o cotidiano com práticas que, às vezes, só são perceptíveis a partir dos processos de ressignificação das narrativas de memória.

Optamos em trabalhar com *memórias de velhos*, por percebermos elementos elucidativos para se problematizar a experiência do Integralismo nessa cidade, contemplando os sujeitos que, ao re-elaborarem seu passado, trazem indícios para perceber como as tessituras sobre esse movimento são construídas por meio do processo dinâmico das lembranças.

Com a nossa participação no *Grupo de Pesquisa de Oralidade, Cultura e Sociedade*, emergiram novos questionamentos, quando do trato com os relatos de memória. Surgiram, também, tantos outros desafios, pois o manuseio com essas fontes requeria um trato teórico-metodológico dosado e atento.

Como utilizar as narrativas orais de velhos militantes integralistas e de pessoas próximas<sup>9</sup> ao Integralismo local sem que nos deixássemos levar por afirmações que exprimiam, à primeira vista, discursos despretensiosos sobre o movimento, como problematizar as experiências narradas?

Compreendemos o relato de memória como uma metodologia que possibilita constituir fontes para o trabalho do historiador. Sua construção

---

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988.

<sup>9</sup> As entrevistas por nós realizadas não se constituíram apenas por falas de militantes do Integralismo local, mas também, de experiências relatadas por filhos de lideranças desse movimento em Barbalha e pessoas contemporânea ao período de atuação do Integralismo no município estudado.

prescinde um aporte teórico para que os traços deixados pela memória ganhem valor de historiografia. Com isso, o conceito de *memória social*<sup>10</sup> nos foi muito revelador, pois, apesar de trabalharmos com a coleta de depoimentos individualizados, suas memórias se interconectavam a um campo mais vasto, o do social. Perceber a porosidade e o fluxo entre o individual e coletivo é entender a memória como fruto de relações sociais, o homem como ser que compartilha experiências e se identifica no processo de alteridade.

Também para esse cotejo foi necessária a utilização das *operações historiográficas*<sup>11</sup>, que buscavam situar as falas, seus valores e lapsos intencionais. Com isso, “por mais bem intencionado que o historiador esteja em relação ao buquê de memória que tenha colhido, ele terá que deflorá-la para poder gestar a história”<sup>12</sup>.

A partir da História Cultural, foi possível adentrar no mundo privado daquele movimento, os romances, as cartas, as biografias<sup>13</sup>, fontes não convencionais para o trabalho com a política, reapareceram, intercambiando informações com as narrativas de memória, em vista a construção de nossas alegorias. As práticas sem espalhafatos e confidenciais abriram as cortinas para percebermos outros espaços que ganhavam vida a partir da dinamicidade dos sujeitos que se movimentavam sobre eles.

Utilizamos, da mesma forma, entrevistas realizadas com militantes de outras localidades do estado, municípios nos quais a atuação integralista se fez mais presente, onde se destacaram os militantes de Fortaleza e Limoeiro do Norte-Ce. Essas estavam dispostas no Núcleo de Documentação e Cultura da

---

<sup>10</sup> A memória pessoal não é concebida como tendo uma origem e um funcionamento estritamente individual. Ela é produto de processos de socialização. Ocupa posição e desempenha papéis sociais dotados de identidades construídas a partir da interação e alteridade. Sendo assim, tanto o processo cognitivo quanto a própria lembranças são influenciados pelo contexto social que os indivíduos se encontram. Ver: FENTRESS, J; Wickham, C. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1994.

<sup>11</sup> CERTEAU, 1982, op.cit.

<sup>12</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da história. Bauru-SP: EdUSC, 2007. p. 206.

<sup>13</sup> Essas fontes foram coletadas nos arquivos particulares de militantes integralistas da cidade de Barbalha. À medida que as entrevistas eram realizadas deixaram indícios acerca da existência de tais documentos, os quais, com o desenrolar da pesquisa foram obtidos e analisados. Contudo, essas fontes não constituíram a discussão central da nossa análise, mas, uma forma de trazer para o corpo do texto informações ainda não trabalhadas quando relacionadas às experiências integralistas no estado do Ceará e as várias possibilidades de abordagem sobre esse movimento.

Universidade Federal do Ceará (NUDOC-UFC) e no Museu da Imagem do Som (MIS-CE). Elas nos serviram para perceber como as experiências, narradas sobre o Integralismo, colocaram-se carregadas de aspectos particulares nas cidades em que atuou.

A cidade de Barbalha como cenário de atuação desse movimento, mas também palco no qual são construídas representações a partir do *imaginário coletivo*<sup>14</sup>, onde se gravam identidades que lhe conferem significados. Não só a Barbalha integralista que pretendemos abarcar, mas as várias cidades que ela comportava, carregada por expressões e imagens elaboradas por quem a experimentou. Assim, para situar espacialmente nossa pesquisa, tornou-se imprescindível a análise sobre a construção das imagens que identificavam a Barbalha dos anos 30 e 40. O Integralismo e as representações de uma cidade conservadora e harmônica apareceram nas entrevistas como estruturas indissociáveis.

Para percepção das diferentes imagens que compuseram Barbalha manusearemos, concomitantemente, as memórias integralistas, narrativas literárias que dissertaram sobre a cidade no período a que se propõem nossos recortes. Cronistas e memorialistas que se debruçaram na tentativa de materializar nas suas obras, as linhas, os traçados, os becos, os cheiros, a sociabilidade daquela gente, os sonhos, ou melhor, os seus desejos de cidade, que se misturavam ao imaginário de uma época.

Pensando na dialética dos tempos que se inscrevem nas memórias, nas experiências como fenômenos localizados e na capacidade que as narrativas mnemônicas têm em redefinir cronologias para os eventos, propomos analisar o Integralismo entre os anos de 1933 a 1950.

Apesar de um expressivo número de abordagem interpretarem o Integralismo como uma experiência que surgiu em 1932 e se estendeu até 1937,

---

<sup>14</sup> O imaginário como a capacidade humana para representação do mundo, com que os sujeitos conferem sentido ontológico ao vivido. Ele é composto de “um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano, da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, concretamente não existem”. In: PESAVENTO, op.cit., p.47.

por meio dos depoimentos coletados, observamos que em Barbalha extrapolou essas datas, considerando-se que o pensamento integralistas e suas práticas, naquela localidade, são mencionadas por nossos sujeitos, com maior veemência, até o fim da década de 1940.

Vistas a mobilidade da memória e a dificuldade que tivemos em encontrar um recorte sobre as primeiras experiências do Integralismo em Barbalha, o ano de 1933 foi definido como a data inicial da nossa pesquisa, devido às leituras feitas em jornais que, ao descreverem o processo de interiorização do movimento integralista no Ceará, evidenciam esse período<sup>15</sup>.

Dessa forma, traçamos uma linha espacialmente reduzida, mas que nos dá fôlego pela análise da História Cultural, possibilitando-nos fazer emergir papéis até então não revelados. Trata-se, portanto, não apenas em aumentar ou diminuir o tamanho do objeto no visor, *mas de modificar sua forma e sua trama*.

Apostar na análise que elege a memória social como opção experimental é reconhecer que a experiência mais elementar, a do grupo restrito ou até dos indivíduos, é mais esclarecedora porque é mais complexa e se inscreve no maior número de contextos diferentes.<sup>16</sup>

Assim, a análise sobre a oralidade desse movimento pode nos revelar novos sujeitos, principalmente ao trazer para o cerne das discussões os atores comuns que tomaram parte do Integralismo, deslocando, com isso, os holofotes, antes voltados para os grandes centros urbanos. Essa abordagem nos ajuda a perceber como as experiências integralistas foram incorporadas nas diversas localidades do país, tendo como instrumento de análise não mais as grandes lideranças nem as estruturas teorizantes que o enquadravam como fenômeno homogêneo.

Em 2007, com a nossa filiação ao *Grupo de Estudo sobre o Integralismo*- (GEINT), que comporta uma expressiva parte de pesquisadores da temática, foi possível ter um contato maior sobre as variabilidades de pesquisas já

---

<sup>15</sup> “Hontem, às 21,30, chegou a esta capital, pelo trem horário, o Capitão Jeovah Motta, de regresso da sua entrada pelo o sertão, em propaganda do ideal integralista e da Legião Cearense do Trabalho... Em Crato, Iguatu, Joazeiro e Barbalha, operou-se um movimento intenso de sindicalização”. Ver: jornal **O Nordeste**, Fortaleza 05 de ago. de 1933. p. 9 - BPMP.

<sup>16</sup> DOSSE, François. **A História à Prova do Tempo**: da história em migalhas ou resgate do sentido. São Paulo: EdUNESP, 2001.

desenvolvidas. Não só apenas pelas leituras de livros, artigos, dissertações e teses, mas o diálogo constante com seus autores e os métodos por eles utilizados, contribuindo, dessa forma, para uma análise mais abalizada sobre a historiografia e seus percursos.

Entre os muitos rumos tomados a partir das análises historiográficas e do processo de outros tantos estudos já produzidos sobre o Integralismo, destacamos, neste momento, apenas alguns trabalhos que nos ofereçam a possibilidade de entendermos como, ao longo do tempo, a temática tornou-se palco de construção e abordagens.

A análise desse processo terá lugar como ponto de partida a tese de doutoramento de Hégio Trindade<sup>17</sup>. Essa obra guarda significados, pois, a partir dela, surgiram vários estudos acerca do movimento integralista no âmbito das Ciências Humanas.

O espaço conquistado pelo integralismo como objeto de estudo mostrou, de início, os esforços dos pesquisadores para esboçar suas análises assentadas em abordagens que procuravam compreender *as gêneses ideológicas* do movimento, tendo como referencial a influência ou não dos regimes totalitários europeus contemporâneos ao Integralismo. Especificamente os de origens fascistas.

Nesse período, os estudos centravam-se em um quadro teórico bastante influenciado pela tradição estruturalista, a de tratar os acontecimentos por meio de olhares que partiam das chamadas superestruturas, nas quais se enquadravam os discursos sobre as ideologias.

Trindade<sup>18</sup> propôs a analisar, além dos aspectos centrados na natureza ideológica do Integralismo, as condições históricas que permitiram seu nascimento. Suas inquietações tiveram origens nas abordagens que explicavam o itinerário do chefe nacional, o nascimento da Ação Integralista Brasileira- (AIB) e a sua transformação no primeiro movimento de massa no Brasil. Esboçou também a estrutura partidária da Ação Integralista, mostrando-nos a formação social dos

---

<sup>17</sup> TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difusão Européia dos livros, 1974.

<sup>18</sup> Ibid., 1974, op.cit.

seus adeptos e como se deu o processo de adesão dos setores sociais a este movimento.

A pesquisa se prendeu, inicialmente, às abordagens das principais obras teóricas produzidas pelos seus militantes como texto de propaganda, ensaios ideológicos e periódicos integralistas. Também pela análise desses documentos, que o autor aventou uma série de possibilidades sobre a natureza ideológica do Integralismo. Para testar as hipóteses suscitadas sobre a formação deste movimento, Trindade elaborou uma metodologia de análise com suporte nas abordagens psicossociológicas, tendo como pressupostos entrevistas semidirecionadas e pesquisa por meio de questionários dirigidos às lideranças integralistas. A partir desses questionários e entrevistas, Trindade buscou entender as atitudes ideológicas dos militantes e as suas identificações com o fascismo.

Outra obra de relevo para a percepção dos primeiros estudos sobre o Integralismo encontra-se na pesquisa de Vasconcellos.<sup>19</sup> Para ele, sua obra buscava compreender “a especificidade do Integralismo como discurso fascista que se insere numa sociedade capitalista periférica”. Porém, sua análise partiu principalmente das leituras sobre as correntes literárias emanadas da Semana de Arte Moderna. Com isso, ao analisar o discurso Integralista, buscou compreendê-lo a partir da teoria de dependência. Igualmente, expôs essa teoria com vista aos processos culturais do 'Brasil Moderno', apontando “as questões de dependência cultural como ponto central da discussão sobre este movimento”.<sup>20</sup>

Assim, percebeu a formação do pensamento do sigma atravessado pelas correntes ideológicas do fascismo europeu, ressaltando as peculiaridades brasileiras e, como forma de justificar sua abordagem, classificou o movimento Integralista de 'fascismo tupiniquim'.

Ainda na perspectiva dos primeiros estudos, caminhando para uma análise voltada para a questão econômica, Chasin<sup>21</sup> tentou desenvolver a relação

---

<sup>19</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. **A Ideologia Curupira**: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

<sup>20</sup> Ibid. p.23

<sup>21</sup> CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

existente entre o fascismo, o Integralismo e o capitalismo, levantando discussões de cunho histórico, social, político e econômico para compreender a natureza da doutrina integralista.

O autor afirma que o Integralismo apenas usou o fascismo como recurso intelectual para alcançar a ideia de regresso ao passado tradicional e cultural ruralista brasileiro. Chasin definiu o fascismo como uma ideologia surgida com base em uma sociedade de expansão econômica combinada com a regressão social e política. No entanto, a corrente de Plínio Salgado representava a própria regressão econômica que se encaminhava para uma idealização da tradição ruralista brasileira, como via de contenção do desenvolvimento capitalista - uma conjuntura histórica e econômica divergente entre os dois países (Itália e Brasil) que, conseqüentemente, resultaram em diferentes naturezas político-ideológicas.

Para o autor, o Integralismo não foi uma cópia do fascismo italiano correspondendo às condições históricas e sociais, mas, sim, um movimento reacionário conciliatório, norteado por valores e interesses da pequena-burguesia parasitária do Capitalismo e inscrito em um panorama de Capitalismo atrasado que incorporou um máximo de tradição ruralista patriótica, rejeitando a dinâmica do mundo Industrial.

Observando os estudos sobre o integralismo pelos primeiros trabalhos da década de 1970, notamos uma grande lacuna sobre as peculiaridades de cada região onde se deu o movimento. A partir dessa perspectiva, surgiram trabalhos que debruçaram seus objetivos em perceber as diferentes roupagens do Integralismo nas inúmeras regiões em que atuou, tendo em vista que os primeiros estudos não conseguiram (ou não pretenderam) dar conta da estruturação do movimento integralista nas diversas localidades do país, ficando apenas uma discussão do movimento enquanto nacional.

Caldeira,<sup>22</sup> ao trabalhar com Integralismo no estado do Maranhão, buscou estabelecer sua abordagem tendo como um dos principais instrumentos de análise os jornais integralistas e não-integralistas editados no estado. Ao manusear essas fontes, percebeu que revelavam o modo como se deu o processo

---

<sup>22</sup> CALDEIRA, João Ricardo. **Integralismo e Política Regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão**. São Paulo: Annablume, 1999.

de formação e expansão do sigma nesta localidade, mas, também, possibilitavam a compreensão sobre a sua composição social, grupos opositores e as suas estratégias de expansão. Com essa perspectiva, articula a realidade social arraigada ao mandonismo local, o discurso anticomunista e cristão preso às alianças entre o clero e os grupos de direita, como fator do surgimento da Ação Integralista nesse estado.

Parente<sup>23</sup> discorreu sobre a experiência integralista no Ceará, especificando que o movimento se concretizou como uma das forças políticas neste estado, devido à bem-sucedida relação com a Igreja Católica. Neste caso, defende que a atuação da Igreja Católica no Ceará, como organizadora da sociedade civil, foi imprescindível para o sucesso do Integralismo no estado.

Outra peculiaridade deste trabalho foi o enfoque dado acerca da maciça participação do operariado no Integralismo no Ceará. A análise foi percebida a partir da aliança entre o Integralismo e a Legião Cearense do Trabalho, em 1932. Essa organização congregava uma gama de sindicatos de trabalhadores e Círculos Operários do estado, trazendo um apoio expressivo por parte desse setor ao Integralismo. Ainda a esse respeito, o autor elucidou que a influência da Igreja Católica, junto ao operariado cearense, revestiu-se como aspecto importante para se analisar tal apoio.

Silva,<sup>24</sup> em seu trabalho, levantou a discussão sobre o surgimento, a atuação, a expansão e o fechamento da AIB no estado de Pernambuco. Essas análises partiram, sobretudo, das leituras de documentos, na sua maioria, dispostos no Arquivo Público de Pernambuco, na sessão de documentos especiais, onde estão arquivados os materiais do Departamento da Ordem Pública e Social (DOPS-PE), que tratam sobre o Integralismo. Tal documentação aludia à atuação da AIB na sociedade, a organização interna deste movimento em Pernambuco e a sua composição social.

Utilizou, da mesma forma, os jornais, sendo que foi a partir deles que a autora esboçou como se deu a fundação do Integralismo em Pernambuco e como

---

<sup>23</sup> PARENTE, Josênio Camelo. **Anauê: os camisas verdes no poder**. Fortaleza: EdUFC, 1999.

<sup>24</sup> SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco**. (AIB-PE): 1932-1937. 1996. 135f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.



se efetuaram as primeiras propagandas e comícios. Esses elementos foram importantes para se entender a dinâmica desse movimento junto à sociedade local.

Na sua análise, foi a partir dos acontecimentos que antecederam a década de 1930 que situou os principais elementos que contribuíram para o surgimento do Integralismo em Pernambuco: a agitação e a insatisfação social das classes alijadas do poder, a crise econômica mundial em 1929 e a incerteza com os partidos políticos que, até então, povoavam a vida pública do país. Tais aspectos fizeram com que diferenciados setores da sociedade pernambucana aderissem às propostas do Integralismo.

A partir das novas demandas e utilização de outras formas de se trabalhar com o tema da política, foi encabeçada, nos últimos anos, a elaboração de trabalhos que esboçaram uma pluralidade de olhares para as questões do Integralismo. Não apenas as gêneses ideológicas e as diferenças regionais comporiam a cena dos estudos sobre esse movimento, mas outras reflexões que, até então, não teriam sido abordadas: a função da mulher no Integralismo, os estudos sobre as fotografias do movimento, a influência da simbologia, a educação de seus adeptos e, dentre essas, a abordagem do tema enquanto local, em cada cidade.

O trabalho de Régis<sup>25</sup> foi pioneiro no Ceará por abordar a lógica do Integralismo nas regiões interioranas do estado. Centrando sua análise em Limoeiro do Norte, percebeu o fato de muitos autores que interpretaram o Integralismo no Ceará terem restringido suas abordagens apenas aos acontecimentos em Fortaleza, deixando espaços vazios quando referidos ao interior e às suas experiências localizadas.

Apesar de o trabalho ter como discussão central as fontes orais no intuito de cruzá-las, o autor utilizou-se igualmente de outras documentações, tais como: O Manifesto de Outubro, A Súmula Integralista, artigos de Plínio Salgado publicados em livros e jornais e documentos da Câmara Municipal do município.

---

<sup>25</sup> REGIS, João Rameres. **Galinhas Verdes**: memória e história da Ação Integralista Brasileira: Limoeiro do Norte- CE. (1934-1937). 2002.174f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Assim, tentando apreender a lógica do integralismo nesta cidade, buscou a partir dos conceitos que envolviam o trabalho com a história e memória, frisando os processos de inflexão da memória, ou seja, a influência da historiografia integralista na constituição das narrativas orais das pessoas que vivenciaram esse movimento naquela localidade.

Brusantin<sup>26</sup> investigou o movimento integralista de forma local a partir da sua base militante, da sua prática política, da sua estratégia de propaganda na imprensa, suas intervenções institucionais e sua ação junto à classe média e operária, em Rio Claro-SP. Com essa perspectiva, esboçou uma análise sobre o tema, até então inédita, referente à percepção das similaridades e as diferenças da experiência integralista entre localidades diversas. Ao traçar tal perspectiva, realizou um trabalho histórico-comparativo entre a intervenção dos integralistas nos sindicatos ferroviários de Rio Claro com a Ação Ferroviária da cidade de Bauru-SP.

Ao apontar as dinâmicas peculiares de cada localidade, a autora defendeu que existiram experiências integralistas diferenciadas, ou seja, 'integralismos', sendo o caráter fascista um aspecto decorrente das especificidades das 'práticas políticas e culturais' de cada localidade onde se concretizou. Esses aspectos foram abordados a partir das práticas dos militantes integralistas e das formas como se deram suas inserções na sociedade brasileira de então

Assim, as leituras das bibliografias sobre o Integralismo nos ajudaram a construir nossos caminhos, possibilitando-nos lançar outras questões a esse tema por muito já trabalhado. Como aferiu Benjamin<sup>27</sup>, a análise de uma pesquisa deve abrir fissuras que se proponha analisar diferentemente os mesmo eventos, construir passagens sem se apegar a métodos dados a priori, tendo a capacidade de construir e reconstruir seus instrumentos favorecendo, dessa forma, para a escrita da história.

---

<sup>26</sup> BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Anauê paulista**: um estudo sobre a prática política da primeira 'cidade integralista' do Estado de São Paulo (1932-1943). 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

<sup>27</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

O nosso trabalho está organizado em três capítulos, que estão descritos abaixo:

O primeiro capítulo intitulado *A Construção Sobre o Imaginário da Cidade e o Integralismo em Barbalha- CE: uma leitura possível*. Procuramos, nesse momento, fazer uma análise acerca da construção sobre o imaginário da cidade, uma forma de apresentar o cenário no qual se desenrola nossa abordagem. Com isso, ressaltaremos como os sujeitos, ao descrevê-la, constroem, ao mesmo tempo, suas identidades. Serão utilizadas narrativas literárias do período que se propõe a pesquisa, mas também, relatos de militantes que ao re-elaborarem as imagens sobre o passado da cidade dão significados ao Integralismo no contexto de Barbalha.

*Tessituras da Memória*: os relatos orais e a resignificação do cotidiano integralista em Barbalha- CE. É o conteúdo do segundo capítulo. Nele, atentamos em perceber de que forma as práticas integralistas se inseriram no cotidiano da cidade. Para tal abordagem, foram manuseadas as memórias integralistas e de pessoas contemporânea ao movimento, mas também informações provenientes de cartas, biografias e outros documentos que aferem sobre o Integralismo em Barbalha. Uma forma de trazer para o corpo do texto informações que não são dadas em documentos tidos como “oficiais”. Com isso, utilizamos o conceito de *práticas cotidianas*<sup>28</sup>, ao envolver a leitura e resignificação da realidade pelos sujeitos envolvidos nas *tramas* do cotidiano e apontar para inúmeras possibilidades de construção dos espaços praticados.

No último capítulo, *O Tempo Social da Memória Integralista em Barbalha- CE* buscamos uma análise a partir do conceito do tempo social da memória, na tentativa de elucidar como os militantes locais descreveram o tempo da experiência integralista nessa cidade, visto que o tempo denso e fragmentado pensado pela memória nem sempre se enquadra ao proposto por datas pré-fabricadas nem com aqueles pensados em uma ótica cronológica impressos em calendários, mas se afigura nos tempos experimentados, cheios de significado para quem recorda. Com isso, atentaremos para uma releitura do tempo da

---

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: a arte de fazer. 4ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

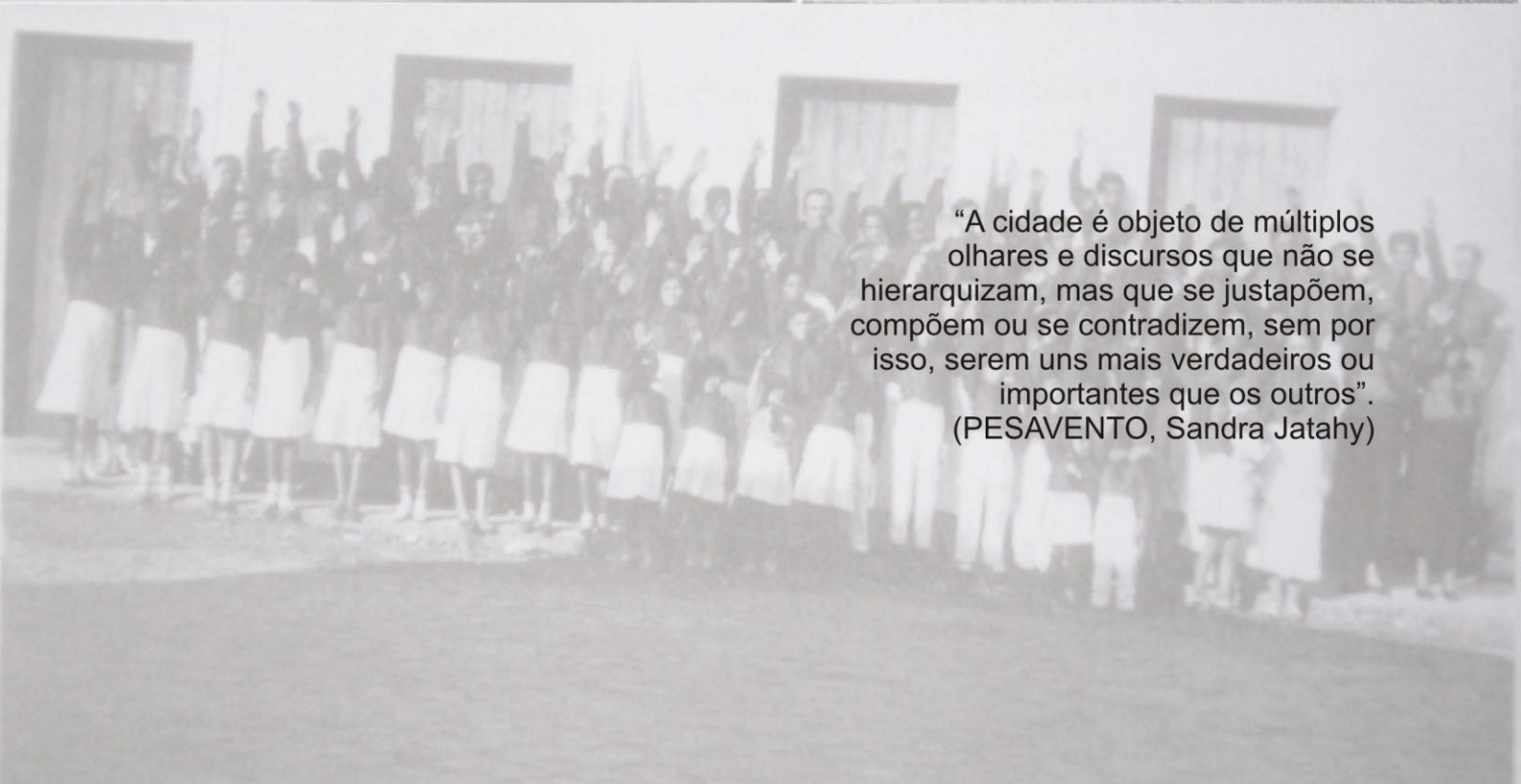
atuação do Integralismo em Barbalha por meio das narrativas de memória dos seus militantes.

Portanto, no texto a seguir, encontra-se uma análise acerca dos processos de elaboração e ressignificação das memórias integralistas em Barbalha-Ce, mas também uma discussão sobre as práticas cotidianas desempenhadas pelo movimento nessa cidade. Nossos olhares sobre as questões levantadas se deslocam das abordagens trabalhadas pela História Cultural, ao perceber que é por meio das representações do passado evidenciadas no presente que os sujeitos buscam dar significado as suas práticas e experiências vividas. Assim, a partir das preocupações aferidas, o Integralismo é apresentado na nossa pesquisa como um movimento que carregou suas especificidades nas localidades em que atuou.



CONSTRUÇÃO SOBRE O IMAGINÁRIO  
 INTEGRALISMO EM BARBOSA  
 LEITURA POSSÍVEL

# ANÁRIO DA CIDADE LHA-CE: UMA



“A cidade é objeto de múltiplos olhares e discursos que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros”.  
(PESAVENTO, Sandra Jatahy)

### *2.1. A cidade como campo de possibilidades.*

É por meio dos matizes de olhares que incidem sobre a cidade que pretendemos apreciar o imaginário sobre Barbalha, especificando, no entanto, a construção das identidades urbanas expressa nas narrativas de cronistas, memorialistas e relatos de pessoas contemporâneas, e que participaram do integralismo em Barbalha.

Trata-se de uma forma de entender como o movimento Integralista ganha sentido na construção desse imaginário no qual a cidade pode ser descrita com seus traços católicos, aristocráticos, cívicos, rurais e, até mesmo, como “cidade integralista”<sup>29</sup>.

As identidades urbanas pressupõem uma visão mais geral, socialmente sancionada e que é fruto de um imaginário coletivo.

O imaginário trata também da elaboração de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva, “mediante o qual elas se atribuem uma identidade, estabelecem divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros”.<sup>30</sup>

A interpretação sobre a cidade permite inúmeras leituras e resulta de uma diversidade de imagens e escritas, orientadas por diferentes opções metodológicas. Com isso, trabalharemos o imaginário compreendido como sistema de ideias e imagens coletivas que os homens constroem por meio da história para dar significado às coisas.

O imaginário é fruto do real que o elabora e das práticas sociais que lhe conferem uma legitimidade, criada para afirmar, contrapor e dar transfiguração à realidade. Composto por representações que irradiam imagens sobre o mundo, seja pelas experiências vividas e experimentadas, seja pelos sonhos, pelos desejos, pelos medos que se inscreveram/inscrevem em cada época de maneira própria. Refere-se ao intocado, mas também ao visível. Sendo que é por meio da

---

<sup>29</sup> NEVES, N.T. Napoleão Tavares Neves. Depoimento. [mai. de 2007].

<sup>30</sup> BACZKO, apud 1984. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, n. 29, p. 9-27, jan/jun 1995. p.16.

elaboração e reelaboração de imagens, a partir de olhares e modo de sentir de cada sociedade, que expressa significados, que passa a ter força, revelando características da realidade.<sup>31</sup>

São as representações coletivas que os homens elaboram para qualificar, classificar e dar significados ao vivido, ou, ainda ao não vivido, ao qual atribuem valores, identidades expressas em um processo social e histórico.

Portanto, o imaginário, inscreve-se em um campo de representações, manifestado pelas expressões do pensamento, que se qualificam por imagens e discursos que pretendem dar uma definição aos acontecimentos.

As percepções sobre o urbano nos são apresentadas tais quais um 'espectro', que carrega imagens e discursos, dando-nos a possibilidade de pensar a cidade como um cenário de inúmeras representações organizadoras dos “esquemas de percepção e apreciação, a partir dos quais os indivíduos classificam, julgam e atuam”.<sup>32</sup>

Nessa perspectiva, a nossa estratégia metodológica se prende, a rigor, às técnicas que elegem a justaposição e o contraste das imagens construídas sobre Barbalha, como forma de percebermos as interpretações que dela emanam.

Tais medidas não são em si excludentes, pois, na prática, o historiador se apropria tanto de uma, quanto da outra, contextualizando os objetos de análise e apontando as formas pelas quais são constituídas as imagens sobre o passado, na busca de uma construção que favoreça significado.

Nosso olhar sobre este *corpus* é indiciário, a partir dos “fios e rastros” que ajudam a nos “orientar no labirinto da ‘realidade’”, colhendo os sintomas, indícios em um cuidadoso processo de combinação e cruzamento, que permitam oferecer deduções e desvelar significados.<sup>33</sup>

É como evidenciar as falas compostas nos textos de outra época, revelando valores de outro tempo. Possibilidade essa que passa pela organização e composição desses rastros, fazendo com que as abordagens tornem-se tramas

---

<sup>31</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações: uma trajetória. In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v.3, n. 23/24, p. 45-58, jan/dez. 2006.

<sup>32</sup> CHARTIER, Roger. Uma Crise da História. A História entre Narração e Conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001. p. 121.

<sup>33</sup> LEVI, 1992, op.cit.

“decifráveis e coerentes”. Os rastros, como “marca essencial de historicidade”, possibilitam anunciar pistas para composição de aspectos sobre o passado.

Contudo, Pesavento<sup>34</sup> acrescentou: o que o profissional de História busca na reconstrução de fatos e acontecimentos, a partir dos indícios, afigura-se a uma atividade de criação e reelaboração. Consiste em uma tarefa de montagem e composição dos traços oferecidos pelo passado. Dessa forma, a escrita da História passa pelo crivo do cruzamento dos dados fragmentados do passado, sobre os quais se tecem as narrativas, na procura de desvendar as tramas armadas que emergem do/sobre os acontecimentos.

Matéria-prima da História, as fontes são consideradas como artérias possíveis de construir uma representação plausível daquilo que teria ocorrido um dia ou daquilo que se apresenta como possibilidade de interpretação para o olhar do historiador, em que ele constrói sua versão. Com isso, a História é revestida de uma função de reelaboração/recriação constante, em um processo inacabado e permanente na busca de reinventar o tempo e recuperar significados.

Em nosso modo de ver, a História é encarada como uma prática interpretativa, na qual o historiador recolhe os indícios dados pelo passado e incide sua visão sobre ele. Por ora, esses indícios se apresentam dispersos, por vezes, apenas percebidos pela sensibilidade do olhar do pesquisador.

Por uma História Narrativa, ou uma Narrativa da História, que busca, como nos falou Paul Ricoeur<sup>35</sup>, as (re) figurações de uma experiência temporal, pois a História é uma descrição do mundo que não se pauta em certezas absolutas, mas estabelece, através de regime de verdade, possibilidades de interpretações.

O narrador-historiador, para ele, é aquele que se vale de provas - os indícios, cuidadosamente pesquisados, selecionados e dispostos em uma rede de analogias e combinações de modo a revelarem significados. A Narrativa como uma prática que constrói a própria noção de temporalidade e, portanto, articula o próprio passado e seus eventos.

---

<sup>34</sup> PESAVENTO, 2008, op.cit.

<sup>35</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. 3ª ed. Capinas: Papyrus, 1994.



Caminhamos pelos espaços do possível, do verossímil, daquilo que pode ser captado, por meio de uma prática que lança questionamentos e busca explicações para as perguntas feitas. Não preocupada com conceitos que figurem a verdadeira face da realidade estudada, mas que deduza aspectos de aproximação com essa realidade; representações que dão inteligibilidade aos acontecimentos que se colocam no cerne da nossa análise.

Dessa forma, é preciso recolher os traços e registros do passado, realizando com eles um trabalho de construção, por meio de montagens capazes de produzir sentido. As peças podem ser articuladas em composição ou justaposição, cruzando-se em todas as combinações possíveis, “de modo a revelar analogias e relações de significado, ou então, combinam por contrastes, a expor oposições ou discrepâncias”<sup>36</sup>.

O nosso modo de fazer, prende-se ao mecanismo que colhe fragmentos em um processo de montagem e desmontagem, que se qualifica em um olhar arguto sobre o indiciário. Onde as marcas do passado, sejam elas as mais subterrâneas que se encontram nas fendas da documentação, passam a ser submetidas a análise do historiador.

Falar do Integralismo em Barbalha é aportar nas imagens construídas nos discursos e memórias sobre esta cidade. É penetrar nas representações que se esboçam em fragmentos deixados por aqueles que as descreveram. É, sem dúvida alguma, uma história de composição em mosaico.

A partir das imagens socialmente elaboradas, buscamos entender o cenário dessa localidade, interligado aos fatores culturais<sup>37</sup> e políticos que fizeram de Barbalha uma das cidades do interior cearense que melhor receberam o Integralismo. Barbalha como o referencial de circunstâncias ou ainda o quadro de contingências que demarca a situação a ser analisada.

---

<sup>36</sup> PESAVENTO, 2008, op.cit., p. 52.

<sup>37</sup> A cultura vista “como um conjunto de significados partilhados, como uma produção social e histórica a se expressar, através do tempo, em valores, modos de ser, objetos, práticas. A Cultura é ainda uma forma de leitura e tradução da realidade que mostra de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos, às coisas, às ações e aos atores sociais apresentem-se de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa. A cultura é uma tradução do mundo em significados, não é o reflexo dessa realidade”. Ibid. p.46.

Pretendemos, nesta análise, reconstituir uma situação particular, sobre as maneiras “como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que as ligam ou dos conflitos que os opõem”.<sup>38</sup>

Nossa análise incide luz a partir da abordagem que contempla a problemática de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como ponto de partida. Neste caso, o palco é a cidade de Barbalha com suas especificidades, suas práticas e seus valores encenados por aqueles que a vivenciaram.

Para Walter Benjamin, toda escrita da História implica um tempo do agora, tempo em que as questões postas pelo presente lançam-se sobre o passado buscando respostas.<sup>39</sup>

A cidade é escrita e reescrita a partir de vários ângulos, com valores que se prendem de acordo com o olhar de quem a observa, revelando inúmeras histórias. Assim,

[...] cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesmo, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Neste curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos.<sup>40</sup>

O Integralismo foi um movimento que carregou marcas de experiências específicas de uma dada localidade e seus valores. Buscar a compreensão do particular sobre este movimento é penetrar no seu cenário de atuação por meio dos discursos, imagens, práticas sociais e representações sobre esta cidade. É observar, no imaginário daqueles que a experimentaram no passado, laços que tornem perceptíveis a disseminação de suas práticas. A cidade é violada através dos significados que a classificam e a qualificam, produtora de imagens e discursos e portadora de significados que dão sentido ao cotidiano, que conferem

<sup>38</sup> CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Revistas Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.97-113, jul./dez. 1994. p. 98.

<sup>39</sup> BENJAMIN, 1987, op.cit.

<sup>40</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade**: visões literárias sobre o urbano. 2ª ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002. p.17.

formas 'à realidade tangível'. Dessa maneira, podemos compreender o Integralismo, pelo seu campo de atuação, a cidade de Barbalha e os significados que dela emanam.

A cidade é evocada pelas imagens do vivido, atingida a partir da memória social, fazendo com que essas imagens transmitam significados; não apenas à cidade na concretude da materialidade que dá forma ao urbano, mas a sensibilidade que permite acessar e recriar o passado.

Compreende-se por sensibilidades,

As formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida.<sup>41</sup>

São as “cidades sensíveis e imaginárias” responsáveis pelas atribuições de sentido que se revelam “pela recepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano”.<sup>42</sup>

Pensada e projetada por quem nela habitava, assim é uma cidade, construída pelo pensamento que lhe confere identidade e classificação. Mas, também, ela revela práticas e atores que se inscrevem nos espaços urbanos. A partir das imagens que sobre ela incidem, oferecem ao pesquisador enxergar e apreciar como ela foi elaborada.

As cidades escondem seus segredos, seu destino, sua forma de comunicar-se com seus habitantes e, acima de tudo, mostram-se como um enigma a ser desvendado de acordo com o olhar de quem a observa.

Descobrir a cidade pelo olhar implica reconhecer as diferentes imagens e textos que contam a sua/suas história/histórias.

Para Pesavento, a cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é “um espaço com reconhecimento e significado estabelecido na

---

<sup>41</sup> PESAVENTO, 2008, op.cit., p.57.

<sup>42</sup> Ibid. p. 14.

temporalidade; ela é também um momento no espaço, pois expõe o tempo materializado numa superfície dada”.<sup>43</sup>

A leitura de uma cidade pode ser feita pelos textos dos “narradores”, dos discursos cotidianos, textos esses escritos ou pronunciados/falados.

Trata-se de interpretar e ler os textos do seu imaginário e, sobre isso, podemos aferir que:

Para além das palavras escritas, há aquela da oralidade, que implica outra forma de dizer a cidade, através do som e das palavras ditas. Entram em cena, assim, os recursos de uma história oral, recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitindo no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado.<sup>44</sup>

O relato oral/ narrativa da memória opera a partir de mecanismos no qual o narrador constrói/ reconstrói “a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado aos seus eventos”.<sup>45</sup> Neste caso, o depoente é o ‘senhor do tempo’, no dinâmico processo de (re) elaboração do passado, sendo que a volta pressupõe aspectos que dizem respeito à produção de sentido para o passado e para sua vida. As lembranças sobre a cidade do passado carregam intrínsecos, seus valores e identidades.

As crônicas nos dão a possibilidade de articular tramas tecidas no cotidiano. Elas são expressas pelo vivido e montadas por alegorias que ganham forma através do imaginário, no qual o cronista compõe fios, interliga redes e articula as experiências.

Contudo, a crônica se relaciona com a leitura de um tempo carregado de significado para a época na qual foi escrita. O cronista, tal qual o *flâneur*<sup>46</sup>, tem a capacidade de um olhar cuidadoso, sensível, quiçá microscópico do seu cotidiano. Resgata os sonhos, o ordinário, o não percebido por um olhar menos atento.

Pesavento, no entanto, referiu que o ofício do historiador,

---

<sup>43</sup> PESAVENTO, 2002, op. cit., p.15.

<sup>44</sup> Ibid. p. 20.

<sup>45</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, op. cit., p. 43.

<sup>46</sup> BENJAMIN, 1987, op.cit.

[...] nos faz olhar para as crônicas passadas como registros sensíveis de um tempo e nelas procurar realizar aquela ambição de captar o sentido das ações e das formas dos homens do passado perceberem a si próprios e ao mundo. Para o historiador do presente a crônica se oferece como um exercício imaginário para operações das sensibilidades passadas<sup>47</sup>

A crônica revela ao leitor o que estava debaixo dos seus olhos, captando o que, até então, não era notado e que, agora, se torna objeto de reflexões e julgamento.<sup>48</sup> Mas este 'revelar' pressupõe um saber explorar, interpretar as falas dispersas e sutis que compõem as suas narrativas.

Com isso, não nos preocupamos, neste momento, em eleger a relação da História com a Literatura, como se fosse uma discussão que se coloca como principal dentro do nosso trabalho, mas sim, enunciar as possibilidades que as fontes literárias nos favorecem para o enriquecimento da nossa abordagem.

Assim, a interlocução entre história e literatura possibilita a construção de aproximações historiográficas que permitem a reconstrução da História sob novas perspectivas de abordagens que revelam sensibilidades, sentimentos e representações de práticas sociais das quais emergem múltiplas figuras, diversos espaços, oriundos da interação com os fatos, narrativas de memória de diferentes atores que realizam história e histórias.

Portanto, “as cidades escritas e as cidades faladas são, todas elas, cidades imaginárias, que o historiador da cultura busca recuperar”.<sup>49</sup>

## ***2.2. Cronistas e Memorialistas: as sensibilidades nas formas de percepções sobre a cidade***

Analisar as imagens e discursos que atravessam as narrativas de memórias e crônicas é buscar estabelecer uma articulação entre História e Literatura, como forma de possibilidades interpretativas do passado. O passado é

<sup>47</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 5, n.7, p. 29-37, jul./dez.1997. p. 31.

<sup>48</sup> ROCARI, Luís. A Estampa rotativa na crônica literária. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, v. 46, n. 1-4, jan/dez. 1985.

<sup>49</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginária. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p.11-23, jan./jun. 2007. p, 20.

dado a ler pela recriação do tempo transcorrido, ou melhor, do tempo escoado. A nossa tarefa, então, é dar historicidade a esse tempo e às tramas que nele se desenvolveram.

Nesse contexto, Sarteschi mencionou que:

[...] a referência literária é a mimesis, no sentido de metáfora criativa da realidade, de sua reduplicação simbólica. Dessa forma, a pretensão referencial da ficção narrativa consiste, precisamente, em tratar de descrever novamente a realidade a partir das estruturas simbólicas da ficção: jogo com o tempo, com a distância, com a perspectiva ou com as vozes presentes no texto.<sup>50</sup>

Estabelecer sentido para essas falas é desvendar parte de uma 'realidade' que se fragmentou por meio de símbolos, metáforas e discursos. É constituir rastro, pois a busca da realidade dos fatos é uma quimera. Devemos, sim, buscar como os acontecimentos e fatos ganham realidade historicamente significativa, a partir de interpretações que nos tragam sentido. Pois, é na articulação entre a realidade tida como objetiva e a realidade sonhada e desejada na qual se inscrevem a historicidade das coisas, imprimindo formas de comportamentos, atitudes e práticas sociais.

Nesta abordagem, a literatura é parte de um *corpus* documental, um objeto de análise que se produz e é revelado a partir dos questionamentos que lançamos sobre ela. Reveste-se por características vindas do real, do experimentado. Guarda valores e ganha sentido no tempo e no espaço no qual foi construída.

A obra literária é uma evidência histórica, fala sobre o tempo e o espaço da sua construção. Comporta valores e sentimento de uma determinada época. Por isso que elas devem ser interrogadas a partir de suas propriedades específicas.

Em outras palavras, Chalhoub e Pereira ressaltaram que é preciso “desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos,

---

<sup>50</sup> SARTESCHI, Rosangela. O Diálogo Entre a Literatura e História na Constituição das Identidades Nacionais nos Países de Língua Oficial Portuguesa. In: Universidade de São Paulo; Universidade de Évora; Universidade Cruzeiro do Sul. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**, São Paulo v. 1, n. 3, p. 1- 8, mai./jun. 1991. p. 5.

dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico”.<sup>51</sup>

Percebemos que crônicas e memórias são gêneros literários diferentes, isto é: a crônica é uma forma de registro que não aspira permanecer nas memórias, é constituída por um texto ligeiro, escrito no calor dos acontecimentos cotidianos. Carrega uma leitura fácil e, assim como os jornais, de consumo descartável.

Já as memórias envolvem múltiplos tempos; tempo das lembranças que tem como característica postergar imagens. Mas o que nos importa é que essas narrativas guardam valores importantes para se perceber as formas de leitura de uma época.

A Literatura, na sua forma narrativa, mantém algumas semelhanças com a História, pois ambas buscam a '(re) figuração de um tempo'. Apesar, de que a Literatura diferentemente da História, não está submetida à comprovação nem condicionada à testagem.

A sua articulação com a História continua a ser, na nossa análise, a de um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta, ou seja, “a leitura da Literatura pela História não se faz de maneira literal, e o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa”<sup>52</sup>.

Neste caso, os textos literários são “constructos e não simulacros” de uma realidade. Pretendemos, com eles, incidir nosso olhar como uma forma de problematizar e conhecer esse passado. Trata-se, então, de violar as narrativas literárias na busca de um entendimento sobre suas formas de interpretar, ou melhor, de representar o real.

Com isso, pretendemos ver na literatura uma maneira de analisar a cidade sob outro aspecto: como ela foi pensada, vivida, imaginada. Ela é

---

<sup>51</sup> CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). **A história contada**. Capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1998, p.7.

<sup>52</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relações entre História e Literatura e a Representação das Identidades Urbanas no Brasil (Século XIX e XX). In: **Revista Anos 90**. Porto Alegre, v. 3, n.4, p.115-127, jun./dez. 1995. p.118.

representada em suma, reconhecida e identificada, sendo que é o jogo da identidade e alteridade que a torna única frente às outras cidades.

As principais obras, em que se pauta esta abordagem, foram escritas por memorialistas e cronistas, no período em que se enquadra nossa pesquisa. São elas: "Memória-Menoridade",<sup>53</sup> de Antônio Martins Filho, "Barbalha em Tempos Passados"<sup>54</sup>, de Fernando Henrique Lopes Sobrinho, e as crônicas de Odílio Cardoso de Alencar dispostas em seu livro "Recordação da Comarca".<sup>55</sup> Utilizaremos, do mesmo modo, fragmentos de narrativas literárias, partes de outras obras, que se referem à cidade neste período, por sua importância para a compreensão do imaginário e das identidades construídas sobre Barbalha.

Ressaltamos que as percepções sobre Barbalha, a partir dos três autores citados, partiram de ângulos diferenciados e particulares. Olhares que falavam do seu tempo, dos seus valores, de angústias, sonhos, incertezas, mas contemplados pelo vivido, o experimentado. Narrativas em que o cotidiano ganhou cores e foi representado pelo movimento de suas ruas, da sua gente, dos casarios, dos becos, cheiros, costumes e práticas, mas também pelo silêncio, o rotineiro, o incessante.

São esses aspectos que classificam e qualificam uma cidade, que desenham sua caricatura e fazem do seu tempo e espaço, lugares e ocasiões únicos.

Para aguçar a compreensão do processo de construção dessas fontes, faz-se necessário identificar qual a origem dessas falas. Com quais lentes Barbalha foi observada e através de quais escritas esses narradores a materializaram?

A narrativa de Martins Filho foi marcada pelo tempo de incertezas e da saudade; saudade das brincadeiras, das molecagens que se davam entre a Rua do Fogo e a Rua do Vidéo, onde residiu. Saudade da Barbalha com sua vida simples e provinciana. Do vadiar pela bagaceira e tomar garapa nos engenhos dos

---

<sup>53</sup> MARTINS FILHO, Antônio. **Memória- Menoridade**. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1991.

<sup>54</sup> LOPES SOBRINHO, Fernando Henrique. **Barbalha em Tempos Passados**. Barbalha: Imprensa da Prefeitura Municipal de Barbalha, 1987.

<sup>55</sup> ALENCAR, Odílio Cardoso. **Recordações da Comarca**. [S.l.: s.n.] [ca. 1960].



sítios circunvizinhos. Do perambular pelas ruas, das feiras de sábado e o vai-e-vem daquela gente e seu modo de viver. Do comércio que pertenceu a seu pai, local de longas conversas, da sociabilidade daquela população, da casa em que nasceu e da cidade onde viveu os 'longos tempos da sua infância'.

Mas, também, pelas incertezas, das crises financeiras de sua família, do comércio instável e pouco lucrativo, da necessidade de morar em outras cidades e deixar a vida segura da velha Barbalha. Traços delineados por suas reminiscências que ganham vida nas alegorias e tingem o seu olhar sobre a cidade.

As memórias de Henrique Lopes Sobrinho se revelaram por uma descrição físico-econômica e administrativa sobre Barbalha. A cidade foi representada a partir de sua arquitetura, ruas, igrejas e sobrados; dos limites geográficos, da vida política, do coronelismo; das instituições culturais, religiosas e políticas. A sua leitura sobre a cidade prendeu-se a um observador jornalístico e à sua atuação política, como nos falou a autora do prefácio desta obra, contemporânea e amiga deste autor, “Henrique Lopes esteve presente aos principais acontecimentos desta cidade, quer como redator de jornais, quer à frente da administração deste município, como político atuante”.<sup>56</sup> A cidade em Lopes Sobrinho apareceu com traços de um lugar agradável de se viver, com bulevares pavimentados, igrejas, escolas, homens importantes na vida intelectual e política, como ele mesmo afirmou: “cidade da cultura”, um local que “gozava paz e prestígio graças à harmonia de chefes locais e seus amigos”.<sup>57</sup>

Relatou, além disso, os atritos políticos, mas nada que perturbasse a tranquilidade da cidade. Na Barbalha de Lopes Sobrinho, não havia movimento de pessoas comuns a vaguear por suas ruas. A cidade foi representada por valores calcados na vida privada dos seus chefes políticos, nos quais lançou sua visão sobre a cidade.

A escrita de Odílio Cardoso foi composta de características que se referiam aos costumes da vida daquela população. A sua forma de representar o cotidiano prendeu-se às relações de poder e apadrinhamento às quais Barbalha

---

<sup>56</sup> COUTO, Tereza. In: LOPES SOBRINHO, op.cit., p.2.

<sup>57</sup> Ibid. p. 9.

se configurava. Descreveu a vida simples das pessoas comuns, ordinárias, remontando seus valores e a forma como viviam. Adentrou na vida privada dos grupos detentores, trazendo-nos as maneiras com que davam significado às suas práticas. A sua leitura sobre Barbalha foi marcada por uma mescla, a qual o homem comum e os grupos detentores ganhavam sentido em uma sociedade conservadora. Uma leitura ligada ao seu ofício de promotor da cidade, o que permitiu que inúmeras histórias fossem desvendadas por meio do contato, dos processos analisados, das relações de forças, das perseguições. O interessante, na sua forma de abordar a cidade, foi a de perceber uma Barbalha misturada, onde suas ruas são marcadas pelo perambular de multicoloridas pessoas, local de grupos abastados como também lugar dos sujeitos anônimos.

É importante esclarecer que, apesar do espectro das abordagens contempladas por essas obras, os olhares dos construtores foram direcionados a partir dos casarios e dos sobrados da cidade. Prenderam-se a valores disseminados por grupos detentores dos poderes político e econômico locais, seus modos de viver e sentir aquela sociedade.

As imagens sobre a cidade de Barbalha nos chegam por vias abertas nas alegorias desses narradores, ora desenhada por sua arquitetura, ora enfatizada pelos traços sensíveis do cotidiano de suas ruas, onde reluzem seus valores que nos falam sobre seu passado.

O que essas narrativas guardaram em comum foi a cidade de Barbalha como palco de representações e imaginários coletivos. A construção da identidade de uma cidade através dos discursos elaborados a partir da experiência desses narradores. Assim, é a partir dos indícios deixados por autores que pretendemos incidir os nossos questionamentos, na busca de analisar o processo de construção das imagens sobre a cidade de Barbalha e seus significados.

A cidade de Barbalha no período estudado contava com, aproximadamente, três mil habitantes no seu perímetro urbano, enquanto no município, na sua totalidade, esse número subia para 21 mil.<sup>58</sup> Tratava-se de

---

<sup>58</sup> Esses números são aparentes, visto que os dados censitários referentes aos anos de 1920 e 1930 não constam nos arquivos do IBGE do Ceará. Assim, tomamos como base as taxas de crescimento entre 1940 e 1950. In: SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Barbalha: entre o controle a autoridade.** (1928- 1998). 2000. 183f. Dissertação (Mestrado em

uma cidade pequena e de hábitos estreitamente ligados aos costumes e valores de uma sociedade rural.

O estudo realizado por Lopes Sobrinho mostrou um levantamento demográfico, institucional e arquitetônico da cidade. Lopes Sobrinho assim descreveu a Barbalha da década 20 e de 30.

A cidade de Barbalha, já conta 738 casas, entre as quais 6 sobrados. Possui a cidade ótima e bem paramentada Matriz que mede 88 palmos de frente e 206 de fundos, 1 Casa de Caridade, fundada em 1869, um cemitério com bonita capela a qual mede 116 palmos de fundo e está colocada num alto, que lhe dá vista pitoresca para todos os lados, sobretudo para o lado do grande brejo salamanca; boa Casa de Câmara, com seguríssima cadeia; uma cacimba pública, à margem direita do brejo; 2 escolas públicas freqüentadas por 93 alunos do sexo masculino e 65 do feminino; um pequeno colégio com 16 alunos e 2 aulas noturnas. Conta com 2 farmácias, 19 lojas de fazenda, molhados, ferragem, 16 tabernas além do crescido número de vendolas. A população do município é de 18.000 almas e a da cidade é de 2.493, sendo 1.111 do sexo masculino e 1.382 do feminino.<sup>59</sup>

O que nos importa, no entanto, apesar dos dados significativos sobre Barbalha, pontuados pelo autor, foi a sua percepção sobre a cidade. Na descrição de Lopes Sobrinho, a cidade foi vista a partir de traços agradáveis, apesar de pequena, mas com expressivo desenvolvimento para a época. O autor seguiu com sua descrição:

Em Barbalha já existe Telégrafo Nacional, inaugurado em 11 de outubro de 1899, funcionando em prédio particular na Rua do Vídeo; Agência dos Correios, onde são expedidas duas malas por semana, aos domingos e quartas-feiras; um escritório de comissão no qual estabelecem uma pequena livraria e venda de revistas e jornais; pensões, hotéis, bilhares e cafés. Consultório dentário, médicos e advogados.<sup>60</sup>

Podemos observar, nessa leitura sobre Barbalha, uma outra cidade, uma 'cidade imaginária', em que contempla o que lhe foi agradável e salutar, mas também o aspirado e o desejado. A Barbalha em Lopes Sobrinho correspondia a uma cidade estática, de números, características essas que falavam sobre a sua forma de descrever a cidade, do local onde incidiu sua visão. Quanto às

---

História) Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 20.

<sup>59</sup> LOPES SOBRINHO, op.cit., p. 5.

<sup>60</sup> Ibid. p. 28-29.

representações, a constituição de imagens sobre uma cidade foi “sempre uma versão sobre o 'real', que resulta de opções e escolhas”.

Lopes Sobrinho não dava importância às outras cidades contidas na Barbalha que descrevia; a cidade fétida, esburacada, do povo de costumes desregrados. Certamente, isso se dava em função de sua condição social, pois uma boa parte da obra foi produzida no fim da década de 1920, período em que ainda administrava o município de Barbalha.

Para ele, importava ressaltar as ‘grandes figuras’, as ‘personalidades’, ao considerar que Barbalha era o lugar de: “distintos políticos, de homens de responsabilidades inatacáveis”, de “ilustres representantes” não só no regime monárquico como também no republicano. “Terra de Martiniano de Alencar”, local de riquezas naturais, “cidade das letras”.

Foi a partir de tais imagens que Lopes Sobrinho deu forma à cidade. Essas representações foram historicamente construídas, ou seja, se colocaram a partir de um campo de força onde se enfrentaram e se definiram as representações do real. Sua escrita estabeleceu marcos e delimitou espaços, selecionando aquilo que deveria ser lembrado ou esquecido.

A cidade era desenhada com traços expressivos do rural, do pacato, da simplicidade da vida interiorana, como descreve Nívia Leite, nos anos de 1940, ao lançar seu olhar sobre Barbalha, enfatizando que, “em nossas ruas tristes e tristonhas, passam lentos e tardinhos carros de bois a derramar saudades”.<sup>61</sup> O sensível expõe a cidade por meio de seus traços elaborados no vivido e no experimentado, a cidade é dada a ler por seu cotidiano que expressa suas características, onde o rural e o urbano se misturavam, dando forma e significado à cidade.

Marciano Sampaio, ao falar sobre a sua infância na Barbalha dos fins dos anos de 1940 e início de 1950, revelou- nos:

[...] os tempos eram outros, o ritmo totalmente diferente, a cidade adormecia porque as noites ficavam escuras; a energia elétrica era desligada antes das 23:00 horas. Não existia televisão. Na prática,

---

<sup>61</sup> LEITE, Nívia apud SAMPAIO, Iônio. **Panfleto comemorativo do aniversário do Centro de Melhoramento de Barbalha**. Barbalha: 2000. p. 1.

funcionava uma espécie de toque de recolher; as noites eram longas e silenciosas, as ruas vazias e os insones acompanhavam o passar das horas, pelo badalar do relógio da Matriz que marcava o tempo e era ouvido nitidamente e com força, em todos os cantos da cidade<sup>62</sup>.

Esses elementos de uma cidade ruralizada se mostraram com maior relevo na descrição de Martins Filho, ele, ao se reportar à cidade, referiu-se que naquele tempo a vida “era simples pacata e segura”. Na simplicidade da vida “provinciana da velha Barbalha, os dias se sucediam dentro de uma rotina somente alterada quando um acontecimento esporádico quebrava a tranqüilidade que desfrutávamos”<sup>63</sup>.

A cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade. Ela comporta agentes, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interações ou oposições, comportamentos e hábitos. Martins Filho teve uma maior preocupação em percorrer a cidade a partir dos modos de vida daquela gente, a cidade de Barbalha com seu cotidiano, sua rotina e o movimento das suas ruas. Essa leitura sobre urbano contemplou também os processos de sociabilidades. Processos esses que se revelavam por práticas cotidianamente percebidas e falavam dos valores desta cidade. Um lugar praticado, que ganhava sentido nesta sociedade com marcas específicas de uma urbanidade ainda presa a valores de um mundo rural.

Todos reciprocamente se conheciam, havia uma compreensão mútua, principalmente, uma benéfica solidariedade entre parentes e amigos, a ponto de se pedir por empréstimo, que nunca eram pagos, uma colher de café, um pouco de sal ou temperos indispensáveis ao preparo das refeições<sup>64</sup>.

Dentro desse processo de sociabilidade da cidade, o autor revelou que era nas missas dominicais que se davam os encontros daquela população, afirmando ser Barbalha uma cidade muito ligada aos valores da igreja católica. Nas missas “eram onde todas as pessoas da cidade se encontravam e colocavam os assuntos em dia. Lembro que nos dias de domingo éramos levados à Igreja

---

<sup>62</sup> FIUZA, Regina Pamplona (coord.). **Pio Sampaio**: memórias. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2004. p. 122.

<sup>63</sup> MARTINS FILHO, 1991, op.cit., p. 2.

<sup>64</sup> Ibid. p.25.

para o cumprimento de nossas obrigações religiosas,”<sup>65</sup> para escutar o padre “pastor das almas e de todos nós”. Não só nas missas aos domingos foi percebido o movimento das ruas, mas “principalmente na Rua Pero Coelho e Rua do Vídeo”, o local onde se desenrolavam os processos de interação e as relações sociais daquela cidade.

Descrevendo Barbalha nos dias de sábado, “dia de feira”, assim mencionou Martins Filho:

Eram nas ruas que se estabeleciam os encontros das várias pessoas de diferente procedência, para os ajustes de negócios, as discussões de natureza política, os entendimentos de todas as espécies, ou ainda para o pagamento de impostos, os batistérios em série, as certidões de batismo, os encontros sociais e para muitos outros misteres enfim.<sup>66</sup>

Notamos que, além de uma Barbalha com traços rurais que marcaram a narrativa de Martins Filho, a cidade foi representada por características que lhe foram atribuídas como específicas. Prende-se a isso o discurso da “Barbalha cívica”.

Napoleão Tavares Neves, referindo-se a este aspecto, relatou que “sedimentada no tempo, Barbalha tem raízes profundas fixadas na consciência cívica desta Nação”.<sup>67</sup> Martins Filho reforçou esta perspectiva, quando disse:

Barbalha não teve uma formação sociológica idêntica a Crato, nem o crescimento demográfico, econômico e político semelhante ao Juazeiro. Não obstante, cresceu lenta e harmoniosa, passando a conquistar características próprias e uma tradição de cultura e de civismo, gradativamente consolidada.<sup>68</sup>

O civismo e a cultura foram esclarecidos pelo autor, como pontos específicos desta cidade, sendo esses elementos os que a diferenciam das demais cidades do Cariri. O termo cultura foi elucidado como sinônimo de erudição e civilidade, caracterizada pela urbanização e desenvolvimento das “ciências”. São símbolos que conferem marcas à sua forma de identificar Barbalha.

<sup>65</sup> MARTINS FILHO, 1991, op.cit., p. 83.

<sup>66</sup> Ibid. p. 26-27.

<sup>67</sup> NEVES, Napoleão Tavares. **Barbalha Cultural**. Fortaleza: EdUFC, 1996. p. 8.

<sup>68</sup> MARTINS FILHO, op.cit., p. 76.

Assim, o processo de formação da identidade de uma cidade tende a apoiar-se em marcos de “referência precisos, visuais e sensíveis que, se por um lado compõe a vivacidade do padrão identitário, permitindo o reconhecimento da cidade, por outro estabelece a diferença em face de outros centros urbanos”.<sup>69</sup>

A cidade também foi representada pelo contraste, não apenas a Barbalha “que se delimita pela nobreza sem igual do seu povo, Barbalha que se projeta longe pela fidalguia aristocrática de sua gente”<sup>70</sup>, como descreveu Maria Letícia Ferreira Lima Sampaio Lima, mas, também, a cidade do vagar das populações anônimas, do “Zé povinho”. Odílio Cardoso melhor caracterizou este contraste e percebeu a constituição das imagens sobre a cidade marcada por traços ordinários.

A Barbalha de Odílio não se resumiu em:

Barbalha, Barbalha Linda  
Das esquinas perfumadas  
Do cheiro da rapadura  
Plena de tão rica tralha  
Verde jade cana, palha  
Que o Éden nem Imagina.<sup>71</sup>

O seu perfume adocicado se misturava com o odor azedo daquela gente maltrapilha, das ruas e becos fétidos, esburacados, cidade atrasada ou mesmo 'desprezada'. Isso ficou expresso em uma passagem na qual relatou:

Vi na Barbalha hodierna  
Muitos ciscos pelas ruas  
Buracos, grutas cafuas  
E a noite sem uma lanterna,  
Fecham-se cedo as tabernas,  
Trancam-se as habitações,  
Ouvem-se, além as canções  
De porcos, cães e jumentos  
Que em grandes agrupamentos  
Vagueiam na solidão<sup>72</sup>.

<sup>69</sup> PESAVENTO, 2002, op. cit., p. 157.

<sup>70</sup> SAMPAIO, Maria Letícia Ferreira Lima. **Tempo de Lembrar**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008. p. 299.

<sup>71</sup> CALLOU, Antônio Marche. **Versos**. Barbalha: Edição particular, 1986.

<sup>72</sup> ALENCAR, op.cit., p. 75.

Ao se remeter a relação de poder percebido nesta cidade, Odílio Cardoso narrou um acontecimento no ano de 1950, decorrente de uma prisão por motivo de um artigo publicado no jornal 'O Clarin', escrito por um personagem denominado Bispim. Segundo o autor, Bispim era professor na cidade de Barbalha e filiado ao Partido Comunista. Ficou expresso, também, que o jornal citado era um diário ligado ao referido partido da cidade de Fortaleza.

O artigo citava o combate ao pensamento integralista em Barbalha, pois, em 1950, ocorrera o I Congresso Eucarístico Regional na cidade, cuja organização foi desempenhada por muitos militantes do Integralismo local. Odílio Cardoso, ao descrever a abertura desse congresso, referiu que:

[...] o largo da Matriz foi pequeno demais para conter a massa dos comungantes. Nunca vi tanta gente; nem na festa do padroeiro. À noite, o palanque estava “pintado de verde”, tantos eram os integralistas que nele se encontravam. Quem ia falar era dona Margarida Sobreira, professora emérita de Santana do Cariri e esposa do chefe integralista, Doutor Cariolando Pontes Vieira, dentista renomado. O tema do discurso “Deus, Pátria e Família”.<sup>73</sup>

Os nomes citados na obra, dissertada por Cardoso, foram colocados de forma fictícia. Margarida Sobreira era Maria Letícia Ferreira Lima, esposa de Pio Sampaio, líder integralista local. A essa característica se prende o medo de retaliação que autor poderia sofrer, visto que a família Sampaio, na cidade e no período em que a obra foi escrita, constituía-se como detentora do poder político e econômico local.

O artigo do jornal recorria a este acontecimento, em que se lia “o palanque do Congresso mais parecia um 'poleiro de galinhas verdes' tanto eram os integralistas que lá ocorreram a ouvir o 'cacarejar da dona Margarida Sobreira”. Também censurava os padres por terem elevado ao palanque os coronéis, donos de sítios, enquanto “a massa batia palmas e 'vivava' seus exploradores. Os padres pediam vivas e palmas para os coronéis, enquanto os verdadeiros promotores da festa era o povo”. Através desses embates de imagens e discursos Odílio Cardoso representou a cidade.

---

<sup>73</sup> Ibid. p.184.



A partir dessas cidades, apresentamos nosso olhar de historiador que recolhe fragmentos expressos em discursos e imagens que falam de um passado, tentando aproximar-se do imaginário coletivo de uma época. Assim sendo, Barbalha é revisitada por meio de fragmentos, ou como nos fala Walter Benjamin, estilhaços de imagens do passado que “relampeja de forma irreversível, no momento em que é reconhecido”.<sup>74</sup>

### *2.3. A cidade a partir dos relatos orais dos militantes do sigma.*

Evocar uma memória de um tempo irreversível, já transcorrido, pode nos fornecer vestígios da sensibilidade de sua época, pode trazer à tona sinais de um passado que não pode mais ser revivido, todavia, pode ser reinterpretado, reelaborado<sup>75</sup>.

Como forma de retomar o tempo já transcorrido e as maneiras como pode ser interpretado, buscaremos, nos relatos dos militantes integralistas da cidade de Barbalha, analisar como eles dão significados ao imaginário sobre esta cidade, como ela é construída, ou melhor, re-elaborada pelas imagens que constituem as falas desses depoentes. Nessa medida, lançaremos questionamentos acerca de como o Integralismo ganha sentido na execução das representações sobre a cidade.

Os relatos orais da memória nos permitem a possibilidade de construção das evidências a partir dos cruzamentos dos depoimentos com outras fontes. Neste caso, as narrativas literárias serão confrontadas, por meio das imagens compostas nos seus discursos, sobre a cidade com as formas de perceber a cidade a partir dos relatos de memórias dos integralistas locais.

A memória é atingida como uma 'dinâmica do lembrar, que encena tramas, desvenda imagens e faz do passado um processo em movimento. Mas, também, diz respeito à seletividade de olhares presos às experiências vividas. Porém, na medida em que é acionada, estabelece significados para a volta a esse

<sup>74</sup> BENJAMIN, 1987, op. cit., p. 224.

<sup>75</sup> SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre a História e a Literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. In. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia-MG, v.4, n.4, p. 1-14, out./nov./dez. 2007. p. 9.

passado. A memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas.

Esse aspecto da memória, entendida como forma constitutiva das identidades sociais,<sup>76</sup> é que nos leva a propor esta análise. Pois, incidir olhares para interpretações do passado de uma cidade, a partir das percepções de indivíduos que se reconhecem como um coletivo, militantes integralistas, é fazer dela um campo a ser desvendado.

O Integralismo deu certo em Barbalha por diversos fatores. Era uma cidade de pessoas cultas, tradicionais, 'conservadora, ligadas muita' à Igreja católica e a seus valores, Aqui 'num' existia aquele, como posso dizer, aquela euforia esquerdista não. Era ligada aos valores da família, da religião.<sup>77</sup> (grifo nosso)

Nesse depoimento, percebemos uma série de evidências que nos falam acerca da constituição das identidades sobre Barbalha e o significado do Integralismo na elaboração do seu imaginário. Também diz respeito ao modo de se perceber a cidade, pois não devemos esquecer que a “memória é um ativo processo de criação de sentido, sob este aspecto, revela como o narrador ao constituir um relato memorialístico produz um sentido para o passado e para sua vida”<sup>78</sup>, ou do grupo a que pertence.

Na leitura sobre Barbalha, René Granjeiro, militante integralista local, nos chamou a atenção por perceber que o Integralismo no município ganhou sentido por diversas características que identificavam a cidade, ou seja: a de 'cidade católica', 'conservadora', de 'pessoas cultas'.

Ao lançar tais visões sobre Barbalha, elaborou imagens e representações sobre a mesma. No nosso modo ver, essas representações se prendem a um tecido social que nos remete a valores de grupos, postulados em tempo e lugar determinados. São memórias socialmente constituídas, que, por meio dos processos de lembranças nos revelam as sensibilidades de uma época e a forma como as quais são re-elaboradas.

<sup>76</sup> POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jan./jun. 1992.

<sup>77</sup> GRANJEIRO, F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007].

<sup>78</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. História e Memória: combates pela história. In. **Revista Brasileira de História Oral**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 27-43, jan /dez. 2007. p. 30.

A imagem de uma 'cidade católica' atravessou toda a narrativa do relato. A cidade católica e o Integralismo foram descritos como estruturas inseparáveis e compostas.

Napoleão Tavares Neves, ao discorrer sobre o Integralismo nessa cidade, afirmou que “a cidade de Barbalha sempre foi uma cidade muito espiritualista, muito católica e o povo viu o integralismo como uma extensão da Igreja católica, então houve muita adesão popular a esse movimento nesta cidade”<sup>79</sup>

Ao flexionar as memórias dos militantes expressas nos relatos, observamos a importância e a influência da igreja católica dentro do processo de expansão do movimento integralista local. Para eles, o Integralismo só ganhava significado na sociedade a partir de tais características.

Analisando a influência da igreja católica sobre o Integralismo no Ceará, corroboramos com as abordagens feitas sobre o assunto por Josênio Parente<sup>80</sup> e João Rameres Regis<sup>81</sup>.

Parente defendeu que a presença atuante da igreja católica no Ceará, como organizadora da sociedade civil, foi capital para o sucesso da AIB, em nível local. Regis, complementando a sua análise e ampliando o ângulo de visão, pois Parente só analisou o movimento como experiência na cidade de Fortaleza, revelou que a Igreja e o Integralismo ganharam um melhor campo quando conjugada ao conservadorismo dos grupos políticos no interior do estado.

A partir dessa abordagem, Regis afirmou que a anuência da Igreja Católica às atividades integralistas, bem como a participação de alguns clérigos nas hostes do movimento, influenciou para que muitos populares aderissem ao 'credo verde'. Some a esse fator a adesão de líderes políticos interioranos ao movimento.

Na região do Cariri cearense, no período estudado, o discurso religioso serviu como elemento aglutinador das massas para o Integralismo, fazendo-se presente em instituições encarregadas de disseminar seus valores.

---

<sup>79</sup> NEVES, N. T. Napoleão Tavares Neves. Depoimento [jun. de 2007].

<sup>80</sup> PARENTE, 1999, op.cit.

<sup>81</sup> REGIS, João Rameres. **Integralismo e Coronelismo**: interfaces da dinâmica política no interior cearense. (1932-1937). 2008. 338f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Em Barbalha, o catolicismo se fez presente nas instituições educativas e culturais que surgem incorporadas ao movimento da Ação Integralista Brasileira, articulando e propagando os valores morais em nome da pátria, da família e de Deus... Neste período, no Cariri, a ação política da Igreja católica atuou nos Círculos Operários São José, que funda escolas para seus sócios, mantém cinemas e Bandas de Músicas; Conferências Vicentinas, os Gabinetes de Leitura, os Seminários e as escolas<sup>82</sup>.

É importante elucidar que, por meio dos discursos emanados dessas instituições, havia concomitantemente a construção de uma 'identidade para Barbalha'. Podemos perceber que tais elaborações foram postuladas por aquelas instituições. Assim, a identidade se constitui como “uma tentativa de 'dar ordem' aos dados esparsos do real, filtrados pelos sentimentos, pelos desejos e pelo jogo de forças sociais”.<sup>83</sup>

Todas as formas de elaborações de identidades coletivas são representações, produtos das lutas que se desenrolam no seio do campo político e também no exterior dele, a propósito, sobretudo do poder. Por trás dessas elaborações, colocam-se instituições encarregadas de lhes conferirem “um selo, ou um carimbo” que as identifiquem.

Vale mencionar que tais instituições, como é o caso dos Círculos Operários, Conferência Vicentina e o Gabinete de Leitura de Barbalha, foram coordenadas, até mesmo presididas, por militantes integralistas no período estudado. O vigário local, José Correia de Lima, atuou como secretário de educação do núcleo integralista em Barbalha.

Para o melhor entendimento de como se deu a atuação da igreja católica dentro do Integralismo no Ceará e conseqüentemente em Barbalha, faz-se necessária uma contextualização do pensamento social católico naquele período. Isso nos ajudará na análise deste movimento e a sua importância em Barbalha, de tal modo que, nas memórias dos militantes locais, o catolicismo e o integralismo tingiram as maneiras de representar a cidade e dão significado ao seu cotidiano.

---

<sup>82</sup> SILVA, Josiêr Ferreira da. A Influenciada Igreja Católica na Educação do Cariri (1850 a 1950). In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Org.). **História da Educação: instituições, protagonistas e práticas**. Fortaleza: UFC, 2005. p, 93.

<sup>83</sup> PESAVENTO, 2002, op.cit., p. 162-163.

O processo de aproximação entre a igreja católica e o Integralismo no Ceará, isto é, com as propostas de Plínio Salgado, deu-se antes mesmo da fundação da Ação Integralista Brasileira. Tal processo foi desempenhado pela abertura do jornal 'O Nordeste', órgão da igreja católica, para a publicação de textos de Plínio Salgado nas suas colunas, por meio de “duas seqüências de artigos”. O primeiro, intitulado "Rumos da Ditadura", difundido entre 14 de março e dois de abril de 1932. O segundo, "Construção Nacional", do qual contavam 61 textos, apresentados entre 24 de maio e 2 de setembro do mesmo ano. Esses artigos dissertavam sobre o corporativismo entre as classes, o ataque ao materialismo marxista, o patriotismo e a educação cívico-religiosa.<sup>84</sup>

Mas foi na ocasião das eleições para a Constituinte Nacional de 1933 que a Igreja firmou oficialmente o apoio à Ação Integralista do Ceará, com o lançamento de Jeovah Motta na chapa constituída pela Liga Eleitoral Católica (LEC).

Para Assembléia Nacional Constituinte.

Dr. Waldemar Falcão, professor da Faculdade de Direito, residente no Rio de Janeiro.

Capitão Jeovah Motta, militar, residente em Fortaleza.

Luis Cavalcante Sucupira, funcionário público federal, residente no Rio de Janeiro.

Dr. Leão Sampaio, médico, residente em Barbalha.

Dr. José Antonio de Figueiredo Rodrigues, médico residente no Rio de Janeiro.

Dr. Antônio Xavier de Oliveira, médico, residente no Rio de Janeiro.<sup>85</sup>

A LEC, órgão criado dentro de um novo projeto da Igreja Católica, tinha como objetivo aglomerar partidos políticos que corroborassem com suas novas exigências e, dessa forma, conseguir o apoio do eleitorado católico para eleger seus candidatos. Assim, pôde implementar na nova Constituição suas reivindicações básicas, como é o caso da inclusão de Deus na Constituição; da reconquista de espaços outrora perdidos com o advento da República, como a conquista da execução do ensino religioso em escolas públicas e em outras

---

<sup>84</sup> PINTO, José Aloísio Martins. **Serventuários das Trevas**: os bolcheviques na imprensa católica. (Fortaleza-CE, 1922-1932). 2005. 160f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. p. 5.

<sup>85</sup> Ver: jornal **O Nordeste**. Fortaleza, 27 de abr. de 1933, p. 1. – BPMP.

instituições; da indissolubilidade do casamento religioso e a sindicalização, pelos Círculos Operários, da classe trabalhadora.

No âmbito de uma Igreja combativa e atuante, surgiram iniciativas para tornar operacional seu ideário. No Ceará, suas atividades ganharam maior expressividade na criação de Círculos Operários e no trabalho de doutrinação dos sindicatos, com a finalidade de lhes afastarem dos desvios e da 'promiscuidade' da sociedade moderna. Tais elementos nocivos, percebidos pela Igreja, eram o incentivo à luta de classes, disseminados pelo comunismo, o desapego aos valores espirituais em decorrência dos valores materiais, difundidos pelo mundo industrial, o denominado "laicismo materialista".

Foi Cordeiro Júnior quem se referiu:

[...] para a ação social da igreja, reorganizar a sociedade implica, principalmente em mobilizá-la para o combate a tudo que representasse a degeneração moral e ética vivenciada na "idade moderna", cabendo ao laicato católico desenvolver esse trabalho de restauração social. A militância católica deveria reencaminhar os homens para os desígnios de seu destino glorioso, somente possível de reencontrar pela recuperação dos laços de fraternidade e harmonia universal.<sup>86</sup> (grifo original)

Dentro dessa perspectiva foi a partir da Encíclica *Rerum Novarum* (1891), que a Igreja marcou definitivamente sua entrada nos debates sobre a questão social, cujos rumos incertos favoreciam a divulgação de ideologias contrárias à interpretação cristã do mundo social. Mas seria por meio de uma "Restauração Católica" que colocasse a Igreja como reorganizadora da sociedade alicerçada nos princípios da ordem e da autoridade espirituais, a única forma de se evitar a degeneração social.

Esta restauração concretizou-se em práticas que intercalaram a apologia da fé com as ações que repugnavam o liberalismo, o positivismo, o protestantismo e o socialismo.

---

<sup>86</sup> CORDEIRO JÚNIOR, Raimundo Barroso. A Legião Cearense do Trabalho In: SOUZA, Simone de (org.). **Uma Nova História do Ceará**. 3ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. p. 320.

Segundo Beozzo<sup>87</sup>, foi durante o decênio 1920-1930 que se iniciou essa nova etapa da história da Igreja no Brasil, que pode ser designada de 'Restauração Católica'. Duas foram as ideias que dominaram os líderes do catolicismo. Em primeiro lugar, o episcopado desejava efetivamente ter um papel de liderança entre o povo brasileiro. Em segundo, a Igreja dispõe-se a colaborar com o governo para manter a ordem e a autoridade constituída na sociedade brasileira. Somente mediante a colaboração efetiva da Igreja seriam mantidos os valores de ordem e autoridade, e se poderia evitar ou frear o avanço dos movimentos revolucionários. Essa orientação encontrava apoio nas novas diretrizes dadas à Igreja Universal pelo papa Pio XI, cujo pontificado também se iniciou nessa década.

No Ceará, a Igreja adotou uma série de atitudes para tornar viáveis as novas medidas aspiradas por essa restauração institucional. Teve como seu principal mentor Dom Manoel, arcebispo do Ceará. Como forma de obedecer aos ideais propostos por tal restauração da igreja católica, Dom Manoel se colocou à frente de um conjunto de organizações conservadoras e autoritárias, espalhadas pelo estado. Para dar suporte a ações dos grupos católicos e seus aliados, foram criados vários órgãos de divulgação, dentre eles, o já citado Círculo Operário São José (em 1915), a Confederação das Sociedades Católicas da Arquidiocese de Fortaleza (em 1925), a Federação dos Círculos Operários do Estado do Ceará (em 1940), o jornal 'O Nordeste' (em 1922), dentre outros.

O jornal 'O Nordeste' serviu como mecanismo importante para a difusão do Integralismo no interior do estado.<sup>88</sup> Essa característica é levantada na fala de Antônio Gondim Sampaio, militante integralista de Barbalha, argumentando que, “aqui chegavam todas as revistas e jornais do movimento, como a revista 'Anauê', a 'Ofensiva', o jornal 'A Razão' e outro jornal que era muito lido por nós integralistas, era 'O Nordeste', da Arquidiocese”.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, O Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris (org.). **História da Civilização Brasileira**. 3ª ed. Tomo III, v. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

<sup>88</sup> REGIS, 2008, op. cit.

<sup>89</sup> SAMPAIO, A. G. Antonio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

Em entrevista ao Núcleo de Documentação e Cultura da UFC, Franklin Chaves, líder do movimento integralista de Limoeiro do Norte, reforçou a influência do jornal 'O Nordeste', na fundação do Integralismo no município.

Lá, o único jornal que chegava naquela época era O Nordeste. Meu irmão tinha uma assinatura do jornal O Nordeste. Eu lia O Nordeste. Comecei a ler uns artigos que eu achava muito interessante, de um político que eu não conhecia, Plínio Salgado. Eu então, me entusiasmei por aquilo que ele preconizava, fui lendo e me tornei integralista. Foi uma adesão por meio de idéias, achei aquilo muito bonito, foi quase que minha primeira manifestação política... O Nordeste era quem publicava as notícias do Integralismo. Eu comecei a ler e gostar e os que liam também gostavam.<sup>90</sup>

O discurso anticomunista difundido pela Igreja Católica serviu como elemento de aproximação entre o Integralismo e essa instituição, visto que o comunismo e o socialismo eram alguns dos principais pontos a serem combatidos por ambos.

A Igreja Católica, preocupada com a expansão do pensamento socialista no meio operário, “elaborou uma proposta de uma ação social, baseada nos princípios éticos de seus dogmas, com o propósito de afastar do mundo operário a vaga de politização laica e atéia”.<sup>91</sup>

Apesar de não encontrarmos nenhum registro que nos falasse sobre a atuação de núcleos comunistas/socialistas em Barbalha, apenas indícios de pessoas que, supostamente, estiveram ligadas a essas doutrinas de pensamento, os militantes integralistas locais recorreram sempre nas entrevistas ao ataque a essas correntes ideológicas.

Foi o que relatou José de Sá Barreto Sampaio: “[...] nós combatíamos frente a frente o comunismo. A diferença é, que um era o materialista e outro o espiritualista católico, que era o integralismo”.<sup>92</sup> Continuando com seu depoimento, ressaltou a importância do combate ao comunista e lembrou o discurso feito por Jeovah Motta, por ocasião da visita de Plínio Salgado ao Ceará, no dia 12 de agosto de 1933<sup>93</sup>, quando ele, assim, pronunciara:

<sup>90</sup> CHAVES, F. G. Franklin Gondim Chaves. Depoimento [mar. de 1984]- NUDOC/ UFC.

<sup>91</sup> CORDEIRO JÚNIOR, 2004, op.cit., p. 321.

<sup>92</sup> SAMAPPIO, J. S. B. José de Sá Barreto Sampaio. Depoimento. [maio de 2007].

<sup>93</sup> Ver: jornal **O Nordeste**, Fortaleza, 12 de ago. 1933, p. 1. – BPMP.



Plínio Salgado é bússola, indica-nos os caminhos de salvação. Por entre as desordens e tumulto a sua voz ergue-se, avoluma-se, faz-se longa para abraçar todo o Brasil, com uma eloquência estranha e estranho poder persuasivo. Quando o enganoso e envolvente misticismo russo tenta enlinhar-nos com as suas tessituras de ouro falso e ameaça mirar os valores básicos da civilização brasileira, ele Plínio Salgado nos faz fortes na resistência a esses filtros antibrasileiros e anti-humanos. Foi assim que ele falou.<sup>94</sup>

Utilizando novamente as abordagens feitas por Regis, ao analisar tal aproximação entre o Integralismo e a Igreja Católica no Ceará, o autor recorre ao depoimento de Severino Sombra, disposto no NUDOC/UFC, em cujo afirmava que houve “uma estratégia de atuação no intuito de disputar a preferência da sociedade cearense em favor do catolicismo social, conseqüentemente, em favor de um projeto político mais amplo, dentre eles, o movimento integralista”.<sup>95</sup>

A atuação da Igreja Católica na cidade de Barbalha refletiu as práticas desta instituição no estado, com alguma especificidade local. Em Barbalha, ela atuou principalmente dentro das instituições educativas e culturais, propagando os valores e padrões autoritários das elites políticas locais. Tal dinâmica foi diretamente influenciada pelas relações de compadrio e paternalista, pautadas pelas mediações das elites políticas locais e suas intervenções no cotidiano da cidade. Com isso,

A família, o Estado e a Igreja apresentam-se como instituições indissociáveis nas relações econômicas, sociais e culturais, caracterizadas pela troca de favores no estabelecimento da relação entre o público e o privado. Os limites entre essas duas dimensões são nesse processo, desconsideradas, no exercício do poder<sup>96</sup>.

A disseminação de um discurso que desse uma caricatura à cidade tornou-se um elemento *sine qua non* para que o integralismo concretizasse suas práticas em Barbalha. As narrativas dos militantes locais desempenharam o papel de apresentar a cidade e, dentro dela, elaborar relatos que nos trouxessem o significado do Integralismo em Barbalha.

<sup>94</sup> SAMAPIO, J. S. B. José de Sá Barreto Sampaio. Depoimento. [mai. de 2007].

<sup>95</sup> REGIS, 2008, op. cit. p. 118.

<sup>96</sup> Ibid. p. 95.

A Ação Integralista se espalhou por todo o Brasil, aqui em Barbalha ela teve uma acolhida muito grande, porque as principais lideranças da cidade assumiram esse movimento político, que tinha como lema, paz... Deus, Pátria e Família, era, Deus, Pátria e Família. Então chefiada por Dr. Pio, Antônio Correia Celestino, René Granjeiro, Antônio Gondim Sampaio, Antônio Costa Sampaio e muitos outros. Assumindo todos eles a bandeira da Ação Integralista Brasileira, de tal modo que aqui ficou sendo o núcleo principal do Integralismo na região do cariri. Eram chamados camisas-verdes, eles normalmente vestiam camisas-verdes e tinham aquela saudação que todos conheciam, quando um se cruzavam um por outro na rua, diziam, anauê pelo Brasil e levantavam a mão. Podemos dizer que Barbalha era uma cidade integralista.<sup>97</sup>

A denominação de Barbalha como uma cidade integralista nos traz dois questionamentos desempenhados pela memória. A memória como mecanismo postergador de imagens, nas quais o relembrar se volta para ressaltar os acontecimentos e imagens selecionadas do passado, mas, por outro lado, percorre o caminho do silêncio, do não mencionado, daquilo que não era desejável. Barbalha não era totalmente integralista nem o Integralismo se configurava na cidade, como um movimento que fazia circular suas ideias sem nenhuma forma de embate, como enfatizou Odílio Cardoso, na sua obra “Recordação da Comarca”, anteriormente analisada. Isso expressa as diferentes “comunidades de memórias” de uma dada sociedade, a pluralidade, sobretudo, as formas de utilização que a recordação pode ter para diferentes grupos sociais, expressando pontos de vista distintos, quanto ao que é significativo ou digno de memória.

O não dito, ou melhor, o não revelar esta outra cidade, “a cidade não integralista”, surge como uma maneira de interpretar suas imagens e seu passado, trazendo nela marcas de uma “cidade desejada”.

A memória, quando observada a partir das disputas de uma afirmação coletiva, neste caso, militantes integralistas, se remonta por um processo que Pollak<sup>98</sup> denominou de “trabalho de enquadramento da memória”, ou seja, o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de “credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos. Toda

<sup>97</sup> NEVES, N.T. Napoleão Tavares Neves. Depoimento. [mai. de 2007].

<sup>98</sup> POLLAK, 1992, op.cit.

organização política, por exemplo, veicula seu próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma”.<sup>99</sup>

Enunciar que Barbalha era integralista foi uma forma de definir um lugar respectivo para essas lembranças, sua complementaridade, mas, ao mesmo tempo, demarcar as oposições irreduzíveis. Os relatos dos militantes integralistas analisados nos chegaram sempre acompanhados de características que demonstravam a importância desse movimento em Barbalha.

Nas narrativas dos militantes, a cidade também foi desenhada com traços de uma cidade harmônica: “aqui em Barbalha era uma família pacífica e, conseqüentemente todos se entendiam, principalmente se falando de Dr. Pio Sampaio, irmão de Dr. Leão Sampaio, de família honesta, séria, respeitável<sup>100</sup>.” Como forma de não enunciar os embates sofridos, o narrador recorreu à construção da imagem sobre a cidade, classificando-a de “cidade família”.

Contudo, o depoimento de Joaquim da Cruz, não militante, mas que vivenciou o período de atuação do movimento na cidade, nos deu indícios para percebermos os confrontos vividos pelo Integralismo em Barbalha. Cruz se reportando a um delato sofrido por um sobrinho seu, militante do integralismo em Barbalha, conhecido pelo nome de Feijó, assim nos falou,

Os comunistas que existiam aqui, que era exatamente oposto ao Integralismo, eles quem denunciavam os integralistas como espiões na Guerra. Então aconteceu um fato muito interessante. Feijó todos os 'domingo' tomava uma cervejinha, no bar que tinha ali, mais ou menos que vai para a Praça da Matriz, antes tinha um bar, onde hoje é uma locadora. Ele sempre gostava de tomar sua cervejinha lá. Então coincidiu que no domingo que ele estava tomando cerveja, afundaram um navio brasileiro na guerra. Então um camarada barbeiro, que se chamava Zé de Noque, muito esquerdista, tinha muita raiva do Integralismo, então denunciou à polícia que Feijó estava tomando cerveja em regozijo ao afundamento do navio. Então Feijó conseguiu fugir.<sup>101</sup>

O ato deles se esquecerem as outras cidades que Barbalha abrigava se constitui por meio de conflitos no interesse de dar coesão social à coletividade. O

<sup>99</sup> BURKE, Peter. **O Mundo Como Teatro**: estudo de Antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992. p. 10.

<sup>100</sup> BARRETO, J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [mai. de 2007].

<sup>101</sup> SAMAPAI, J.C. Joaquim da Cruz Sampaio. Depoimento. [ago. de 2008]

silêncio “efetua um trabalho de coerência, dá unidade e continuidade”.<sup>102</sup> Assim para esses militantes, o que interessava era apresentar a Barbalha Integralista e seus valores.

A memória não foge do processo de instrumentalização do poder. As imagens construídas sobre o passado da cidade, pelos militantes integralistas locais, obedeceram a uma certa institucionalização do que lembrar e por quê. A Barbalha harmônica nos foi apresentada como se objetivasse socializar consciências e diluir os antagonismos que a cidade comportava.

No Cariri, as oligarquias se adaptaram à nova conjuntura política da República, participando dos movimentos conservadores, dentre os quais a defesa da Ação Integralista Brasileira.

A condição de filiação aos setores mais conservadores da sociedade e a aliança com a igreja católica possibilitou ao integralismo, de um lado, a condição de “mediador das demandas que animavam as populações locais, ao mesmo tempo garantia que os agentes políticos dos segmentos dominantes se mantivessem no poder”.<sup>103</sup>

Argumentando esse processo de adaptação das oligarquias às novas conjunturas políticas, em Barbalha, apesar de o Integralismo trazer na sua forma de interpretar a realidade o discurso do novo, Antônio Gondim Sampaio lembrou as palavras de Plínio Salgado, quando disse: “[...] o Integralismo era o homem novo do Brasil que iria construir uma nova nação[...]”<sup>104</sup>, as práticas nesta localidade permaneciam as mesmas. Esse aspecto ficou claro no relato de Iônio Sampaio, integralista da cidade.

[...] o Integralismo aqui era composto exatamente, eu acho da... de homens que formavam a opinião pública do município, acho que 'era' eles mesmos, que o seguinte, não havia muita rejeição por isso, porque eles eram além de ser pessoas que formavam opinião pública, tinha influência na formação, na opinião pública do eleitorado, como também tinham influência economicamente da cidade e socialmente.<sup>105</sup>

<sup>102</sup> POLLAK, 1992, op.cit., p. 204.

<sup>103</sup> REGIS, 2008, op.cit., p. 30.

<sup>104</sup> SAMPAIO, A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento. [out. de 2005].

<sup>105</sup> SAMPAIO, I. Iônio Sampaio. Depoimento. [ago. de 2008].

Outra forma recorrente na maneira de representar a cidade pelos militantes locais foi a caracterização de uma Barbalha intelectualizada. Esse aspecto foi relatado por seus militantes como elemento que fez do Integralismo, na cidade, um movimento de grande expressividade na região do Cariri. Antônio Gondim, referindo-se a esse aspecto, mencionou que “ser intelectual naquele tempo em Barbalha e não ser integralista não tinha sentido” <sup>106</sup>. Concluindo sua fala afirma:

Barbalha foi sempre a elite cultural da época, isso contribuiu muito. Era um povo que lia, que estudava... Barbalha foi sempre uma cidade intelectualizada. Não me lembro quem chamou Barbalha “a Suíça do Cariri”. Barbalha quando eu era pequeno já existia Gabinete de Leitura, uma Biblioteca Pública, escola de alfabetização de adultos, para aquela época quando ninguém falava em nada de alfabetização, Barbalha já tinha.<sup>107</sup>

Barbalha foi denominada a elite cultural e metaforicamente chamada de “a Suíça do Cariri”. As imagens e representações de uma cidade tendem a assumir uma forma metafórica de expressão, com apelo a palavras e coisas que, associadas ao conceito de cidade, podem lhe atribuir um outro sentido. A oralidade, assim como a literatura, tem o poder metafórico de conferir aos lugares um sentido e uma função.

Nesta medida, essas potencialidades metafóricas de transfiguração do real “não apenas transmitem as sensibilidades passadas do viver em cidades, como também nos revelam os sonhos de uma comunidade que projeta no espaço vivido suas utopias” <sup>108</sup>.

Podemos argumentar que a esse mecanismo se prende tal narrativa. A cidade culta ganha um maior significado nas memórias dos militantes locais, quando percebida a partir do Integralismo. Uma maneira de conferir credibilidade a esse movimento, também, porque a memória está presa ao presente, sendo uma forma de se reconhecer nesta volta ao passado.

<sup>106</sup> SAMPAIO, A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento. [fev. de 2009].

<sup>107</sup> SAMPAIO, A. T. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>108</sup> PESAVENTO, 2008, op.cit., p. 13.

Anunciamos a identidade como um conceito que objetiva um autoreconhecimento. Quando conjugada com a memória, busca uma finalidade de ser explicitada, dita, propagandeada e imposta. Legítima, também, a demanda de um grupo e seus valores. Portanto, a identidade é proteção, modifica objetos e dá novas roupagens aos acontecimentos do modo que lhe é mais favorável.

Ao cruzarmos as narrativas literárias com os relatos orais dos militantes do Integralismo, percebemos tanto um contraste na forma de interpretação da cidade quanto uma justaposição de imagens e de discursos. Porém, as memórias integralistas sobre Barbalha se colocaram de uma maneira mais sólida, considerando-se que pensar o passado da cidade, para esses militantes, é trazer para si esse rememorar de características que falam sobre o movimento e a sua importância local.

Nas memórias integralistas, houve um ajustamento do passado ao presente, uma vez que essas memórias sobre a cidade demonstram imagens partilhadas por membros de um mesmo grupo. As diferenças entre o passado e o presente se elidem, como se a principal finalidade do passado fosse a de se vincular ao presente.

A análise das narrativas literárias e dos relatos dos militantes integralistas de Barbalha são “produtoras de espaços,” que se concretizaram por meio do sonhado, desejado e /ou imposto. Traduzem-se por formas de desnudar a cidade a partir das múltiplas imagens que dela emanam.

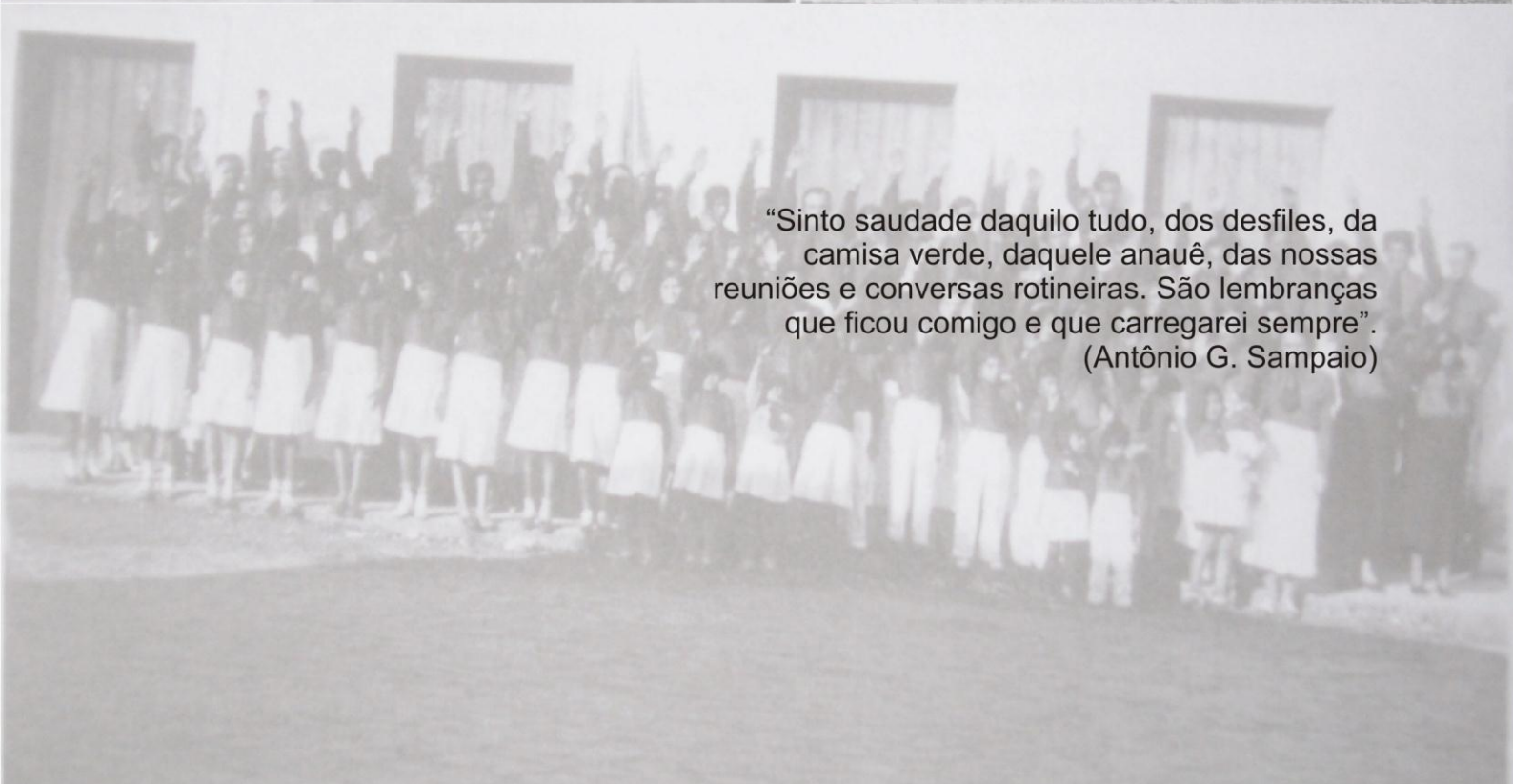
Dar forma à cidade, a partir da construção desses sujeitos, é perceber como o imaginário coletivo, que também é individual, formula identidades e estabelece intencionalidade nesta elaboração, traduzidas por práticas sociais legitimadoras que se operam no cotidiano das cidades.

Nas narrativas dos militantes de Barbalha, as imagens sobre a cidade, misturam-se à experiência desse movimento, conferindo-lhe significados e forma. A cidade conservadora, católica e harmônica, tinge as formas de interpretar o itinerário do Integralismo local por meio de suas especificidades. Contudo, tais narrativas, prendem-se as maneiras utilizadas pelos sujeitos, para leitura do passado, carregadas de valores e intencionalidades. Assim, aferir a construção da

identidade de Barbalha, a partir do imaginário coletivo é entender o cenário de atuação do integralismo local.



AS  
 RAS DA MEMÓRIA: OS RELA  
 CAÇÃO DO COTIDIANO INT  
 BARBALHA

[illegible]

“Sinto saudade daquilo tudo, dos desfiles, da camisa verde, daquele anauê, das nossas reuniões e conversas rotineiras. São lembranças que ficou comigo e que carregarei sempre”.  
(Antônio G. Sampaio)



### 3.1. Cotidiano, experiência e testemunhos

O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezaguantes em cima de um terreno habitado há muito tempo. Somente algumas dessas presenças me são conhecidas. Muitas, sem dúvidas mais determinantes ou dados estratificados nesta paisagem que é memória e palimpsesto<sup>109</sup>.

Michel Certeau, em sua célebre obra, instiga o leitor a pensar sobre de que maneira se opera a análise acerca do que podemos chamar de questões do dia a dia. É o rotineiro, composto pelas realizações cotidianas da vida e do significado, que lhes são dados por cada sujeito a partir das interpretações, de práticas e da constituição de imagens socialmente elaboradas, seja pela escrita, ou por meio das narrativas de memória.

Tal percepção de abordagens se prende às formas pelas quais os sujeitos, ao tecerem suas maneiras de “praticar os espaços,” dão inventabilidade ao vivido, ao cotidiano. Eles alteram códigos e objetos, estabelecendo neste processo uma reapropriação por usos e uma elaboração dos espaços experimentados, estabelecendo significado neste fazer.

É o mecanismo intitulado como “uma arte de fazer” por meio das astúcias, das bricolagens, como menciona Certeau, uma forma de dar invenção ao cotidiano. As práticas cotidianas carregam em seu bojo um dado sentido social que se expressam nos modos pelos quais o cotidiano é elaborado, encenado e consumido.

A partir das maneiras de fazer, contar e reelaborar o cotidiano, buscamos, através de suas artérias transitáveis, frestas que se abrem por vezes fragmentárias, diluídas em experiências individuais e coletivas, apresentar uma análise sobre como as práticas integralistas se configuraram em Barbalha. Daremos uma singular atenção às práticas desempenhadas por esse movimento no dia a dia da cidade.

---

<sup>109</sup> CERTEAU, 1994, op.cit., p. 35.

A investida da abordagem proposta parte de experiências transmissíveis pelos relatos de memória de militantes locais e pessoas contemporâneas. Com isso, faz-se uma indagação de como os sujeitos elencados, a partir de suas experiências compartilhadas, ressignificadas pela memória, reelaboram e dão sentido ao cotidiano e às imagens sobre esse movimento.

Ao se referir à capacidade da memória, Ricoeur<sup>110</sup> a classifica como *ars memoriae* (arte memorial) e percebe que ela não é apenas uma ferramenta de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, uma capacidade de ressignificação das coisas e de si mesma; trata-se de uma reelaboração das coisas já vividas anteriormente. É a reconstituição de dados que são acessados pela memória por meio das rememorações.

Para tanto, ao levantarmos os questionamentos, trabalharemos com o cotidiano percebido como espaço das lembranças, que é construído a partir de redes sociais e encenados pela dialética da memória.

O rememorar para os entrevistados foi imbuído por estilhaços de tempo que carregou no seu limiar marcas de um cotidiano outrora vivenciado. Não apenas o Integralismo, com suas doutrinas, que veio à memória, mas práticas envolvidas na construção de alegorias, que ganham significado nas experiências narradas por cada depoente.

A memória é um fenômeno sempre atual, “um elo vivo do eterno presente”, carregado por transformações, atravessada por descompassos, mas alimentada pelas experiências. Susceptível ao lembrar e ao omitir. Ela é revestida por uma necessidade de postergar acontecimentos e experiências individuais e socialmente construída, na forma que é mais apropriada a quem se oferece a percorrer o caminho tenso da volta. Neste caminhar de tensões e negociações, o indiferente é posto de lado, o não agradável, modificado, em um processo inacabado e permanente.

A memória é por natureza múltipla, não se finda nos detalhes que a confortam. É irrigada pelas lembranças, “telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, vulnerável a todas as transferências de cenas,

---

<sup>110</sup> Ricoeur, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Capinas- SP: EdUNICAMP, 2007.

censuras ou projecções”<sup>111</sup>. Apesar das lembranças partirem de sujeitos individualizados, elas se concretizam em valores que expressam o social. A memória é emoldurada por um fio social que qualifica a volta ao passado, trazendo significados e revelando sentimentos.

Por muito que se possa qualificar uma memória como coletiva, é o indivíduo quem invoca o que recordar. O depoente é organizador das camadas do passado que ele tem em mãos. Ele filtra objetos que são significativos dentro de um tesouro comum.

Assim, como extrapolar as imagens construídas sobre o Integralismo em Barbalha, a partir dos seus militantes, visto que há uma desfiguração do passado na medida em que, ao serem remanejadas pelas ideias e ideais, elas se reconfiguram constantemente? Devemos desconfiar dos discursos desenvolvidos, sem lastros. Devemos estar sempre à procura do que está ainda inexpresso e do que hesita em ser capturado pela interpretação.<sup>112</sup>

O trabalho com as narrativas de memória prescinde um olhar aguçado sobre essas fontes, pois elas são construídas em um elaborar silencioso, quase impercebível. Precisamos identificar os princípios de seleção da memória, observando como elas mudam ou são cristalizadas, variando de lugar para lugar, de um grupo para outro e como se caracterizam as mobilidades.

O narrador constrói o tempo e a sua própria noção do passado. Saber confrontar perguntas e evidências, o local social que elas irradiam, torna-se imprescindível para não cairmos na sedução consensualizadora da memória, “nos jogos de seus caprichos”.

As lembranças, ao reconstituírem as memórias em seu movimento retrospectivo, tendem a passar efeitos de uma narrativa coerente, como se ela não fosse impregnada por buracos negros, deixados pelo esquecimento, em uma domesticação aleatória dos acontecimentos. Para os depoentes, o “real”-passado consome o presente das lembranças, com se a “passeidade” não brotasse do momento em que foi posta em evidência. A acuidade sobre essas

---

<sup>111</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, v.10, n.10, p.07-28, dez. 1993. p.9.

<sup>112</sup> BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

questões perscruta um apropriação mais lúcida do manejo com os relatos de memória e seus desafios.<sup>113</sup>

A memória não presentifica o passado tal qual foi experimentado anteriormente. Ela é uma variabilidade de imagens móveis. Na sua maior parte, lembrar não é reviver, mas reorganizar com as demandas do presente, é repensar com imagens e ideias do agora. A memória seleciona fragmentos desejáveis.

Penetrar no obscuro, no não citado, no contraditório das memórias dos militantes integralistas, é como derramar luz e perceber uma pluralidade de imagens que se movimentam: “quase todos estudantes eram integralistas na cidade, vestiam as camisas verdes”<sup>114</sup>. O “quase todos” interpela a fala que nos indica fissuras abertas na construção dessas memórias, proporcionando argumentar: e quem não era militante? Por que não mencionar?

A recordação tende a forjar o esquecido que ela mesma constrói<sup>115</sup>. A memória é construída a partir do outro. Ela comporta valores coletivos que se entrelaçam a representações sociais de um dado grupo ou coletividade. A memória também é irradiada de grupos que integram laços coercitivos.

Um dos nossos entrevistados mencionou: “ainda hoje sou integralista, por isso que sinto saudade daquilo tudo”<sup>116</sup>. A saudade foi mensurada como uma forma de estabelecer um espaço que demarca identidade: “ainda hoje sou integralista”. Assim, a identidade social é sempre uma construção em devir, em quadros dialógicos de alteridade entre o eu e o outro. São fatores que condicionam uma predisposição de escolhas, selecionando lembranças.

Recordar em si mesmo é um ato de alteridade, relatar uma experiência não é uma prática inocente da memória, mas antes uma tentativa de convencer, formar a memória de outrem. Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do

---

<sup>113</sup> CATROGA, Fernando. Memória e História. In. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.

<sup>114</sup> SAMPAIO, A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>115</sup> CATROGA, op. cit.

<sup>116</sup> SAMPAIO, I. Iônio Sampaio. Depoimento [ago. de 2008].

outro. Por muito, as lembranças pessoais ganham significado na recepção pelo outro, que se funde em elementos de inserção a grupos, ou comunidades<sup>117</sup>.

Ao mesmo tempo em que a memória é fugidia e se revela a partir das conveniências, ela pode fotografar e cristalizar acontecimentos.

Embora as experiências do presente e o próprio cotidiano possibilitem um processo contínuo de mudanças na forma de significar os registros do passado, há entrevistados que sempre repetem basicamente o mesmo relato de um acontecimento ou de sua história de vida. Para eles é como se sua história houvesse sido congelada e, portanto, não se alterasse em razão das novas experiências que se encontram muitas vezes em memórias coletivas acerca de um dado acontecimento.<sup>118</sup>

Caminhar à luz da análise que envolve práticas cotidianas, encenadas em um dado período e numa localidade, considerando os processos de ressignificação do passado pelas reminiscências, é perscrutar um universo de multiformes aspectos que se configuram nas lembranças.

Ao remetermos novamente a Certeau<sup>119</sup>, podemos pontuar várias formas de se trabalhar com as camadas de elementos construtores das narrativas mnemônicas. Em um dos tópicos de seu livro, anteriormente citado, intitulado “A arte da memória e da ocasião”, ele tece comentários sobre a arte de contar.

Referindo-se à memória como uma arte de saber, ele enxerga que ela é composta por vários momentos e de um amontoado de coisas heterogêneas. Não tem enunciado geral e abstrato nem lugar próprio. A memória não pode ser separada do tempo e de suas aquisições, pois ela se revela pela singularidade, por experiências individuais que se imprimem no social.

Revelada pelo “jogo múltiplo” das alterações e tencionada por momentos ocasionais, a memória nos é apresentada por palimpsesto, escrituras invisíveis que carregam valores próprios, assim

O modo da rememoração é conforme o modo da inscrição. Talvez a memória seja, aliás, apenas rememorações ou chamamento pelo outro, cuja impressão se traçaria como em sobrecarga sobre um corpo há muito tempo alterado já mais sem saber. Essa escritura originária “sairia” aos poucos, onde fosse atingida pelos toques. Seja como for, a memória é

<sup>117</sup> CATROGA, 2001, op. cit.

<sup>118</sup> MONTENEGRO, 2007, op.cit., p.31.

<sup>119</sup> CERTEAU, 1994, op.cit.

tocada pelas circunstâncias, como o piano que produz sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro<sup>120</sup>.

Ouvindo os depoimentos dos militantes integralistas barbalhenses, constatamos que esses sujeitos mnêmicos não lembram uma ou outra imagem. Eles evocam, dão voz, fazem falar, dizem novamente o conteúdo de suas vivências. Enquanto evocam as imagens passadas, estão vivendo atualmente e com uma intensidade nova as suas experiências. Eles refletem sobre o tempo que lhes aparece como luz atrás de um pano esgarçado. São narrativas que falam “no tempo e do tempo”, fluxo que a memória abre do presente para o passado.<sup>121</sup>

Ao analisarmos tais relatos, observamos uma gama de experiências particulares pronunciadas por esses sujeitos. Apesar das lembranças estarem contidas em um quadro social, em uma coletividade, elas expressam uma singularidade dos experimentos, vivenciada por cada um dos depoentes.

A narrativa de memória carrega uma vivacidade própria. Ela acessa o passado com um valor especial, que é o do sujeito que faz do homem um indivíduo único, mergulhado em suas vivências e em seus valores. “Ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais”<sup>122</sup>.

O narrador abre as portas de suas histórias e convida a entrar junto para vivenciar experiências e perquirir saberes e expressões. Ao adentrarmos nas suas alegorias, procuramos extrair marcas de historicidades.

As narrativas dos sujeitos nos levam a passear no desvão das suas memórias. São palimpsestos que já comportaram e comportam várias escrituras, umas mais indiciosas, outras com quase imperceptíveis traços aparentes. Assim nos posicionamos como interlocutores de uma hermenêutica que busca se colocar no lugar do outro para compreendê-lo e observar que o flexionar da memória por esses sujeitos tem um sentido agudo, que vem à superfície por meio de uma leitura do mundo, uma interpretação. Foi como na voz de um dos nossos

---

<sup>120</sup> CERTEAU, 1994, p.163.

<sup>121</sup> BOSI, 2003, op. cit., p, 83.

<sup>122</sup> ALBERTI, Verena. **O Fascínio do Vivido**, ou o que atrai na história oral. Rio de Janeiro CPDOC, 2003. 4 [f]. p.1.

depoentes, ao descrever as imagens para ele marcantes, quando relacionado ao Integralismo.

Lembro com muita emoção das imagens da nossa sede e da primeira vez que eu entrei lá. As sedes era tudo a mesma coisa se viu uma viu todas ... umas mais simples e umas mais arrumadzinhas. A nossa ficava onde hoje é a Biblioteca Pública, naquele casario que fica no calçadão. Logo na entrada, na porta, tinha uma inscrição que era mais ou menos assim: antes de transpor essa porta consulte teu coração. Se é capaz de renunciar prazeres, ambições, a própria vida em defesa dos deveres da pátria, então entre e encontrarás aqui teus irmãos e tua glória. Era mais ou menos isso. Tinham umas escadas que ia dá na parte de cima, a gente subia aquelas escadas e, na parte de cima, logo na frente, tinha o retrato do Plínio, tinha as cadeiras, o auditório. Uma bandeira nacional e uma bandeira do sigma cruzadas. E outra frase que era: o integralista é o soldado de Deus e da pátria, o homem novo do Brasil que vai construir uma grande nação. Acima da mesa central tinha Deus, Pátria e Família. Aquilo tudo era uma maravilha.<sup>123</sup>

Como ouvintes, nós pesquisadores, à medida que as imagens vão sendo construídas pelo entrevistado, também a nossa imaginação procura ir junto, mas de um modo pessoal, pois os significados dessa construção se colocam de formas diferentes. Nesse procurar compreender, é que se concretiza a nossa análise. Por que este acontecimento foi marcante para o depoente? Por que lembrar? Como as frases e a imagem da sede, até hoje, ficaram na memória desse depoente, mesmo com a influência do que já foi escrito? Como perceber os valores demandados nessa volta?

Partimos da noção de que a memória individual e a memória social estabelecem entre si fluxos contínuos, mas o que as diferenciam é a experiência vivida por cada narrador, que dá possibilidade de se relatarem memórias plurais. Com isso, é a partir das experiências individualizadas tecidas por sentimentos coletivos historicamente construídos, que procuramos dar um talhe às abordagens sobre o Integralismo em Barbalha.

No processo de coleta das entrevistas, indagamos sobre o que mais era marcante nas lembranças individuais sobre o Integralismo, como forma inicial de percebermos o colorido que povoa as memórias sobre o movimento. Para uns, a beleza. Para outros, o que mais pululava nas suas reminiscências era o Golpe de 1937, perseguições, prisões. Também são lembrados os romances: “lembro que

<sup>123</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

Dr. Pio conheceu a dona Letícia em uma conferência integralista, onde ela falava. Se apaixonaram, logo em seguida casaram, são as pessoas mais importantes” <sup>124</sup>. São rememorados: a escola integralista, os desfiles; as conversas rotineiras dos militantes em uma praça que fica na cidade; a atuação do vigário local dentro do movimento e “das missas onde o verde pintava a igreja” <sup>125</sup>; a visita de Plínio Salgado a Barbalha, no início dos anos de 1950:

[...] o que me marcou foi a vinda de Plínio Salgado. Neste tempo eu era quem organizava o campeonato de futebol da cidade, então ele juntamente comigo, demos o ponta-pé na bola para dar início ao campeonato, o estado tava cheio. Depois ele fez um grande discurso. Todos aplaudiram de pé. <sup>126</sup>

Os militantes integralistas da cidade eram provenientes de várias camadas sociais, profissionais liberais, comerciantes, funcionários do comércio, estudantes, professores, domésticas, operários da construção civil: “tinha a família Dantas, calçamenteiros, eram fervorosos militantes” <sup>127</sup>. Nas entrevistas, ficou visível a ausência ou a pouca participação de agricultores, apesar da população rural se constituir na cidade em maior número: “o movimento não teve grande expressão no meio rural não” <sup>128</sup>. Essa característica se diferencia quando relacionada às experiências integralistas em outras regiões interioranas do Ceará, discussão que será tratada posteriormente.

Voltando ao questionamento anteriormente suscitado: como trabalhar com as imagens, experiências e cotidiano relacionados ao Integralismo em Barbalha, a partir das memórias daqueles que tiveram um contato direto com o movimento e seus ressignificados? Propomos o levantamento de uma problemática que contemple o entrecruzamento de memórias, como maneira de perceber o campo de uma diversidade de experiências, que ora se contemplam, ora se repelem. Devemos ter uma atenção ao lançarmos olhares sobre essas fontes, não hierarquizando as falas, pois elas carregam significados, afinal, se enriquecem pelo emaranhado de imagens que são utilizadas na reconstrução do passado.

<sup>124</sup> GRANJEIRO, F. R. Francisco Renê Granjeiro. Depoimento [jun. de 2006].

<sup>125</sup> SAMPAIO, J.C. Joaquim da Cruz Sampaio. Depoimento [ago. de 2008]

<sup>126</sup> BARRETO, J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>127</sup> BARRETO, J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>128</sup> ALENCAR, J. A. José Atanaildo de Alencar. Depoimento [ago. de 2009].



Nas fendas deixadas nas narrativas dos depoentes utilizaremos um tatear mais minucioso, sob o silêncio das informações desencontradas, das relações cotidianas desenvolvidas pelo integralismo, re-elaboradas pela memória e os espaços praticados.

Tal percepção requer uma crítica aos testemunhos, pois ao narrarem suas experiências, eles estão presos a valores que sinalizam para um desejo de reconstituir as texturas da sua vida e as verdades abrigadas nesse rememorar. É evidente que o campo da memória é um campo conflituoso, que pinta com cores mais forte o salutar e dilui os desprazeres. A narrativa de memória “sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios, obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” <sup>129</sup>.

As memórias dos militantes se resguardam por uma amálgama de imagens que flexionam o acesso ao passado, trazendo dele quadros de paisagens agradáveis, mas, nem por isso, homogêneas. Esses processos mnemônicos servem para estabelecer um elo de valores socialmente compartilhados e historicamente construídos, pois, ao lembrar, o sujeito não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, “não está se entregando fugitivamente as delícias do sonho; ele está se ocupando consciente e atentamente do período passado, da substância mesma da sua vida” <sup>130</sup>. Segundo Antônio Gondim Sampaio,

A vida é assim, até quando a gente chega a uma idade, e agora, pra que eu to vivendo! Eu vivo dizendo que a velhice chega quando os sonhos acabam e a saudade ocupa o lugar deles. Mas, ainda sonho, por incrível que pareça. O Integralismo pra mim é um sonho. Às vezes, fico sentado sem ter o que fazer, aí me bate uma lembrança daquele tempo. Fico aqui pensando naquele montão de gente vestidos de camisas verdes, da praça onde nos reuníamos todas as noites, não apenas para falar do Integralismo, apesar de sermos integralistas. Era como se fosse uma obrigação diária; das reuniões, desfiles, de tudo aquilo que guardo comigo. <sup>131</sup>

Ao burilar as narrativas de memória, apreendemos fios que nos conectam a fragmentos que dizem respeito ao cotidiano do Integralismo em Barbalha, ou melhor, a partes desse cotidiano. As falas desempenham um papel

<sup>129</sup> BOSI, 2003, op.cit., p.20.

<sup>130</sup> Idem., 1994, p. 60.

<sup>131</sup> SAMAPIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento. [fev. de 2009]

ímpar para a re-interpretação de aspectos ora esquecidos, quando relacionados às práticas deste movimento em cada localidade que atuou. Dar voz a esses sujeitos é mergulhar em um universo de tramas instigantes, que procuram atingir as percepções dos indivíduos no tempo, colocando-os como construtores dos fatos sociais.

Contudo, a análise sobre as narrativas de memória, dos militantes integralistas de Barbalha, é produtora de significados que se concretizam por meio dos sonhos, do desejado e experimentado. São maneiras pelas quais esses sujeitos sociais atingem o passado, revelando traçados, minúcias e sentimentos.

Pontuando as práticas desenvolvidas pelo integralismo na cidade de Barbalha, a partir das memórias de seus militantes, conseguimos perceber inúmeras maneiras de utilização dos espaços pelo movimento. Tais práticas conseguiram penetrar em locais que não se configuravam como locais de doutrinação e arregimentação do movimento. Referimo-nos a instituições educativas e religiosas.

Com o Estado Novo, vieram as perseguições e prisões e, com elas, a necessidade de burlar tais estruturas. Nas falas, ficou notório um modo de fazer o movimento com práticas que garantissem a sua permanência na cidade: o não usar a camisa verde, para não serem perseguidos, mas, em contrapartida, poderem se reunir, dispersando a perseguições; a escuta do rádio e reuniões na casa do vigário, local onde a polícia não poderia entrar; a queima de livros como forma de não irem presos; do não entregar o fichário com nomes de pessoas filiadas; do jogo político local, pois o interventor da cidade tinha, dentro do movimento, familiares e amigos.

O cotidiano é feito por “mil maneiras”, onde as práticas em microespaços podem revelar um vasto sentido para compreensão sobre como ele é consumido e ressignificado.

“Novos sujeitos do novo passado”, militantes integralistas e suas experiências, podem nos fornecer diferentes roupagens para interpretação desse movimento e suas experiências locais. Posto em voga, o passado volta como quadro de consumo em que se valorizam os detalhes, os fragmentos quase

imperceptíveis, as originalidades e exceção à regras, que enriquecem os mecanismos de interpretar e construir narrativas históricas.<sup>132</sup>

Como forma de perceber o significado e importância que o Integralismo teve na cidade, demarcamos fragmentos da experiência e engajamento do líder integralista local, Pio Sampaio, na tentativa de adentrarmos em uma análise mais coerente e aprofundada, que levanta aspectos importantes para o entendimento das práticas integralistas no cotidiano da cidade.

### *3.2 Fragmentos de uma experiência: o integralismo e suas especificidades*

O Integralismo carregou suas especificidades, trajetórias singulares imersas nas localidades em que atuou. Os fragmentos de memória podem favorecer uma análise acerca do não expresso, do original, que, em outras fontes, não são mencionadas. As narrativas orais se movimentam por caminhos pouco transitáveis quando se referem ao Integralismo no interior cearense. Também serão utilizadas nesta análise cartas<sup>133</sup> que pontuam elementos sobre o Integralismo em Barbalha e as diferentes roupagens que revestem suas experiências. É uma forma de trazer, ao corpo principal do nosso objeto de estudo, outras informações que favorecem a construção da análise por nós proposta.

Analisando os relatos, pontuamos características que nos falam do Integralismo em Barbalha e sua experiência localizada. Ao levar em consideração as formas pelas quais se deram os primeiros contatos dos militantes do sigma no Ceará com o pensamento integralista, evidenciamos o caso de Barbalha, por meio da trajetória tomada pelo chefe integralista local, Pio Sampaio.

Experiências diferenciadas são mencionadas, quando se referem à adesão dos militantes ao Integralismo, seja através do jornal O Nordeste, como no caso de Franklin Chaves, líder integralista de Limoeiros do Norte: “fui lendo, lendo

---

<sup>132</sup> SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada da subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>133</sup> Cartas compostas. In: SAMPAIO, 2008, op. cit.; FIUZA, 2004, op.cit. Mas também, em arquivos particulares da família Sampaio.

e me tornei integralista, uma adesão quase por idéia”, <sup>134</sup> ou a partir de instituições como o Seminário da Prainha e o Liceu Cearense, no caso de Fortaleza.

Em Fortaleza, são evidenciadas nas instituições acima citadas, uma forte atuação de quadros importantes do Integralismo cearense: “no Liceu foi fundado um grupo pra homenagear Jacson de Figueiredo e nesse... padre D. Hélder sempre preocupado preparou cedo um debate sobre o Integralismo e assim entrei.” <sup>135</sup>

Francisco Alves, ao se reportar sobre sua experiência como estudante no Seminário da Prainha, afirmou:

no seminário fundara-se o centro de Estudo São Tomás de Aquino. O aluno Helder Câmara espiava e transmitia os movimentos dos círculos operários, os debates do integralismo e da Legião Cearense do Trabalho... [o Integralismo] era uma consciência renascente de base espiritualista e nacionalista, cujo as legendas soava bem ao pensamento dos noviços, Deus, Pátria e Família... fui levando a Jeová Mota, que era capitão ou major de exército por um meu colega chamado Teixeira Cavalcante...foi aberta a conversa, discutimos um pouco de... procurei situar problemas ideológicos ligados ao movimentos da Ação Integralista Brasileira. <sup>136</sup>

Ao apontar sobre como o líder integralista da cidade de Barbalha estabeleceu os contatos iniciais com esse movimento, Iônio Sampaio discorreu acerca de uma perspectiva diferente e mencionou: “não sei bem certo o ano que o integralismo chegou à cidade, mas lembro que conversando com papai afirmou que o tio Pio tinha se influenciado nas suas viagens, supostamente ao Rio” <sup>137</sup>.

A memória não se qualifica em guardar datas exatas sobre acontecimentos, a menos que essa tenha significado expressivo para a vida de quem lembre. A afirmativa acima nos é apresentada, sem pretensão de demarcar um período exato do surgimento dos primeiros contatos de Pio com o Integralismo. Ao cruzarmos as informações dadas pelo depoente com uma carta enviada por Pio Sampaio, do Rio de Janeiro, endereçada a seu pai, José de Sá Barreto Sampaio, em abril de 1932, a fala do depoente ganha sentido. Pio Sampaio, ao descrever suas posições políticas acerca dos problemas enfrentados pelo Brasil,

<sup>134</sup> CHAVES, F. G. Franklin Gondim Chaves. Depoimento [mar. de 1984]- NUDOC/ UFC.

<sup>135</sup> AGUIAR, M. T. Moacir Teixeira de Aguiar. Depoimento [jun. de 1983]- MIS/CE.

<sup>136</sup> CASTRO, F. A. A. Francisco Alves de Andrade e Castro. Depoimento [jun. de 1983]- MIS/CE.

<sup>137</sup> SAMPIO. I. Iônio Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

ênfatiou: “com a ebulição pela qual passa o país surge um novo pensamento que por muito me admiro, pensamento ordeiro e cristão... muitos dos meus ex-colegas de faculdade pensam o mesmo” <sup>138</sup>.

Em inícios de 1932, a Ação Integralista Brasileira ainda não se firmara como partido político, apenas seu pensamento estava sendo gestado dentro da denominada Sociedade de Estudos Políticos – (SEP), criada em fevereiro de 1931 e coordenada por Plínio Salgado. A circularidade de suas informações foi inicialmente restrita à região Sudeste.

Não queremos elucidar que os contatos iniciais de Pio Sampaio com o novo pensamento, que se tornaria pensamento integralista, serviu logo em seguida para que houvesse arregimentação de pessoas em Barbalha a esse novo pensamento, pois a documentação manuseada não favorece evidências para tal afirmativa. Também não mensuramos que os mecanismos utilizados para expansão do pensamento integralista no estado do Ceará, ou melhor, de Fortaleza para regiões interioranas do estado, não foram basilares e não proporcionaram um campo fértil para adesão de lideranças das cidades interioranas ao Integralismo e à criação de núcleos locais. Mas uma forma de perceber o itinerário de Pio Sampaio dentre inúmeras experiências demandadas por esse movimento.

A trajetória de Pio Sampaio prende-se às práticas desempenhadas por famílias abastadas do interior cearense, onde, logo criança, foi enviado para estudar em centros educacionais mais desenvolvidos.

A essas práticas, ligava-se a análise feita por Gilberto Freyre<sup>139</sup>, ao fazer referência à educação dos filhos de famílias abastadas, revelou que: logo quando crianças, eram levadas por seus pais para estudar em internatos religiosos, onde ficavam até os 13 ou 14 anos de idade. A sua educação começava em casa e continuava nessas instituições. O caráter religioso, preso à moral e ao civismo, era um dos aspectos preponderantes no processo de ensino e aprendizado nos internatos.

---

<sup>138</sup> Carta de Pio Sampaio ao seu pai José de Sá Barreto Sampaio. Arquivo Particular da Família Sampaio.

<sup>139</sup> FREYRE, Gilberto. **Vida Social no Brasil nos Meados do Séc. XIX**. 4ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

Pio Sampaio foi herdeiro de uma tradição política familiar já consolidada na região do Cariri e principalmente em Barbalha. Sua conduta foi orientada pelos ditames mais conservadores, nos quais o discurso religioso conjugava-se com as práticas políticas. Seu pai se ajustou na cidade como próspero comerciante, proveniente do parentesco de Francisco Magalhães Barreto e Sá, fundador do município.<sup>140</sup>

As primeiras letras aprendidas por Pio Sampaio foram ensinadas por sua tia, dona Filotéia Costa, “dona Filozinha como era conhecida na cidade”.<sup>141</sup> Aos 12 anos de idade, foi matriculado no Mosteiro de São Bento, em Salvador-BA. Como não tinha vocação para o celibato, desvinculou-se da instituição e foi transferido para o Colégio de Santo Estevão em Quixadá, ficando lá até fins dos anos de 1919.

Durante o início dos anos 1920, cursou o Colégio Cearense dos irmãos Maristas em Fortaleza e, depois, o Liceu do Ceará, onde concluiu os estudos preparatórios, recebendo o certificado que credenciou seu ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia. Após três anos de estudos nessa instituição, foi transferido para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Finalizou o curso em 1928 e entre fins da década de 1920 e início da de 1930 voltou à cidade natal, passando a exercer sua profissão no Cariri cearense.

No Rio de Janeiro, estabeleceu vínculos, seja por meio de participação em cursos profissionais complementares, reuniões oficiais do Integralismo, ou mesmo em visitas despretensiosas a antigos colegas de Faculdade. Essas características foram expressas em cartas familiares e depoimentos de pessoas próximas a ele.

A sua trajetória no Integralismo foi marcada por um romance. Em meados dos anos 30, em visita a Fortaleza como atividade do partido, conheceu Letícia Lima, diretora do departamento feminino integralista dessa cidade, que se tornaria sua esposa. Tal aspecto se colocou como elucidativo e peculiar, pois ambos eram militantes e tinham uma expressiva atuação no movimento.

---

<sup>140</sup> Árvore genealógica da família Sampaio. In: FIUZA, 2004, op.cit., p. 31.

<sup>141</sup> NEVES, Napoleão Tavares. **Primeiro Templo Católico do Cariri e Outros Fatos**. Fortaleza: EdUFC, 2000. p. 107.

Pio Sampaio, lembrando das contingências em que se deu o encontro, discorreu sobre o mesmo em uma carta enviada ao seu filho Eudes.

Através do movimento integralista a que me filiei com entusiasmo, dirigi-me a Fortaleza, onde compareci à sede da chefia provincial do partido, cujo chefe e sub-chefe, Cap. Jeová Mota e Ubirajara Índio do Ceará estavam ausentes de viagem ao sul do país.

O chefe em exercício, o Sr. Pedro Cruz atendeu-me com invulgar atenção, e me convidou a acompanhá-lo à reunião do departamento feminino do partido, a que aquiesci prontamente.

Ao ingressar no salão, discursava com apreciável desenvoltura e convicção partidária a sua diretora, a Letícia.

Finda a sessão, fui-lhe apresentado, e ao longo da viva conversa, voltada naturalmente para os interesses e crescimento do movimento, surgiu-nos, não há dúvida, certa aproximação afetiva.

Convidado a comparecer a sua casa lá conheci o muito admirável Ubirajara, seu irmão, assim como seus distintos pais: Sr. Assis e D. Felismina (D. Tina).<sup>142</sup>

A experiência de Pio Sampaio como militante integralista não se resumiu apenas às atividades partidárias, mas se misturou a sua vida afetiva. São texturas que revestem a pluralidade do Integralismo no Ceará e enriquecem as possibilidades interpretativas sobre este movimento.

Vale mencionar que Letícia Lima era irmã de Ubirajara Índio do Ceará<sup>143</sup>, chefe provincial do Integralismo no estado. Exercendo a função de professora, destacou-se pela atuação junto aos setores femininos e a sua sindicalização. Foi redatora do Jornal “A Razão”, órgão do Integralismo cearense.

Com Dom Hélder, ela trabalhou em ações educativas destinadas a lavadeiras, engomadeiras, domésticas, cozinheiras, amas e copeiras da cidade de Fortaleza. Esse trabalho resultou na criação de dez núcleos espalhados pela periferia da cidade, onde funcionavam escolas de ler, escrever e contar.<sup>144</sup>

A desenvoltura de Letícia foi aludida pela doutrinação de mulheres operárias na periferia de Fortaleza. Elemento esse, que é dissonante quando contrastado com outras experiências do Integralismo fora do estado cearense. Um

<sup>142</sup> Carta de Pio Sampaio ao seu filho Eudes. In: FIUZA, 2004, op.cit., p. 60-66.

<sup>143</sup> Jeovah Motta transfere-se para O Rio de Janeiro, na condição de Deputado Constituinte, em 1934, onde ocupa cargos da AIB nacional, no Departamento de Justiça e no Departamento de Economia Política e depois secretariado de Doutrina Integralista. A partir desse momento assume a chefia integralista na província do Ceará, Ubirajara Índio do Ceará. Ver: REGIS, 2008, op.cit., p. 104.

<sup>144</sup> SAMPAIO, 2008, op.cit.

dos mecanismos utilizados para tal arregimentação foi a criação da Sindicalização Operária Feminina Católica, que tinha como presidente D. Hélder Câmara e a participação de professoras católicas e integralistas.

Moacir Teixeira de Aguiar, pontuando a ativa militância de Letícia Lima, nos revelou que:

A D. Letícia Ferreira Lima pegou-se ao movimento pedagógico era paralelo também ao movimento Integralista. Juntamente com D. Hélder Câmara foi líder dos professores católicos, mais profundamente da doutrina integralista. A Letícia era integralista radical, sincera. Combatia as correntes da psicologia liberal.<sup>145</sup>

O casamento entre Letícia e Pio Sampaio ocorreu em 1938, quando ela suspendeu suas atividades profissionais em Fortaleza, passando a viver em Barbalha. Ao discorrer sobre a sua chegada à cidade, em carta endereçada aos seus pais, demonstrou o carinho com que foi recebida e a felicidade com as novas experiências do local.

Papai e mamãe, queridos meus

Daqui, da minha nova terra, já lhes envio minha notícia de chegada, através das palavras pouco minuciosas de um telegrama. Mas, mesmo quase inexpressiva era uma grande saudade que si ia para vocês, saudade bem forte e sentida.

Talvez para atenuar a minha pena, encontrei entre os do Pio, um ambiente do mais puro carinho, do mais delicado afeto. Todos, um a um, irmãos a irmãos, pais, têm tido para comigo as inequívocas demonstrações de amizade sentida.

Ontem à noite, aproveitando a solenidade do dia do Coração de Jesus, fez-se a benção da casa e a entronização solene dos nossos quadros. Compareceu muita gente. Além da família e irmãos, com a (presença de Leão), um crescido número de amigos e “da população local”. O vigário falou novamente e dificilmente me contive. A minha casa, meus queridos, está encantadora. Tudo muito simples, mas de muito gosto e de muita graça.<sup>146</sup>

O último fragmento da carta acima citada é alusivo por demonstrar práticas executadas por famílias abastadas interioranas. O simples ato de inauguração de uma nova moradia ganha repercussão política na cidade. Mencionou pessoas que exerciam cargos políticos importantes, como é o caso de Leão Sampaio, irmão de Pio Sampaio, que ocupara uma cadeira na Câmara Federal como deputado, além da presença do vigário local, padre José Correia.

<sup>145</sup> AGUIAR M. T. Moacir Teixeira de Aguiar. Depoimento [jun. de 1983]- MIS/CE

<sup>146</sup> Carta de Maria Letícia Ferreira Lima Sampaio aos pais. In: SAMPAIO, 2008, op.cit., p. 133-137.



Ficou expressa, no decorrer da sua dissertação, toda uma familiaridade do vigário com a família de Pio Sampaio. Como já citado, o vigário desempenhava um importante papel dentro do Integralismo local, como secretário de educação do movimento. Foram aferidos, também, amigos do casal e um crescido número de pessoas da população da cidade. Os aspectos levantados levam-nos a visualizar a estrutura de poder com a qual o Integralismo se constituiu na localidade analisada.

Nas falas dos militantes locais, Letícia foi lembrada pela vivacidade e engajamento no movimento integralista de Barbalha.

Letícia Lima trouxe um gás para o movimento da cidade. Ela era a locomotiva incansável, convicta. Quase que diariamente vestia a sua camisa verde. Muito bonita, falava bem, empolgava todos os que estavam a sua volta, não apenas por sua beleza, mas também por sua eloquência... Sempre fazia conferência sobre o Integralismo.<sup>147</sup>

Letícia chegou à cidade em 1938, quando já vigorava a ditadura varguista. Nas memórias dos militantes e não militantes elucidou-se a figura da integralista convicta. Mesmo com toda maquinaria de perseguição do Estado Novo, ela foi citada nas falas como uma pessoa que desempenhou uma função de doutrinar quadros para o Integralismo.

Pensar a descontinuidade do Integralismo em Barbalha é perceber a porosidade de suas experiências, é encontrar mecanismos que extrapolam datas pré-concebidas. O Integralismo não foi um movimento homogêneo, que teve seu início em 1932 se estendendo a 1937, quando foi implantado o Golpe de Estado e posto na ilegalidade. Ele é desenhado por particularidades e experiências múltiplas.

Remetendo novamente às narrativas orais, percebemos que o embate entre as memórias reluzem as várias facetas do lembrar, que se qualificam por descompassos e pela construção de imagens distintas. Ao relacionarmos as memórias dos militantes e de pessoas que não participaram do movimento, o colorido vigora nas falas e experiências. O trabalho com a memória requer a montagem de diferentes pedaços do passado, ou melhor, dos passados ressignificados nas falas do agora. Conjecturando essa abordagem, percebemos,

---

<sup>147</sup> SAMAPIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009]

no relato de José Atanaildo, traços que figuram tal problemática. Ao se referir a Letícia Lima, um novo retrato foi apresentado. Letícia não era, para ele, a mesma que representara para os militantes locais, apesar das evidências como integralista. Seu olhar partiu de sua experiência como aluno que percebeu nela a dureza na personalidade como professora e rigidez no relacionamento. Mas também a partir dos retalhos cotidianos, apontou para os acirramentos sofridos pelo Integralismo em Barbalha e revelou números expressivos de professores integralistas nessa cidade:

Letícia Lima ensinava aqui na cidade, ela era professora. A D. Letícia era pessoa durona, de postura. Ela era integralista convicta. Naquele tempo nós alunos sabia respeitar os professores, porque isso se aprendia em casa, os pais obrigava a respeitar os professores. Nas suas aulas sempre dava uma pincelada sobre o Integralismo. Aliás, existia aqui muitos professores integralistas... Lembrando desses fatos que acontece na vida da gente, um dia, um fato que aconteceu com a D. Letícia... um dia ela indo me parece que para o Crato com uma colega que não recordo o nome, um rapaz disse um piada com o Integralismo, ela só faltou bater nesse rapaz. Ela era assim uma pessoa muito séria, muito dura.<sup>148</sup>

É partir de fragmentos do cotidiano, contidos nesse depoimento que o narrador deu significado a sua interpretação. Longe de ser um lugar de calma e movimentos sincrônico, o cotidiano é composto por uma diversidade de atores que encenam uma variabilidade de práticas. O simples entrevero envolvendo Letícia Lima, supostamente em uma viagem feita à cidade vizinha, Crato, foi apenas um estopim para percebermos os descompassos nas falas, pois nas narrativas dos militantes os acirramentos sofridos foram pouco expressivos: “todo mundo respeitava o Integralismo porque era composto das pessoas mais importante da cidade”<sup>149</sup>.

A narrativa do depoente também diz respeito à forma pela qual o cotidiano foi elaborado a partir das memórias. José Atanaildo nos afirmou que, apesar de seu pai ser integralista, ele não teve nenhuma simpatia pelo movimento. Continuando sua exposição, relacionada à oposição sofrida pelo Integralismo local, mencionou:

<sup>148</sup> ALENCAR, J. A. José Atanaildo de Alencar. Depoimento [ago. de 2009].

<sup>149</sup> SAMPAIO, A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

Aqui em Barbalha tinha um pessoal que era contra. Bispinho que era um professor conhecido, Zé de Noca, Lauro Cabral. Lauro era casado com uma das Corrêas, ele teria sido comunista aqui na cidade... Eu sei que houve um comício deles [comunistas] ali na praça, que jogaram ovos goros neles. Zé de Noca era uma pessoa muito retraída da Barbalha, marcada, ele era contra. Houve esses detalhes aqui, anos 30, 40 que ficou nisso mesmo, ninguém sabe quem foram essas pessoas, são pessoas sem história. Aqui é assim, quando a elite não se interessa por alguma coisa, ou que não lhe diz respeito, ela coloca uma pedra em cima e pronto.<sup>150</sup>

Ao aferir as pessoas contrárias ao Integralismo em Barbalha, como ele reportou “pessoas sem história”, sinaliza para a discussão sobre o poder consensualista da memória, que dilui as diferenças do lembrar, flexionando a uma visão homogeneizante dos acontecimentos. Como já foi dito, escrever uma história social da memória só tem sentido se, junto dela, for redigido a história do esquecimento<sup>151</sup>, sendo esse movimento de lembrar e esquecer que dinamiza todo trabalho das reminiscências. O que fez o depoente quando ressalta o desbotamento de outros atores, que compõem a cena dos acontecimentos cotidianos da cidade, se não o esmiuçar do processo de construção e natureza produzidas pela memória?

As memórias integralistas, por vezes, se confundem com a memória dos grupos detentores da cidade. Havia uma tensão e disputa da/pela memória e o não salutar era descartado: “houve esses detalhes que ficou por isso mesmo, ninguém sabe quem foram essas pessoas”. Por isso, devemos ter um cuidado sobre o uso público e político da memória, percebendo as fendas que se abrem, lacunas que demandam um tratamento mais criterioso quando relacionados às falas.

Para Paul Ricoeur<sup>152</sup>, a manipulação da memória, ou melhor, a utilização deliberada do esquecimento se opera por meio do caráter seletivo da própria memória. É a partir da seleção de lembranças que passa necessariamente a instrumentalização da memória.

O olhar do narrador sobre o Integralismo indicou o local da sua fala, “não era simpático ao Integralismo”, mas é por isso que torna possível uma análise

<sup>150</sup> ALENCAR, J. A. José Atanaildo de Alencar. Depoimento [ago. de 2009].

<sup>151</sup> CATROGA, 2001, op. cit.

<sup>152</sup> RICOEUR, Paul. Entre mémoire et histoire. In: **Projet**. Paris: número 248, 1996.

mais plural, o olhar do outro, o tatear não familiar. Os detalhes são postos em voga em fragmentos de lembranças, que por ora não são aferidos, quiçá maquiados por quem se confere como portador da “verdadeira história”.

O cotidiano maleável e as memórias plurais fazem do Integralismo local um objeto de roupagens diversas que cintilam formas de interpretar com percepções variadas sobre o passado e suas experiências. Ao tecer as tramas emanadas da memória, deparamos com uma amálgama de falas e imagens que favorecem e enriquecem a nossa análise.

Voltando para a experiência de Pio Sampaio, percebemos que, no entremeio do primeiro encontro com Letícia e o seu casamento, os contatos entre ambos foram registrados por cartas, que abordavam a intimidade afetiva do casal: “eu não lhe posso dizer do crescendo assustador da minha saudade. É quase doença que eu muito quero e de que muito gosto. É tão bom ter-se saudade bem sentida” <sup>153</sup>. Mas também revelaram assuntos que se reportavam ao Integralismo no Ceará; seu engajamento e expressividade, brigas internas, angústias e a dificuldade financeira do movimento.

Querido Pio, você e Jéo já falaram com o Plínio... Em carta ao Lauro, ele anunciou a vinda do mesmo ao Ceará em janeiro. Bem, quero fazer-lhe críticas à proposta, julgo mau o tempo para visitas. O interior não poderá recebê-lo como deve, dada a situação em que se encontra. A capital só agora acabou de pagar o empréstimo que fizera para recebê-lo meses atrás. Acho que o mês naturalmente indicado será junho quando se não falhar o inverno o Ceará terá ressurgimento. Também já haverá possibilidades de melhores condições econômicas. <sup>154</sup>

Na carta são mencionados nomes importantes do movimento integralista, dentre eles Jeovah Motta, ex-chefe provincial do Integralismo no Ceará, e Lauro Marciel, elemento atuante. Tratava-se da impossibilidade financeira da vinda de Plínio Salgado ao estado. Os fragmentos indicam a ativa participação de Pio Sampaio nas decisões importantes, quando relacionadas ao Integralismo e à sua familiaridade com Plínio, chefe integralista nacional.

<sup>153</sup> Carta de Maria Letícia Ferreira Lima Sampaio a Pio Sampaio. In: SAMPAIO, 2008, op.cit., p. 120.

<sup>154</sup> Ibid. p. 115-130.

O envolvimento de Pio com Letícia proporcionou ao chefe integralista da cidade um contato mais direto com as lideranças políticas do Integralismo em Fortaleza e no estado, visto o importante papel que Letícia desempenhava, e mais, por ser irmã do chefe provincial do integralismo no Ceará.

Letícia, em outro momento, aludiu a sua participação no jornal “A Razão”. Mencionava os acirramentos internos do movimento integralista. O relato endereçado ao seu amado, Pio Sampaio, afluou quase como um segredo e expressou o medo de se tornarem públicos os problemas internos do movimento, características que não são normalmente postas em documentos tidos como oficiais.

Envio-te junto a esta o trabalho feito na sede em fins de setembro. Só agora o jornal nosso dignou-se publicá-lo, sem minha assinatura. Por falar em jornal as coisas na gerência vão de mal a pior. O Dr. Colombo de Souza é um capitalista, um burguês argentário transvertido de verde. O Laurinho vai deixar a redação como já o fez o Gilberto Câmara por não tolerar as suas indelicadezas. Entre os operários e tipógrafos há uma revolta que, surda a princípio, já vai tomando corpo. E o mais lamentável é a repercussão fora das paredes modestas daquela oficina. O chefe provincial não pode demorar na viagem, para evitar um caso ruidoso.<sup>155</sup>

A carta apresenta uma maior informalidade, pois carrega aspecto íntimo e privado que logra em se expressar mais claramente sobre pontos de vistas e acontecimentos que são camuflados ou silenciados em outros relatos.

Embora as cartas sempre tenham sido usadas para ler o passado, apenas nos últimos anos foram consideradas fontes com grandes possibilidades de serem objetos de pesquisa. Não queremos aqui fazer uma abordagem específica sobre a metodologia da utilização desse documento, mas mensurar sua importância neste momento, juntamente com as narrativas orais, para a percepção da pluralidade que envolveu a experiência integralista local. O seu caráter íntimo revelou intensa participação do chefe integralista de Barbalha. A potencialidade das correspondências entre Letícia e Pio chama nossa atenção, por serem portadoras de saberes e vivências, portanto, carregadas pelo tempo da experiência- descontínua e fragmentada. Permitem uma melhor compreensão do passado, a composição do cotidiano integralista e as suas dinâmicas políticas .

---

<sup>155</sup> Carta de Maria Letícia Ferreira Lima Sampaio a Pio Sampaio. In: SAMPAIO, 2008, op. cit., p. 129.

Pio Sampaio, ao mesmo tempo em que era reconhecido por suas atividades no Integralismo como militante, ocupou o posto de confidente de uma das personagens crônicas do movimento no estado. Características que lhe são atribuídas como peculiar se comparadas a outras lideranças do Integralismo no interior do estado.

A participação de Pio Sampaio no Integralismo foi destacada por seu desempenho junto à população local: “Barbalha se constituiu como o núcleo principal da Ação Integralista Brasileira no cariri, Pio foi escolhido dentre milhares de pessoas militantes, para compor a chamada câmara dos quatrocentos.”<sup>156</sup>

O Cariri cearense foi mensurado nas falas de militantes de outras localidades como região atuante e de destacável representatividade. “No cariri o movimento foi forte, tinha o Padre Antônio Gomes<sup>157</sup> no Crato e Antônio Machado<sup>158</sup> elementos consideráveis”<sup>159</sup>.

Em um diário escrito por Luiz Ayres, morador de uma cidade vizinha à Barbalha, Jardim, foram evidenciadas, nas suas notas cronológicas a desenvoltura de Pio Sampaio e a sua importância no processo de expansão do pensamento integralista no interior cearense. Além disso, ocupou cargos importantes na estrutura hierárquica do Integralismo: chefe municipal, Inspetor do Integralismo no Cariri e, como já citado, ocupou uma cadeira na Câmara dos Quatrocentos.

Dia 31 de julho de 1935: chega à cidade de Jardim, por volta de 8 horas da noite, o Capitão Jeovah Motta, Deputado Federal, Chefe Integralista da Província do Ceará, secretariado pelo acadêmico Cândido Couto e acompanhado pelo Dr. Pio Sampaio, Inspetor do Integralismo no Cariri e Chefe Municipal do mesmo credo em Barbalha. Menos uma hora da chegada, falou na praça pública, na Avenida Barbosa de Freitas, trepado sobre uma mesa, pregando sua doutrina, demorando-se uma hora e 50

<sup>156</sup> NEVES. N. T. Napoleão Tavares Neves. Depoimento [jun. de 2007].

<sup>157</sup> Padre Antônio Gomes de Araújo nasceu em Brejo Santo- CE em 6 de janeiro de 1900 e faleceu em 1989. Entrou para o Seminário São José de Crato- CE em 1919 onde foi ordenado sacerdote em 1927. Residiu a maior parte da sua vida na cidade de Crato. De 1917 a 1932 exerceu seu magistério no Seminário São José. Destacado professor e pesquisador da história e genealogia do Cariri foi um dos fundadores do Instituto Cultural do Cariri e valoroso redator da revista “Itaytera” publicada por essa instituição. Também, como escritor, publicou importantes trabalhos sobre os fatos históricos do Cariri na revista “A Província” e em outros veículos de comunicação da cidade de Crato. Ver. Pinheiro, Irineu. **Efeméride do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

<sup>158</sup> Famoso tabelião que residia na cidade de Juazeiro do Norte. Nas entrevistas por nós realizadas foi recorrente a informação de sua participação como um dos membros principais do Integralismo na cidade acima citada.

<sup>159</sup> CASTRO. F. A. A. Francisco Alves de Andrade e Castro. Depoimento [jun. de 1983]- MIS/CE

minutos, em linguagem clara, voz pausada e alta, perante uma grande massa. Prossegui viagem no dia seguinte. Rumo à Barbalha.<sup>160</sup>

Exercendo o cargo de Inspetor Regional do Integralismo no Cariri, desempenhou a função de interlocutor e coordenador do movimento nas localidades circunvizinhas: “Pio era chefe do Integralismo no Cariri, isso na hierarquia do Integralismo, tudo que acontecia do Integralismo ele ficava sabendo e era consultado”<sup>161</sup>. Esse aspecto o colocou como uma das peças centrais do Integralismo nas regiões interioranas do Ceará.

Em novembro de 1936, quando da sua estadia na cidade do Rio de Janeiro, onde cumpria programa de reciclagem médica e participava de atividades do movimento integralista, dirigiu ao irmão médico Leão Sampaio, constituinte de 1934, carta que expressava sua participação frente às decisões tomadas pelo movimento.

O Integralismo atravessa a fase de maior crescimento de sua história. Em todo sul, Minas, Bahia e Pernambuco há um formidável surto de progresso. Há poucos dias adquirimos uma estação de rádio por 450 contos (Rádio Fluminense) que vai dar força a nossa propaganda.<sup>162</sup>

A atividade desempenhada por Pio Sampaio como militante integralista não se resumiu apenas à cidade de Barbalha. Foi evidenciada nos relatos sua ativa participação em decisões que concernia ao Integralismo em âmbito nacional. Os fragmentos da documentação trabalhada favorecem para tal percepção de modo que também sinaliza para a relevante importância que o Integralismo teve dentro do município abordado.

Plínio Salgado evidenciou a análise acima levantada, em uma carta enviada a Pio Sampaio. Destacou o líder militante da cidade como um dos vanguardeiros do pensamento Integralista e dissertou sobre a contribuição relevante que Barbalha representou para o Integralismo.

Evocamos as imagens queridas desse casal que festivamente nos receberam, quando nossa excursão pelo Cariri, recebendo homenagens tão sinceras das populações de Crato, Juazeiro e, particularmente Barbalha. De minha parte, recordava os tempos heróicos da década de

<sup>160</sup> Diário de Luiz Ayres. In: FIUZA, 2004, op.cit., p. 213.

<sup>161</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>162</sup> Carta de Pio Sampaio a Leão Sampaio. In: FIUZA, 2004, op.cit., p. 214-215.

30, quando Letícia, mocinha, inteligente e bonita, despertava para o Grande Ideal e Pio Sampaio se alinhava entre os vanguardistas de um pensamento hoje, em grande parte, vitorioso no Brasil.<sup>163</sup>

O Integralismo e suas trajetórias singulares demandam novos olhares sobre esse objeto de estudo. Incidir a análise sobre seu cotidiano pode proporcionar percepções variadas acerca de como suas experiências se operaram em cada localidade. Por meio dos fragmentos de relatos, podemos perceber o significado que o Integralismo teve em Barbalha e as várias formas que revestem a constituição de suas imagens. Contudo, levantamos nesse momento questionamentos de como as práticas cotidianas desempenhadas pelo Integralismo local são reconstituídas a partir das memórias daqueles que o vivenciaram.

### *3.3 Praticando os espaços: memória e cotidiano do Integralismo em Barbalha*

As práticas integralistas na cidade de Barbalha carregaram tonalidades diversas. São maneiras de dar função aos locais de atuação do movimento, ora favorecido pela estrutura de poder na qual o Integralismo estava inserido, ora por um certo modo de fazer o cotidiano com mecanismos que pudessem dar segurança e continuidade às suas propostas. Apresentar a nossa análise sobre esse cotidiano turvo e móvel é se colocar como um observador não preso a estruturas teóricas fechadas, pois o cotejo do objeto requer um manejo desenvolvido para percepção das discontinuidades que envolvem suas experiências.

O esponjoso cotidiano do Integralismo em Barbalha, encenado nas falas de nossos depoentes, entrecruza-se aos modos de apropriação dos espaços que ganham funcionalidade a partir das práticas em que nele são desenvolvidas. Os espaços de doutrinação do Integralismo nesta cidade, longe de serem locais fechados, reservados somente para desempenhar o que concernia ao movimento,

---

<sup>163</sup> Carta de Plínio Salgado a Pio Sampaio. Ibid. p. 301-302.



foram concretizados em escolas, no Círculo Operário, no comércio e na Igreja, enfim, em lugares não próprios a tais práticas.

### 3.3.1 Igreja, Círculo Operário e o Integralismo: diálogo com o local

Uma das características elucidativas que pincelavam as práticas cotidianas do Integralismo em Barbalha foi a participação de padres dentro do movimento. Em Barbalha, como já aferido, o vigário local, José Correia de Lima, exerceu a função de secretário de educação do núcleo integralista: “quero crer que todas aquelas pessoas católicas eram influenciadas por ele”<sup>164</sup>. Neste caso, ao flexionar as memórias dos militantes, percebemos papéis singulares, que sinalizam para o cotidiano do Integralismo em Barbalha.

O padre José Correia assumiu a paróquia da cidade no ano de 1927 estendendo-se até 1946, quando do seu falecimento, ocorrido por consequência de um traumatismo crânio-encefálico, após queda de um cavalo.<sup>165</sup>

Os vínculos estabelecidos por esse padre com a família de Pio Sampaio pode ser interpretada a partir dos laços de compadrio, prática exercida comumente no interior do estado. O discurso religioso servia para manutenção da ordem e para assegurar o *status quo* executados por famílias que detinham o poder político e econômico local.

A íntima relação que o padre tinha com a família Sampaio foi posta mais claramente em uma carta escrita por José de Sá Barreto Sampaio, como já dito, pai de Pio Sampaio, no qual descreveu que: “o padre Correia vai trabalhar na Matriz; vem rezar o mês do rosário aqui; vem às noites pernoitar aqui comigo; trará o rádio, este falará, cantará e noticiará”.<sup>166</sup> As visitas rotineiras apontam para uma cordialidade que existiu entre ambos.

Os anos de 1930 se caracterizaram, em Barbalha e na maioria dos municípios interioranos do estado e do Nordeste, por uma sociedade

---

<sup>164</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>165</sup> NEVES, 2000, op.cit., p. 79.

<sup>166</sup> Carta de José de Sá Barreto Sampaio para Pio Sampaio. In: FIUZA, 2004, op. cit., p. 38.

profundamente presa aos valores católicos. Nas cidades, a influência das grandes famílias tradicionais na política era sustentada por um modelo patrimonialista e burocrático, pelo qual se confundiam as coisas do espaço público com as do privado, do Estado com a Igreja. Assim, as propostas integralistas encontraram neste ambiente um campo de possibilidade para fazer circular suas idéias não apenas por serem pronunciadas pelos grupos detentores do poder local, mas também por ter os discursos e práticas católicas, proteção dada pelo aparato de mando desses grupos.<sup>167</sup>

As práticas de doutrinação integralista exercidas pelo padre José Correia não se deram apenas dentro do núcleo integralista: “o padre Zé Correia visitava todas terças e quintas-feiras as escolas da cidade, doutrinando. Ele era integralista.”<sup>168</sup>

A participação da Igreja Católica no Integralismo cearense se colocou como um assunto bastante trabalhado pelos pesquisadores dessa temática. Mas as abordagens desenvolvidas não tiveram preocupação, ou não se propuseram em descer até o cotidiano do integralismo e mensurar o significado das práticas encenadas por esta instituição no dia a dia do movimento. Assim, tais preocupações que agora são levantadas ajudam-nos a uma melhor compreensão da dinâmica do movimento integralista na cidade de Barbalha.

Referindo-se ao padre José Correia, Antônio Gondim Sampaio rememorou práticas desempenhadas por esse padre que não falavam apenas de espaços pré- estabelecidos como integralista. Por meio de sua narrativa, apontou os locais em que se davam como espaço de arregimentação ao Integralismo.

Na nossa escola, escola integralista, funcionava também a sede. O padre José Correia orientava. Nas outras escolas ia também. Quero crer que ele pregava sobre o Integralismo. Todos nós vivíamos o Integralismo. Tudo que íamos falar, o Integralismo estava junto, não dava para separar. A Igreja via com bons olhos, pelo menos aqui em Barbalha. Como lhe disse, o vigário da freguesia era secretário de educação do núcleo integralista.<sup>169</sup>

<sup>167</sup> SILVA, Giselda Brito. O Integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (org.). **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: EdUFRPE, 2007.

<sup>168</sup> GRANJEIRO. F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007].

<sup>169</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

A utilização desses espaços serviu para a expansão do pensamento integralista na cidade. Se formos analisar as dimensões simbólicas que revestiam a fala de um padre, aliás, do vigário da cidade, em uma sociedade eminentemente católica, percebemos como tais mecanismos se colocaram como poder de convencimento junto à população local. O discurso religioso apropriado para práticas políticas foi essencial para uma experiência bem-sucedida do Integralismo local. Suscitar os espaços de atuação do Integralismo é mensurar a pluralidade de suas práticas no cotidiano da cidade.

A inter-relação da Igreja Católica com o Integralismo, como afirmou o depoente, “pelo menos aqui em Barbalha a Igreja via com bons olhos”, proporcionou ao movimento uma estrutura mais vasta para a sua atuação. Pois, além de ser favorecido pelo poder de difusão de suas ideias em espaços e instituições, por conta de uma autoridade religiosa, expressa na figura do vigário, tinha também o aval do prestígio político local, visto a assiduidade dos grupos detentoras do poder político e econômico da cidade no movimento.

Os líderes integralistas aqui eram homens de muito prestígio. Posso dar exemplo de Dr. Pio e Antônio Costa. Eles tiveram uma idéia de criar uma sociedade, chamada Centro de Melhoramento de Barbalha. Foi quem trouxe tudo pra aqui. Desse, com muita honra, fui escolhido tesoureiro. Eu passei quinze anos sendo tesoureiro, sem ganhar. Do Centro de Melhoramento foram construídos dois grandes colégios, um masculino e um feminino, naquele tempo não se juntavam mulher com homens. O masculino lá em cima, onde é hoje a Faculdade de Medicina e o outro colégio se construiu lá em baixo, que é o colégio Nossa senhora de Fátima, antes Madre Salvatoris. Alguns padres simpatizavam, mas não gostavam de se expor. O Integralismo... trouxe os padres salvatorianos para cá. Não se declaram do movimento, mas aqui acolá nas missas davam um ar da graça.<sup>170</sup>

Ao perscrutar a fala do depoente quando se referiu ao Integralismo, podemos enunciar aspectos importantes que nos falam sobre as práticas desempenhadas pelo movimento em Barbalha. Ao se reportar às instituições, apesar de não serem criadas para finalidade do movimento Integralista, elas carregaram dentro de suas práticas todo um aparato favorecido por militantes de destaque na cidade. Em outro relato que fazia menção ao Centro de Melhoramento de Barbalha e aos colégios por ele fundados, um dos nossos depoentes afirmou: “ouvi dizer, mas nunca presenciei, que o hino do integralismo

<sup>170</sup> SAMAPIO. J. C. Joaquim da Cruz Sampaio. Depoimento [ago. de 2008].

era cantado, não sei se no colégio Santo Antônio, ou no das mães”<sup>171</sup>. Apesar de não ter na sua fala uma seguridade que ele mesmo mencionou, “ouvi dizer”, o depoente nos deu indícios sobre como as práticas integralistas se espalharam em uma diversidade de espaços na cidade. Vale elucidar que, quando da fundação do Centro de Melhoramento de Barbalha em 1944, a coordenação do colégio Madre Salvatoris ficou a cargo de Letícia Lima.

O Centro de Melhoramento de Barbalha foi uma instituição cujos protagonistas eram encabeçados pelos grupos detentores locais, que mantinham uma hegemonia do poder na cidade. A instituição teve como objetivo favorecer atividades que desempenhassem o desenvolvimento econômico e cultural de Barbalha, por meio de verbas públicas e particulares, efetivadas independentemente do exercício do poder público municipal.<sup>172</sup>

Voltando para a narrativa anteriormente mencionada, o narrador revelou que os padres Salvatorianos foram trazidos para a cidade através de influências integralistas, e que, nos é mais importante neste momento, aludiu que os padres, apesar de simpatizantes do Integralismo, não queriam se expor: “aqui acolá nas missas, davam o ar da graça”, uma forma de dizer que por vezes falavam sobre o Integralismo. Contrastando esse relato ao de Napoleão Tavares Neves, percebemos o significado que se impregna em tal afirmativa: “o Integralismo foi forte na cidade devido o povo pensar que o Integralismo era uma extensão da Igreja”.<sup>173</sup>

Os Círculos Operários, como já foi apontado, tiveram no Ceará um importante papel no aspecto que concernia à arregimentação operária, contra as ideologias tidas como subversivas para o pensamento social cristão. Em certa medida, essas ideologias eram combatidas também pelo Integralismo. Tal aspecto ficou notório no caso cearense pela assiduidade operária no Integralismo quando comparado a outras localidades do país.

---

<sup>171</sup> GRANJEIRO. F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007].

<sup>172</sup> SILVA, Josie Ferreira. **O Círculo Operário de Barbalha-Ce do catolicismo social na educação e na cultura**. 2009. 432f. Tese (Doutorado em Educação-), Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

<sup>173</sup> NEVES. N. T. Napoleão Tavares Neves. Depoimento [jun. de 2007].

O Círculo Operário de Barbalha foi criado em 19 de março de 1932. Dentre seus organizadores, sobressaíram-se Henrique Fernando Lopes Sobrinho e o padre José Correia de Lima. O Círculo Operário na cidade teve suas bases presas a outra instituição anteriormente criada no município, denominada de União Artístico Barbalhense, fundada em 19 de julho de 1924, considerada a primeira entidade de classe do Cariri cearense. Essa instituição congregava os trabalhadores, percebendo neles a figura do artista. Objetivava a arregimentação de trabalhadores nos moldes ditados pelo catolicismo social, presente na encíclica *Rerun Novarum*.

Nas décadas de 1930 e 1940, foram grandes os esforços de teóricos para analisar as raízes que constituíram o modelo político brasileiro e a forma de como sanar os problemas demandados pelo patrimonialismo, presentes nos espaços públicos. Gomes,<sup>174</sup> ao se debruçar sobre as abordagens feitas acerca do governo varguista, principalmente no que concernia às estruturas do Estado Novo, percebeu que tal modelo político ligado ao fortalecimento do presidencialismo e pensado a partir do projeto corporativista, objetivava diluir a velha dicotomia entre o público e o privado.

Analisando o caso de Barbalha, podemos perceber que, apesar dos esforços de Getúlio Vargas para tornar claras as barreiras existentes entre as esferas públicas e privadas, as estruturas que se constituíram na cidade, nas décadas de 30 e 40, ainda eram tecidas com fortes traços do personalismo impregnado nas instituições públicas. Os valores emanados dessas instituições se confundiam com as aspirações dos grupos detentores de poder local.

Nessa análise, podemos citar o Círculo Operário de Barbalha, onde figuravam entre os seus representantes de honra, pessoas como Leão Sampaio e Pio Sampaio.<sup>175</sup>

Com Getúlio Vargas, a Igreja retomou alguns dos mais importantes espaços perdidos com o advento da República. A vitória da LEC na Constituinte de 1933 se evidenciou através das reformas da Constituição e as reivindicações

---

<sup>174</sup> GOMES, Ângela de Castro. A Política Brasileira em Busca da Modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, L.M. et. al. **História da Vida Privada**: contraste da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>175</sup> SILVA, 2009, op. cit.

eclesiásticas, que se estenderam desde suas aspirações particulares a legislação trabalhista, sindical e assistencial, além do direito de mobilização da classe operária através da educação e do ensino religioso. Assim, foi percebida, nesse momento, a criação de um pacto de fidelidade entre governo e Igreja.

Juntamente com o Estado Novo, o clero se posicionou como coadjuvante de uma política que buscava a harmonia social, sendo que a sua ação entre os assalariados urbanos era centrada na questão da regulamentação trabalhista e, ao mesmo tempo, da organização corporativa, voltada para diferentes intervenções nos meios culturais. Dentre os locais para a arregimentação operária, podemos elencar os Círculos Operários.

Reforçamos que uma das medidas tomadas pelo governo Vargas foi a utilização dos espaços dos Círculos Operários, espalhados no Brasil para sindicalização de pessoas, como forma de conter as subversões que colocassem em risco a harmonia social.

Se formos analisar o caso de Barbalha a partir de uma ótica linear dos fatos e acontecimentos, podemos denunciar uma elucidativa contradição: como em uma das estruturas compostas por aspiração, em certo modo, do governo estadonovista, poderia comportar, como representantes de honra, pessoas que nesse período se colocavam como contraventores da ordem intitulada pelo governo de Getúlio? Visto que Pio Sampaio era um dos militantes integralistas mais atuantes do estado do Ceará e, segundo as falas dos depoentes, atuava como integralista na cidade até mesmo quando esse movimento foi posto na ilegalidade.

Por outro lado, se alçarmos a nossa análise acerca de que o Círculo Operário em Barbalha carregou em suas estruturas, fortes laços com os ideais das elites locais, podemos revelar uma abordagem mais apropriada para o momento histórico em questão.

É importante destacar, nesse momento, a pessoa de José Duarte, que apareceu nas falas dos depoentes como um dos mais importantes militantes do Integralismo local. Além disso, ocupou o cargo de presidente no Círculo Operário no período objeto de nossa análise.

Foi latente, nas narrativas de memória, o papel desempenhado pelo Círculo Operário dentro do Integralismo em Barbalha: “aqui a maioria dos operários era integralista, onde se tinha funcionárias domésticas, funcionários do comércio, da construção civil.”<sup>176</sup> Não atentando para o excesso composto no relato, mas ampliando nosso olhar sobre os espaços praticados pelo Integralismo nessa cidade, separamos alguns fragmentos de narrativas que abordaram as percepções levantadas.

#### Segundo René Granjeiro, o Círculo Operário:

era uma agremiação católica. Os chefes eram Zeca Duarte, Reginaldo Sobrinho; fundador Henrique Lopes. Era um político forte, ele apoiava, não era declaradamente integralista, mas facilitava o movimento. Já Zeca Duarte, passou muito tempo sendo presidente do Círculo Operário, era integralista, católico, apostólico, romano. Zeca Duarte, Marche Callou, Virgílio Torres, que foram presidentes, eles aderiram ao Integralismo<sup>177</sup>

O narrador destacou pessoas que supostamente exerceram uma militância integralista na cidade e que também ocuparam cargos no Círculo Operário local, nomes esses que aparecem em outras entrevistas. Ao discorrer sobre um dos presidentes do Círculo Operário, ele enfatizou: “Zeca Duarte era integralista, católico, apostólico, romano”. Preponderaram nas narrativas que os militantes do Integralismo na cidade eram pessoas que se destacavam como “gente de conduta muito católica”.

Voltando para o depoimento acima mencionado, o Integralismo é posto como se compusesse a tríade de palavras que identificam a religião católica. Esse aspecto nos revela como o discurso foi utilizado, para doutrinação de pessoas, em Barbalha.

As narrativas de memória fluem de acordo com as contingências do presente, susceptíveis às tensões e seleções, do lembrar e do esquecer. As imagens captadas do passado, recuperadas pelos relatos, são compostas de várias camadas e tonalidades diversas. São caracterizadas pela peculiaridade do indivíduo, amarradas a seus valores, presos ao agora e a toda uma carga de subjetividade, mas irradiadas por sentimentos socialmente compartilhados.

<sup>176</sup> BARRETO. J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [mai. de 2007]

<sup>177</sup> GRANJEIRO. F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007].

O recuperar informações de acontecimentos pela oralidade, que possibilitem o fazer historiográfico, passa também pelo crivo do entrecruzamento dos relatos para a visualização do espectro colorido que a memória produz. Nessa discussão, configuram-se as imagens compostas sobre o integralismo, nas falas dos militantes da cidade.

Fazendo menção novamente às abordagens sobre a influência de instituições que serviram como ponte de irradiação do pensamento integralista, já que estamos a analisar a influência do Integralismo no Círculo Operário de Barbalha, foi feita a seguinte indagação a um dos nossos depoentes: qual a influência do Integralismo no Círculo Operário? Respondendo a essa pergunta, Iônio Sampaio apontou: “O Integralismo não tinha essa feição não, não utilizava as instituições para fazer palanque político, não. O Integralismo já foi muito deturpado. Para saber o que era o Integralismo tem que ter a cabeça aberta” <sup>178</sup>.

O sentimento de pertencimento encenado pelo relato indica a memória como elemento de constituição de identidade. Ao discorrer sobre nossa pergunta, o narrador se associou ao passado, expressando o medo de uma interpretação errônea sobre o Integralismo, mas, ao mesmo tempo, demarcou seus espaços e seus valores.

Esse cintilar colorido, que a memória produz, fica notório ainda mais no contrastes das falas. Ao dirigirmos a mesma pergunta a outro militante, a sua resposta nos traz outra imagem sobre o Integralismo e suas práticas.

O Círculo Operário teve participação, porque o presidente do Círculo era integralista. As questões do integralismo também eram discutidas dentro do Círculo. Tinham alguns reacionários, mas sem expressão. De modo geral, todos eram integralistas. <sup>179</sup>

Ao discorrer sobre o Círculo Operário, o depoente evidenciou a recorrência de práticas integralistas na instituição. Além de comportar militantes integralistas que exerceram função na sua organização interna, a fala deixou transparecer que as aspirações e questões do Integralismo eram assuntos comuns em suas reuniões. Esse aspecto é elucidativo, pois as memórias são

<sup>178</sup> SAMAPIO. I. Iônio Sampaio. Depoimento [ago. de 2008].

<sup>179</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].



sempre intercaladas, quando da participação de militantes operários no Integralismo local: “ele era circulista integralista”. Para os depoentes, a anuência dos discursos integralistas neste espaço favoreceu para que houvesse uma assídua participação operária no movimento local.

O Círculo Operário também era composto por não integralistas, como mencionou Antônio Gondim Sampaio: “existiam alguns reacionários”. Com isso, abre-se uma discussão acerca de como o discurso e as práticas integralistas eram percebidas por quem não participava do movimento, mas era associado à instituição aferida.

Ao manejarmos fragmentos das atas de reunião do Círculo Operário, encontramos nomes relacionados nas entrevistas, que eram integralistas e ocuparam cargos importantes na organização dessa instituição, mas nem por isso as práticas integralistas se deram de forma que não houvesse embates. Em uma das atas, comentando sobre a comemoração do quarto aniversário do Círculo Operário, que ocorreu no dia 19 de março de 1936, com a participação de um numero expressivo da população local, foi registrado um bate-boca entre um estudante integralista e um circulista que estava presente, tumultuando a reunião. Tal acirramento se deu devido o estudante José Cardoso, no momento da reunião, ter pronunciado algumas palavras, numa menção eufórica ao sigma. O nome do circulista envolvido não foi citado no documento. Isso fez com que alguns dos militantes integralistas, que participavam da reunião, intervissem na briga como forma de apaziguar a discussão para que a reunião tivesse continuidade. Como fica posto,

Apesar de demonstrar inteligência, não deixou, contudo, de merecer observações por parte de alguns integralistas presentes, pelas referências feitas ao seu sigma. Dada as explicações necessárias e serenado os ânimos, o senhor presidente levanta a sessão, a qual terminou na melhor ordem entre palmas, músicas e girândolas de foguetes.<sup>180</sup>

O acirramento no documento demonstrou que, apesar dos entraves sofridos, havia uma participação marcante de integralistas no Círculo Operário local.

---

<sup>180</sup> Livro de Ata do Circulo Operário de Barbalha. IV Aniversário do Círculo Operário de Barbalha. [19 de mar. de 1936].

Como forma de dar substância à participação operária, no Integralismo em Barbalha, José de Sá Barreto utilizou um acontecimento que, para ele, era um aspecto rotineiro nas reuniões do integralismo, um fato pitoresco que envolvia o operário João Dantas.

A participação operária era grande, a maioria no Integralismo aqui. Não tinha tantos operários como hoje, porque Barbalha naquele tempo não era tão evoluída, mas, havia uma massiva participação operária, a maioria. Vou lhe contar um fato engraçado aqui sobre a família Dantas: eram calçamenteiros. Quando veio a perseguição do Estado Novo tinha um dos Dantas que era integralista fervoroso, João Dantas. Aí, nas reuniões que era nos domingo, ele sempre falava: é o cacete batendo e eu gritando *anuê*. Não pronunciava o nome *anauê* corretamente e era aquela gargalhada.<sup>181</sup>

A fala, apesar de significativa quando mencionou a participação de operários no movimento, nos deu a possibilidade de pensar o Integralismo e a sua atuação dentro do Estado Novo. O narrador, ao se referir ao personagem João Dantas, descreveu o acontecimento lúdico, que se registrava nas reuniões do Integralismo em Barbalha. Com isso, deixou indícios, comprovando que, mesmo dentro de um sistema mais amplo de perseguições e combate ao movimento, operou-se, em nível local, certo afrouxamento das estruturas varguistas montadas para coibir o Integralismo no país.

A memória também se concretiza por lapsos produzidos inconscientemente. O momento das reuniões, destacado pelo depoente, poderia ser outro que não o da Ditadura de Vargas. Mas a encenação que envolve o personagem de João Dantas, motivos de gargalhadas, só ganhava sentido dentro do período por ele citado. Foi por meio da repressão que ele teceu a memória integralista: “pode o cacete baixar e eu gritando *anuê*”.

Percebeu-se, no depoimento, uma recorrência ao encontro dos integralistas locais para tratarem das questões do movimento. Mesmo com os mecanismos de perseguição, postos por Vargas, o entrevistado apontou que sempre havia reuniões dominicais.

---

<sup>181</sup> BARRETO. J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [mai. de 2007].

### 3.3.2 Estruturas do Integralismo em Barbalha: um olhar sobre outros espaços

As práticas integralistas nas estruturas próprias, constituídas para o movimento, também são mencionadas nas narrativas da memória. A escola integralista, a sede do movimento, o ambulatório médico do Integralismo. Referindo-se a esses espaços Antônio Gondim discorreu:

Aqui tinha uma escola do Integralismo, sustentada pelo movimento. Onde funcionavam todos os dias à noite e era freqüentada pelos jovens da cidade, todos podiam participar, não era só apenas filho de integralista, era aberta. Se aprendia a ler, contar e tinha aula de educação moral e cívica. Tinha outros departamentos que não me recordo, acho que de educação física, não lembro. Sei que todos departamentos funcionavam, não era só no papel não (...) com um tempo eles ficavam ali aprendendo e se tornavam plinianos, pliniano era quando era menor de idade e não podia se fichar no movimento (...) Engraçado, eu não freqüentei a escola integralista, nem meu pai era, eu era menino curioso, fui participando das seções e achava muito bonito. O que me atraiu logo de início foi à beleza do movimento, aquela camisa verde o anauê, tudo aquilo.<sup>182</sup>

A doutrinação voltada à formação de quadros para o Integralismo se constituiu por uma das preocupações do movimento no Brasil, visto que tal procedimento encontra-se em documentos oficiais do Integralismo, que regiam sua organização.

De acordo com o art. 89 do Protocollos e Rituais: “As sedes municipais e distritais deverão instalar, antes de qualquer outra organização de assistência social, uma escola de alfabetização e um posto medico, destinados a todos os brasileiros”<sup>183</sup>. A Cartilha Integralista também propunha: “pelo dever que lhes impõe os Estados de cuidar da cultura de seus associados, mantendo escolas, bibliotecas, etc., e auxiliando a ações publicas na criação das colônias infantis”<sup>184</sup>.

Outro aspecto, levantado pelo depoimento acima, concernia à exuberância da simbologia integralista. Os símbolos e ritos integralistas foram pontuados por alguns dos nossos entrevistados como um dos motivos que os

<sup>182</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [nov. de 2006].

<sup>183</sup> **Protocollos e Rituais**. Documento do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro- APERJ/ setor Integralismo: pasta 2, caixa 670. p. 28.

<sup>184</sup> **Cartilha Integralista**. Documento do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro- APERJ/ setor: Integralismo, pasta 2, caixa 670. p.6.

fizeram ingressar no movimento: “de início foi a beleza do movimento que me encantou, depois que entrei foi o movimento como um todo” <sup>185</sup>. Dessa forma,

Os símbolos e ritos, estratégia de padronização e unificação do Integralismo, foram responsáveis por criar, junto aos militantes, a mística do Movimento. Constituíam-se também em eficiente estratégia de arregimentação de novos adeptos. Desempenhando, portanto, no interior da AIB, uma dupla função: unificavam e arregimentavam.<sup>186</sup>

A fundação da Escola Integralista em Barbalha se deu no dia 1º de maio de 1936. O jornal “A Razão” deu destaque ao acontecimento, lançando uma matéria sobre a Escola Integralista local e também sobre o movimento em uma forma mais geral na cidade:

Em primeiro de maio foi fundada a Escola Integralista, sob a direção dos camisa-verdes Antonio Leite Gondim, José Feijó de Sá, da companheira Argentina Torres, a professora Zuleide de Carvalho e Alacoque Sampaio, que além das noções constantes dos programas escolares, ensinam o verdadeiro civismo, o culto à Pátria, e as nossas tradições.

À noite do dia 26 de junho por ocasião da passagem por esta cidade da Diretora do Departamento Feminino de Fortaleza, Letícia Lima, realizou-se concorridíssima sessão política, uma das mais imponentes realizadas nesta cidade.

A Senhora Letícia Lima fez uso da palavra após a saudação proferida pelo chefe municipal o Sr. Pio Sampaio e de boas vindas dirigidas pelo integralista Francisco Cruz. Dona Letícia em sua fala disse: Reportando-se ao movimento na cidade teve oportunidade de fazer as melhores referências ao Núcleo de Limoeiro.

Falou por último, o Dr. Pio Sampaio sobre o perigo comunista que ameaçava todas as nações e em particular o Brasil.

A sessão foi encerrada com a primeira parte do Hino Nacional e o juramento de fidelidade a Plínio Salgado.<sup>187</sup>

A nota acima fez menção a Limoeiro do Norte e a Barbalha como forma de elucidar experiências bem-sucedidas do Integralismo no interior do estado. Cabe aqui especificar a peculiaridade do Integralismo nessas duas localidades.

Ao descrever sobre o Integralismo em Limoeiro do Norte, Regis<sup>188</sup> aferiu sobre a predominância de uma população que vivia no campo dentro do movimento local. Nas entrevistas por ele realizadas, transparece o número

<sup>185</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009]

<sup>186</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. (1932-1937). Bauru-SP: EdUSC, 1999. p. 163-164.

<sup>187</sup> Ver: jornal **A RAZÃO**, Fortaleza. 05 de jul. de 1936, p.19. BPMP.

<sup>188</sup> REGIS, 2002, op.cit.

expressivo de agricultores integralistas. Abordando esse aspecto, ele afirmou que as parcelas de pessoas rurais que adentraram no movimento, de início, eram doutrinadas na cidade, para logo depois seguirem para suas comunidades e lá fundarem núcleos e escolas integralistas. Era uma forma de dar continuidade ao processo de arregimentação de quadros para o movimento.

Ao assunto, referiu-se Francisco Alves, dissertando sobre a experiência em Quixadá, pontuou que: “no Cariri o movimento vingou mais na cidade do que no campo, diferente das outras regiões do interior cearense” <sup>189</sup>. A fala ganha sentido quando confrontada com a narrativa de memória de José Atanaildo:

O Integralismo aqui na Barbalha foi um fenômeno urbano, como eu comecei dizendo, meu pai era rural e também integralista, mas no nosso meio rural, ele não tinha ninguém ali uma altura intelectual para falar essas coisas. Porque o Integralismo requeria um certo nível intelectual, não era qualquer um que ia chegando e ia entendendo aquelas idéias. Deveria ter um certo nível intelectual, de livros, de leitura, de jornais e revistas. Lá, naquele pé-de-serra não eram essas coisas que existia. É tanto, que aqui a turma de intelectuais que existiam aqui, eram integralistas.<sup>190</sup>

Ao sinalizar que o Integralismo foi um fenômeno urbano, o depoente revelou que os integralistas de Barbalha eram compostos pela “suposta intelectualidade local” e que as pessoas do campo não se interessavam porque não entendiam, estavam fora da realidade do que era Integralismo. Contrapondo ao seu argumento, vimos em outro momento que no Integralismo também havia pessoas não intelectuais. Mas o que corroborou com a pouca participação de agricultores dentro do Integralismo na cidade deveria ser o que José de Sá Barreto afirmara:

[...] aqui na cidade (...) uma boa parte das instituições da cidade apoiaram, de modo que não tivemos o interesse de fundar [núcleos rurais] (...) melhor dizendo, naquele tempo Barbalha já era desenvolvida, falo na cidade, em outras cidades mais acanhadas teve que se fundar os núcleos no meio rural. Aqui tinha gente dos sítios, mais a concentração maior era da cidade.<sup>191</sup>

<sup>189</sup> CASTRO. F. A. A. Francisco Andrade e Castro. Depoimento [jun. de 1983]. MIS/CE.

<sup>190</sup> ALENCAR, J. A. José Atanaildo Alencar. Depoimento [ago. de 2009].

<sup>191</sup> BARRETO. J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [mai. de 2007].

Podemos indicar que o Integralismo em Barbalha encontrou na cidade uma vasta estrutura já montada, como escolas, Igreja, Círculo Operário, que serviram para divulgação de seu pensamento. Suprimiam-se, dessa forma, as necessidades obtidas pelo movimento no período em questão.

Como demonstrado anteriormente, uns dos documentos que regiam a organização do Integralismo era o Livro de Protocolos Rituais, que, cujo um dos itens mencionava a construção de ambulatórios médicos integralistas que serviriam não apenas para os militantes, mas também para o atendimento da população, uma forma de contribuição social do movimento. Em Barbalha, foi mencionada, nos relatos, a criação de um ambulatório médico Integralista. A concretização do ambulatório local foi facilitada pelo fato de o líder Integralista da cidade, Pio Sampaio, exercer tal profissão, como ficou posto:

Nós tínhamos um ambulatório médico, ambulatório médico integralista. O Dr. Pio que era o chefe integralista e médico, era quem atendia. E então, ele atendia nesse ambulatório. Naquele tempo, não tinha assistência social, então Dr. Pio atendia praticamente toda a população pobre e carente. Lá o Dr. Pio tinha contato com muita gente e ele conversava sobre o Integralismo<sup>192</sup>

Os espaços utilizados pelo Integralismo permeiam toda uma relação de troca de favorecimento. O local de consulta médica também era o do convite para a participação no movimento. Se levarmos em consideração que, em Barbalha, dos anos de 1930 e 1940, o serviço de saúde se constituía de forma escassa e os cuidados médicos eram regalias de poucos, esses locais praticados se revestiam como espaços importantes para a divulgação de seu pensamento: “muita gente aderiu o Integralismo por intermédio da figura de Dr. Pio Sampaio, homem santo, bondoso. Ele ia nas casas de madrugada fazer parto e não cobrava nada”<sup>193</sup>

Adentrando em outras práticas exercidas pelo Integralismo em Barbalha, notamos que os espaços praticados pelo movimento se alargam nas falas dos depoentes e das pessoas que vivenciaram o período de atuação do Integralismo local. Foram mencionados um modo de fazer o Integralismo e seu cotidiano. Ainda, nessa mesma perspectiva, abordou-se nas narrativas uma relevante

<sup>192</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>193</sup> BARRETO. J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [mai. de 2007].

participação de comerciantes no Integralismo da cidade. Ao fazermos um mapeamento das pessoas que participaram do Integralismo, percebemos tal anuência.

Destacando essa participação que corroborava com as práticas cotidianas do movimento, podemos estabelecer a análise referente à venda de produtos, nas casas comerciais em que o dono era integralista e de onde parte da renda era destinada para o Integralismo.

Era tão interessante, por exemplo, tinha uma indústria de tecidos, o dono da fábrica era integralista, então, todas as empresas que eram integralistas, elas destinavam um percentual do produto para ser vendido pelo custo e o dinheiro era destinado para o Integralismo. Eram marcados pelo sigma. Aqui existiam muito comerciantes que adotou esse sistema, porque eram integralistas. Eu lembro que quando eu ia comprar algum produto, então perguntava: vem cá, você não tem com o sigma não (interrogação), porque sabia que o dinheiro era destinado para o Integralismo.<sup>194</sup>

Esse aspecto não era apenas comum a Barbalha, mas se configurava em outras localidades, como demonstra a imagem abaixo de uma caixa de bombons, que se referia ao núcleo de Santa Catariana.



Gravura pertencente ao Arquivo da Casa Plínio Salgado Rio Claro-SP. Imagem obtida no site:

[geint@yahoo.grupos.com.br](mailto:geint@yahoo.grupos.com.br). Acessado em: 5 de mai. de 2010.

A gravura acima é importante para esse momento, pois não encontramos nenhum trabalho que fizesse uma análise direta sobre o assunto. Apenas Cavalari<sup>195</sup> deixou alguns indícios ao discorrer sobre esse aspecto, apontando que a venda de produtos marcados com a simbologia integralista tinha

<sup>194</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>195</sup> CAVALARI, 1999, op. cit.

como objetivo o desenvolvimento dos núcleos locais e para o financiamento de campanhas que viessem a favorecer o lançamento da candidatura de Plínio Salgado á presidência do país no ano de 1938. Mas, como descrito na historiografia sobre o período, foi efetivado o Golpe de Estado em 1937 e, com isso, a cassação dos partidos políticos.

### *3.3.3 O Estado Novo e as práticas do integralismo no cotidiano da cidade.*

Em 1937, no estado do Ceará, Menezes Pimentel foi confirmado interventor federal, tendo a incumbência de nomear os interventores municipais.

Com o Estado Novo, veio a perseguição aos militantes integralistas locais, pessoas foram detidas, queimaram-se camisas verdes, documentos do Integralismo apreendidos. Conforme o depoimento de Antônio Gondim Sampaio:

“eu mesmo fiquei a metade de um dia respondendo perguntas bobas. Queimei muitos livros, preferi queimar pra não me levarem. Ainda hoje tenho raiva, só me ficou uma boinazinha que guardo como lembrança.”<sup>196</sup>

Contudo, foi também relatado um certo abrandamento das perseguições, tanto por parte do interventor da cidade, Antônio Lyrio Callou, por existir dentro do Integralismo local familiares e amigos, quanto pela malha de poder, que recobria o movimento local devido ao engajamento das elites políticas da cidade no Integralismo.

Todavia, devemos ter um olhar dosado e comedido para tal amortecimento, visto que no Estado Novo se concretizou com todo um aparato de vigilância, com Delegacias de Ordem Política e Social- DOPS e serviços de inteligência, que deveriam “proceder às devidas investigações, acompanhando, de perto, as atividades dos elementos agitadores e semeadores de doutrinas estrangeiras de inexecúvel aplicação em nossa formação social” <sup>197</sup>.

---

<sup>196</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>197</sup> Relatório apresentado ao Sr. Interventor Federal pelo Cap. Manuel Cordeiro Neto, Secretário de Polícia e Segurança Pública, no período de 27 de maio de 1935 a 27 de janeiro de 1941. **Imprensa Oficial**: Fortaleza-Ce, 1941, p. 11.- APEC.



Com as sublevações decorrentes da Intentona Comunista, em 1935, no Rio Grande do Norte e irradiada para outros estados, como Pernambuco e Rio de Janeiro, e juntando a isso a Intentona Integralista em 1938, o governo tomou medidas mais severas.

No Ceará, de início foi criada uma secção na ex- Delegacia de Investigação e Capturas, para fiscalizar “os maus exemplos”. Devido ao precário aparato que compunha essa secção, resultou em dezembro de 1935 a criação da Delegacia de Segurança Social, cujo quadro de pessoal era composto por inspetores e guardas civis, que ficavam à paisana nas cidades do estado. Somente em 30 de julho de 1936 foi consubstanciada, a partir da lei n. 130 a Delegacia de Ordem Política e Social- DOPS.<sup>198</sup>

Longe de entrarmos em um senso comum posto na historiografia sobre o Integralismo, qual seja, a de evidenciar que o Integralismo estabeleceu com o Estado Varguista um relacionamento amistoso, aspecto esse escorregante, pois os prontuários e inquéritos policiais constituem-se por uma vasta documentação acerca de militantes integralistas presos<sup>199</sup> e monitorados pela polícia política, que colocavam integralistas e comunistas em um mesmo nível de atenção demandados pelo governo do Estado Novo. Isso fica expresso em um prontuário da DOSP-CE, que afere prisões entre os anos de 1936 a 1940.

|                   |      |      |      |      |      |      |
|-------------------|------|------|------|------|------|------|
| Integralistas e   | 1936 | 1937 | 1938 | 1939 | 1940 | 1941 |
| Comunistas presos | 14   | 21   | 33   | 31   | 29   | 27   |

Delegacia de Ordem Política e Social de Investigação e Segurança Pessoal- Arquivo Público do Estado do Ceará- APEC.

Antônio Lyrio Callou, como posto em sua biografia<sup>200</sup>, serviu como interventor municipal em 1935, tendo sido eleito prefeito da cidade em 1936, onde

<sup>198</sup> ARAÚJO, Erick Assis. **Nos Labirinto da Cidade**: o Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007.

<sup>199</sup> Ver: **Relação dos Integralistas do Ceará detidos, protuariados e investigados pela Polícia Política**. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro- APERJ. Fundo: Polícia Política; Setor: estados; Pasta: 06 e 06A; Dossiê: 01.

<sup>200</sup> CALLOU. Antônio Lyrio. **Barbalha Minha Vida**. Recife: Bagaço, 2002.

permaneceu até 1937, quando foi novamente nomeado interventor municipal com o Golpe de Estado, exercendo o cargo até 1945, quando solicitou a exoneração da sua função.

Referindo-se ao laço de familiaridade existente entre o interventor, Lyrio Callou, e o Integralismo em Barbalha, o depoente afirmou:

[...] naquele tempo o eleito era Dr. Lyrio, foi eleito em 1935 ou foi em 36. Em 37 foi nomeado interventor. A perseguição aqui não foi muito cruel, porque a figura de Dr. Antônio Lyrio Callou evitou as perseguições e a vinda de delegados militares a mando do governo que perseguia. Com toda essa defesa que Dr. Lyrio fez, ainda foi gente escondido, se esconderam pra num serem presos. Dr. Lyrio tinha familiares e amigos no movimento.<sup>201</sup>

A tessitura do poder local favoreceu para que o Integralismo e suas práticas permeassem a estrutura do Estado Novo. Essa é uma prerrogativa que nos faz pensar sobre a descontinuidade do movimento quando comparado a outras experiências.

Mesmo com os mecanismos acima mencionados, a de que o interventor local amenizou as perseguições, o Estado Novo foi abordado pelos integralistas, como período de “sofrimento” que eles guardam na memória. “Vieram pra cá um contingente do Exército depois da Revolução de 37. Ficaram alguns dias por aqui. Ainda hoje lembro do som das cornetas, eles saiam tocando nas ruas todos os dias de manhã”<sup>202</sup>.

O lembrar do som das cornetas, abordado pelo narrador, soou como um momento de apreensão que ficou nas suas lembranças. São elementos marcantes que a memória fotografa, mas, continuando sua narrativa percebeu que:

Houve perseguição, mas não foi muita. Porque a família aqui era muito unida. O delegado neste tempo era filho de Dr. Alencar que tornou-se meu cunhado e amigo, eu me casei com uma irmã dele. Certo dia, como já havia falado, um sobrinho meu foi perseguido, ele era integralista. Quando afundaram o navio brasileiro na guerra ele deu viva e um cidadão aqui da cidade, telegrafou para o chefe de polícia do estado, ele mandou prender Feijó, só que como falei, tinha um amigo meu na polícia que nos avisou antes dele ser pego.<sup>203</sup>

<sup>201</sup> GRANJEIRO. F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007]

<sup>202</sup> SAMAPIO. J. C. Joaquim da Cruz Sampaio. Depoimento. [ago. de 2008]

<sup>203</sup> SAMAPIO. J. C. Joaquim da Cruz Sampaio. Depoimento. [ago. de 2008]

É no cotidiano que as tramas da memória se desenrolam, que nos oferece suas facetas, indicando novos caminhos a serem traçados, de permanências e fugas. O cotidiano é construído por essas fendas abertas no dia a dia, que instiga novas análises.

Para o entrevistado, a perseguição não foi muito atuante devido ao prestígio das pessoas que compuseram o Integralismo em Barbalha, mas ao tecer o comentário, referiu-se sobre como as tramas cotidianas se operaram no dia a dia da cidade. Sua fala foi imbuída por traços que nos levam a perceber a feitura do movimento por meio dos lastros, que se apresentaram no cotidiano da cidade, das relações de poder estabelecidos. São essas minúcias, da ligação de um colega da polícia para não efetivação da prisão do sobrinho integralista, que dão pluralidade ao olhar do historiador atento aos descompassos, do rotineiro, que por vezes não são percebidos.

O amigo mencionado na fala era supostamente o delegado de polícia da cidade. O relato oral favorece vestígios que possibilitam um alargamento sobre as análises das relações tecidas no cotidiano. São detalhes que aparecem, por vezes, espontaneamente nas narrativas e experiências. As perseguições aos militantes foram efetivas, mas de certo modo diluídas através das relações de poder interpessoais que se deu na localidade estudada.

Iônio Sampaio, ao lembrar-se de um acontecimento que envolvera seu pai, Antônio Costa Sampaio, irmão de Pio, discorreu:

Getúlio deu o golpe, veio para cá policiais, não sei se neste tempo existia polícia federal, mas polícias que perseguiu. Meu pai entrava aqui nesta loja e o soldado, o policial, ficava lá na calçada, quando ele saía pra casa ou pra outro canto, o policial perseguiu, acompanhava ele. Foram presas algumas pessoas [...] mas, até que um dia, o irmão do meu pai, que era oficial do Exército, neste tempo ele era capitão [...] esse policial perseguiu meu pai. Ai no caminho meu pai disse ao irmão dele, chamado Expedito. Expedito, esse policial me segue todos os dias, quando eu saio de casa e vou para o trabalho, quando eu saio do trabalho pra casa e para todo canto que eu vou ele me segue. Ai esse meu tio era capitão neste tempo, falou com esse policial e disse que ele não deveria continuar. E o certo que depois desse dia o policial foi embora. Essa perseguição meu pai me contava que foi por algum tempo, não sei se foi uma semana, se um mês, não sei o período que foi seguido por esse policial.<sup>204</sup>

<sup>204</sup> SAMAPIO. I. Iônio Sampaio. Depoimento [ago. de 2008]

O depoente afirmou que, quando foi efetivado o Golpe de Estado, vieram para cidade, policiais incumbidos de espionar pessoas tidas como subversivas para ordem estabelecida pelo governo varguista, “policiais que perseguiam”. Antônio Costa, assim como Pio Sampaio, era um dos militantes mais ativos em Barbalha. Esse poderia ter sido o motivo do monitoramento feito pelo policial que aparece na narrativa. Ao discorrer, destacou que “foram presas algumas pessoas” na cidade, aspecto que demonstrou a atividade do Integralismo no município no período analisado. Mas, ao relacionar-se ao acontecimento que envolveu seu pai, indica como a dinâmica do cotidiano da cidade era produzida por meio de relações sociais que sobre ele atuavam. O desfecho da história poderia ser supostamente a prisão de Antônio Costa, mas, como ressaltou o entrevistado, ele tinha um “irmão que era capitão do Exército” e membro de uma das mais importantes famílias da cidade, impedindo, dessa forma, sua apreensão.

É no dia a dia que as relações de poder são postas. O Integralismo em Barbalha se emaranhou em todo um campo de favorecimento e influências.

Ainda na mesma perspectiva acima mencionada, José de Sá Barreto narra uma detenção feita a um integralista na cidade. O seu depoimento assim se referiu:

Certa vez a polícia prendeu um cidadão que veio da Bahia, que tava fazendo o sigma nas calçadas da cidade, foi prezo e logo um grupo de Integralistas na época, eu tava nesse meio também, eu, a mulher de Antônio Costa, D. Argentina se não me engano e outras pessoas lá, Pio num foi não, e o delegado soltou imediatamente. Num chegou nem a fazer, como posso dizer, num chegou nem a fichar ele, fazer um boletim, quero dizer isso.<sup>205</sup>

Ao pesquisarmos nas fontes policiais e judiciárias, compostas no Arquivo Público do Estado do Ceará, não encontramos nenhum indício acerca de pessoas que supostamente foram presas na cidade, relatadas nas narrativas de memória de depoentes locais. Com isso, podemos elencar dois principais problemas que se colocaram no manejo dessa fonte para a nossa pesquisa. O primeiro pode ser qualificado de ordem técnica, pois essa documentação encontra-se em caixas dispersas sem nenhum trato de arquivamento necessário

<sup>205</sup> BARRETO. J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [mai. de 2007].

para uma pesquisa mais apurada. O segundo diz respeito à construção do documento enquanto fonte. Silva,<sup>206</sup> ao estabelecer uma análise sobre os prontuários policiais do DOPS-PE, quando referidos às prisões de militantes integralistas do estado de Pernambuco, percebeu a filtragem sofrida nesse tipo de documento. Ao mencionar esse aspecto, elucidou que alguns nomes de militantes se colocavam nos prontuários de forma riscada ou em branco. Ao mapear os indícios, ela percebeu que as pessoas citadas eram integralistas que detinham cargos políticos e/ou econômicos importantes no estado. Dessa forma, leva-nos a retomar o depoimento anteriormente citado. Foi afirmado que, apesar da detenção do suposto militante integralista, ele “não chegou nem a ser fichado”. Esse vestígio nos traz traços que favorecem o questionamento: como as principais lideranças do Integralismo de Barbalha eram constituídas por pessoas que estavam ligados a grupos detentores, de que forma se deram as supostas apreensões? Vimos, nas narrativas de memória, que se operou na cidade todo um jogo de poder e favorecimento.

Os silêncios dos documentos judiciais e policiais, contrastados com as narrativas de memória locais, nos encaminham para a importância do entrecruzamento entre as fontes, pois elas carregam formas de leituras diferenciadas sobre o cotidiano. Perceber suas limitações, do não expresso, é uma maneira de nos colocar com o olhar sobre as informações que se escondem, ralas e fragmentadas, nas entrelinhas dessa documentação, reunindo dados e traçando novos caminhos.

As fontes não carregam a verdade sobre o passado, elas falam mais de sujeitos envolvidos na sua construção. A postura do historiador, que tenta tatear pedaços do cotidiano, deve ser despreendida, maleável, pois ele nos é apresentado em fontes dispersas, como um quebra-cabeça de peças que nem sempre se encaixam. Foi a partir desses aspectos que Certeau<sup>207</sup> lançou sua afirmativa de que o historiador do cotidiano é aquele que se interessa pelo invisível, pelas práticas não espalhafatosas, mas que carregam um valor imensurável para a reconstrução das tramas do dia a dia.

---

<sup>206</sup> SILVA, Giselda Brito. Como Pude Apurar a Repressão ao Integralismo em Pernambuco. **História: questões e debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 323-341, 2008.

<sup>207</sup> CERTEAU, 1994, op. cit.

Os partidos políticos foram caçados em 3 de dezembro de 1937, por decreto presidencial, anulando todas as inscrições junto ao Supremo Tribunal Eleitoral.

A Ação Integralista Brasileira em Fortaleza foi fechada na noite da data acima citada, a partir de um telegrama do capitão Felinto Muller enviado ao Chefe de Polícia do Estado, Cordeiro Neto. Na sede, foram recolhidos todos os materiais (bandeiras, emblemas, quadros, distintivos e inúmeros documentos) sobre o Integralismo<sup>208</sup>. O jornal Correio do Ceará lançou a matéria que se referia ao assunto.

Determinado o fechamento da Ação Integralista Brasileira, o Sr. Getúlio Vargas deu aos brasileiros a determinação mais evidente de que o Brasil continua como nação livre que em nossa pátria o regime vigente é o da democracia.<sup>209</sup>

Foi percebido, na matéria acima, um forte teor político partidário sem nenhuma preocupação com uma suposta “imparcialidade”. Para Capelato<sup>210</sup>, os jornais no Brasil até meados do século XX se constituíram como folhas políticas, compostas nas mãos de partidos e grupos que faziam deles locais de exposição de suas ideias para favorecimento pessoal. No Ceará, o jornal “O Correio do Ceará”, juntamente com “O Estado”, era um dos diários que mais se colocaram como divulgadores das propostas do Estado Novo, nesse estado.

Diferentemente de Barbalha, percebemos uma atuação mais marcante da polícia política em repressão ao movimento integralista na capital do estado. Araújo<sup>211</sup>, ao analisar a prisão de uma militante do Integralismo em Fortaleza feita pela DOPS, demonstra todo um controle exercido pelo governo varguista no cotidiano da cidade. Referia-se à detenção de Zuila Barbosa Lima, datilógrafa do Serviço da Febre Amarela, autuada no dia 21 de janeiro de 1939. Foi conduzida ao DOPS para esclarecer sobre o uso de um distintivo integralista na gola de seu vestido, mas também por ter afirmado verbalmente a sua adesão ao Integralismo.

---

<sup>208</sup> ARAÚJO, 2007, op. cit.

<sup>209</sup> Ver: jornal **CORREIO DO CEARÁ**, Fortaleza. 04 de dez. 1937, p. 1. - BPMP.

<sup>210</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

<sup>211</sup> ARAÚJO, op.cit.

No auto, referente à Zuila Barbosa, aferiu-se o seu relacionamento com o movimento integralista em âmbito nacional e o que ficou mais marcante no documento foi o fato de ela ser irmã de Dr. Raimundo Barbosa Lima, médico, residente no Rio de Janeiro e um dos líderes do Integralismo nessa cidade.

Constava também, segundo o autor, que, quando a delatada se dirigia ao seu local de trabalho, em um ônibus que saía da Praça do Ferreira ao fim da linha na Aldeota, estabeleceu-se um diálogo com um dos passageiros acerca das festas carnavalescas. Em certo momento da conversa, um dos presentes no ônibus se referiu à Zuila com ar de brincadeira, afirmando que ela já estava vestida para os festejos, que sua roupa já reunia todas as cores da bandeira, só faltando a cor verde. Respondendo a sarcasmo, Zuila revida, mencionando que o verde estava no coração. Em seguida, mostrou o distintivo que simbolizava a ala feminina do Integralismo. Com isso, a polícia surgiu de forma inesperada e deteve a militante.

Na cidade de Barbalha, operou-se uma maneira própria de realizar as práticas integralistas, seja nas instituições acima mencionadas com o aparato do poder local; por meio das relações interpessoais, ou seja mesmo, pela simples forma de comportamento dos seus militantes, como: o não vestir a camisa verde, para não ficarem expostos às perseguições, a escuta do rádio e reuniões em locais não cogitados pela polícia política. São as artimanhas que se constituem em práticas sociais imersas no cotidiano da cidade.

### *3.3.4. Burlando as perseguições: o cotidiano e suas artimanhas.*

Foram recorrentes nas falas dos nossos depoentes todo o modo de fazer o cotidiano, estabelecendo, nesse fazer, formas de burlar as perseguições. Mesmo com a repressão sofrida, “sempre tinha reunião na Casa Paroquial” <sup>212</sup>. Isso também ficou expresso no depoimento de Antônio Gondim,

[...] a escuta do rádio era expressivamente proibida, fomos perseguidos. Ouvir os noticiários alemães, ou qualquer noticiário transmitido da

---

<sup>212</sup> GRANJEIRO. F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007].

Alemanha, não podia. A gente aqui, pra ter uma idéia sobre o que estava se passando na guerra, íamos escutar o rádio na casa de José Correia, ia na casa dele assistir o rádio todos os dias e a polícia não entrava lá, por que era a casa do vigário, onde hoje é a Praça da Matriz, na Rua Capitão Maciel.<sup>213</sup>

O cotidiano é palco de tramas que são apenas decifráveis e perceptíveis por meio de traços delineados pelas reminiscências. É como desnudar o cotidiano por fragmentos de memória, ora despretensiosos, ora carregados de intencionalidades, mas que ganham sentido na elaboração do fazer historiográfico, aflorando questionamentos importantes e tingindo olhares sobre o Integralismo.

Tais táticas, da simples escuta do rádio, revestem-se por práticas que permitem enxergar o que se passa nos minúsculos espaços sociais, nos quais a sutileza joga com o sistema dominante. Instrui-nos Certeau, “a ordem é jogar”. Isto é, por meio da astúcia, driblar o sistema, fingir seu jogo. Como afirmou o depoimento acima, as reuniões ocorriam na casa do vigário o local onde poderiam sentar tranquilamente, sem nenhum incômodo.

A análise social contemplada pela interpretação da memória nos proporciona perscrutar campos mais vastos, onde o narrador/indivíduo circula por espaços sociais dinâmicos, impulsionando elementos nem sempre considerados no fazer historiográfico.

Nas notas cronológicas, Napoleão Tavares Neves descreveu a chegada do rádio à cidade de Barbalha, pontuando que foi um acontecimento marcante para a população local.

O primeiro rádio que funcionou em Barbalha, em 1938, foi instalado no auditório do Gabinete de Leitura, com quase toda população da cidade a assistir-lhe, curiosa, o seu precário funcionamento à bateria, certamente a grande novidade da década de 30.<sup>214</sup>

O Gabinete de Leitura, citado na nota, foi uma importante instituição educacional fundada em Barbalha no fim do século XIX, mais precisamente em 14 de maio de 1889. Objetivava o ensino primário gratuito para população local.

<sup>213</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009].

<sup>214</sup> NEVES, 2000, op.cit. p, 16.



Teve como seu principal mentor José de Sá Barreto Sampaio, pai de Pio Sampaio, que dirigiu a sua presidência por quase meio século.

Apesar da implantação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda-(DEIP), entre 1938-1940 produzir um total de 428 programas de 15 minutos na Ceará Rádio- Club C/A (PRE-9), irradiando 2.587 artigos e notas<sup>215</sup> sobre diversos assuntos de interesse do Estado Novo, percebemos em Barbalha uma forma de burlar tal maquinaria. Foi presente nas vozes dos militantes uma predominância da escuta de programas de rádios que se referiam aos valores integralistas e contrários ao governo de Getúlio.

Nessa mesma discussão, Antônio Gondim, apontando outras formas pelas quais se davam as reuniões do Integralismo em Barbalha no período da ditadura de Vargas, finalizou sua narrativa, afirmando:

Também quando nós queríamos nos reunir, a gente não vestia a camisa verde, pra num fazer muito alarde... pegávamos o rádio e colocava debaixo do braço e ia escutar nos sítios próximo a cidade, era assim que se dava ... era assim que as vezes se dava as reuniões.<sup>216</sup>

O não vestir a camisa verde foi colocado pelo depoente como uma forma criativa de subverter a ordem imposta pelo governo perseguidor. É a partir dessas maneiras próprias, de conduzir os produtos dado pelo cotidiano, de uma leitura e modificação de objetos e códigos, que os sujeitos sociais se inscrevem com consumidores não passivos. Suas práticas obedecem a determinadas situações postas no dia a dia, em atuam a partir das suas necessidades pelas frestas que eles mesmos abrem no cotidiano, intervindo e dando-lhe significado.

É nesse cotidiano em migalhas que as memórias dos nossos depoentes projetam seus olhares nos trazendo uma variabilidade de significados que encobrem as suas formas de compor pedaços sobre o passado.

Refletindo sobre as experiências descontínuas e fragmentadas, voltamos à citação inicial que abre o capítulo em questão, a de que a nossa análise se inscreve por passos ora regulares, ora ziguezagueante em busca de um enredo desfiado pelos tempos em que nele se imprimem. Com isso, nosso

---

<sup>215</sup> ARAÚJO, 2007, op. cit.

<sup>216</sup> SAMPAIO, A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [out. de 2005]

olhar parte dos traços “deixados pelo passado, que vai em busca da descoberta do como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recortes e exclusão” <sup>217</sup>

Nas abordagens feitas, percebemos que as práticas integralistas na cidade se constituíram em uma diversidade de espaços que lhe favoreceram, em certa medida, a continuidade da suas experiências pós 1937.

Ao analisarmos as práticas cotidianas do Integralismo em Barbalha, apreendemos, junto à reconstituição do passado, falas que carregam experiências singulares, vividas de formas diferentes por cada sujeito narrador. O relato oral fascina pela pluralidade que reveste a vida e os valores de quem lembra.

O cotidiano como espaço de possibilidades, onde a partir das práticas sobre ele desenvolvidas cintilam outras visões que oferecem diferentes maneiras de constituir narrativas históricas.

---

<sup>217</sup> PESAVENTO, 2008, p. 53.

# EGRALISTA EM



(MELO NETO, João Cabral)



#### 4.1. A memória e suas múltiplas temporalidades

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inseridos à vida humana, implica duração, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.<sup>218</sup> (grifo do autor)

A relação entre o tempo e a História coloca-se como um tema que carrega questões e problemáticas infindas, podendo ser explorado sob múltiplos aspectos. Com isso, neste momento, buscamos uma análise que contemple a construção da temporalidade da experiência integralista em Barbalha a partir dos relatos de memória daqueles que o vivenciaram.

Para abordagem, apropriamo-nos do conceito do tempo social da memória. É o tempo inscrito nos relatos que se qualifica por carregar uma densidade nas formas de interpretar e dar significado ao tempo da experiência.

A partir das vivências relatadas sobre o integralismo local, podemos percorrer várias temporalidades imersas nas narrativas de memória. Ritmos temporais que deslocam ângulos de visões já dissertados sobre esse objeto de estudo e seu itinerário.

O tempo denso, pensado pela memória social, nem sempre se delimita pelo tempo cronológico proposto em estruturas homogeneizantes de se interpretar acontecimentos. Ela tende a representar o tempo não como aquela “História de massas folhadas de tempos superpostos” em sincronicidade.

Elias<sup>219</sup> enfatizou que a percepção do tempo exige um olhar acerca da capacidade humana de elaborar imagens mentais capazes de projetar cadeias de acontecimentos sucessivos, mas, nem por isso, simultâneos e que servem para dar sentido à vida social. A essa capacidade, ligam-se as experiências prévias, tanto individuais quanto aquelas acumuladas pelo longo suceder das gerações.

<sup>218</sup> DELGADO, 2006, op.cit., p.33.

<sup>219</sup> ELIAS, Nobert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Para o historiador, o tempo é apreendido como elemento que se articula com as narrativas historiográficas, mas também que se permeia a vivências pessoais articuladas em um campo mais complexo, o do social.

Com as transformações demandadas do manejo com o tempo por parte dos pesquisadores, foi encadeada uma variabilidade de análises que favoreceram possibilidades de percorrer abordagens que vão,

Do mito à História, do tempo cíclico ao linear progressivo, ao teleológico e ao devir, da causalidade primária seqüencial às temporalidades braudelianas; da passagem do tempo da natureza ao tempo social, do tempo do trabalho natural ao tempo do trabalho industrial, o tempo real como fronteira última- todas essas relações marcam as relações do homem com o passado, e atuam em seu presente tanto em seus atos como nas formas de percepção do passado<sup>220</sup>.

No século XIX, quando da institucionalização da História como campo do conhecimento, muitos historiadores preocuparam-se com a ordenação cronológica dos fatos. Essa era uma forma que se colocava como possibilidade para organização documental, que, quase sempre, permitia a uma estruturação causal e explicativa da História.

Segundo Cardoso, a História representava, *grosso modo*,

As tendências filosóficas fundadoras que vinham dos séculos XVIII e XIX [...] Viram-se reforçadas, no século XIX e neste, pelo emprego de modelos macro-históricos e teorizantes: estes podiam ser distinguidos e até opostos entre si, mas voltavam-se sempre para a inteligibilidade, a explicação, a expulsão, ou pelo menos a delimitação do irracional, do acaso, do subjetivo [...] Trata-se de uma história analítica, estrutural (e mesmo macroestrutural), explicativa [...] sendo estes alguns dos aspectos centrais de sua racionalidade, sua cientificidade assumida.<sup>221</sup>

A partir de uma releitura das metodologias historiográficas, encabeçada, principalmente e de início, na França, em 1929, pela denominada *Escola dos Annales*, liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, culminaram em novas possibilidades para o estudo da História. Contemplaram-se, a partir de então,

<sup>220</sup> GLEZER, Raquel. Tempo e História. In: **Revista Ciência e Cultura**, Campinas, v. 54, n.2, p. 22-23, out./dez. 2002. p.23.

<sup>221</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas Rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínio da História**: ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p 4.

novos objetos, novos tratos documentais, novos temas que transformaram as práticas do fazer História.

As novas ideias advindas dessa releitura propagandearam que as ações humanas, nas suas múltiplas manifestações, passariam a ser tratadas pelo olhar do historiador, como fontes primordiais para a análise dos processos históricos e do homem. Assim, tudo o que transparecesse a influência do homem em sociedade passaria a ser fonte histórica em potencial.

A análise historiográfica não seria apenas a contemplação do passado, mas as formas com as quais os homens davam significado a suas práticas no tempo<sup>222</sup>.

Até o momento de então, a historiografia tinha como meta a construção de narrativas provenientes de pesquisas fundadas em análise documental sobre o fato e personalidades marcantes, em uma perspectiva ensaística. História *maestra vitae*.

As sólidas bases de uma História que se propunha a um conhecimento racional de orientação iluminista passavam a ser corroídas. A explicação de cadeias de eventos colocados de formas organizadas e progressivos começava a ser questionadas. Será a História uma ciência filha da modernidade que objetivava o “resgate” do passado.

Com as práticas historiográficas colocadas a julgamento e incertezas, as querelas irradiadoras da noção de progresso tornaram-se motivo de ácidas críticas. O tempo evolutivo daria lugar para um tempo em migalhas, imerso não apenas de continuidades, mas também de deslocamentos e descontinuidades.

Juntamente com o conceito de tempo perde-se também a confiança no progresso e, com ela, a fé na primazia da cultura ocidental moderna na História. Não se trata somente de que já não exista um tempo único que passa servir como fio condutor de uma narração; também existe qualquer ponto de referência em torno do qual tal narração possa articular-se.<sup>223</sup>

---

<sup>222</sup> BLOCH, Marc. **Apologia a História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

<sup>223</sup> IGGERS, 1992 apud CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativas, sentido e história**. Campinas-SP: Papirus, 1997. p.124.

Com as novas demandas propostas na historiografia do século XX, surgiram diferentes olhares e abordagens para o conceito de tempo. Dentre os teóricos que nos aproxima a pensar sobre esse conceito e que, ao mesmo tempo, rompe com a História linear, encontra-se Walter Benjamin<sup>224</sup>.

Nos “Conceitos Sobre História”, compostos na obra acima citada, Benjamin elucida que a História é um objeto de uma construção cujo lugar não se projeta em um tempo homogêneo, linear e vazio, mas, em um tempo saturado, denso, que se evidencia no presente em que o passado é posto em voga.

O autor, em uma intensa desconstrução de uma História que tendia a representar o progresso, propõe a abordagem sobre a temporalidade dos acontecimentos, a partir de percepções múltiplas sobre o passado, que se inscrevem nas experiências vividas por cada sujeito. Encontra no quadro de Paul Klee, denominado de *Ângelus Novus*, a representação metafórica, daquilo que ele acreditava ser o *Anjo da História*. Como ele mesmo descreveu:

Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe, que acumula incansavelmente ruínas sobre ruínas, as dispersas a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-la. Essa tempestade o impele irreversivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.<sup>225</sup>

Os fragmentos que Benjamin nos incita a pensar é aquele que, concomitantemente ao tempo linear e homogêneo, carrega uma outra temporalidade ou uma multiplicidade possível de tempos. Não se trata apenas do tempo físico, mas tempos que se inscrevem em espaços de maneira própria, que podem dilatar ou contrair, estagnando as quietudes ou intensificando novos percursos de abordagens.

Ao apresentar o Anjo da História, diga-se de passagem que não era um anjo convencional, mas, como mesmo afirmou: *Ângelus Novus*, descreveu que ele se colocava com o olhar atento, escancarado, como se fitasse as reminiscências,

<sup>224</sup> BENJAMIN, 1987, op.cit.

<sup>225</sup> Ibid. p. 226.

em que o tempo se guardava nas minúsculas dobras da memória. Além dos acontecimentos que se organizavam de forma simétrica, ele vê outras cenas a se desenrolarem, com sujeitos dinâmicos.

Para além de uma história tida como oficial, Benjamin percorre cada elemento, detalhes e imagens que podem abrir evidências que contam diferentemente os mesmos eventos. Esses detalhes falam além do que era óbvio e visível. Introduz, nas tramas que elegem o cotidiano, experiências relevantes e vivas.

O Anjo da História “gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos”. É por meio dos pequenos traços que Benjamin evoca suas narrativas e imagens, sob os escombros recalcados de uma consciência que propunha uma história racional e explicativa. Assim, transforma, em potencial, a fascinação passiva do passado a uma reflexão criativa e dinâmica.

A História em Benjamin é um trabalho de construção. Mostra que o simples ato de ver, perscrutar um objeto e capacidade de um enxergar relevante, depende de esquemas que não são dados a priori. Muito pelo contrário, o sujeito precisa, em certa medida, recriar os objetos, dando-lhes uma roupagem nova, com abordagem que ultrapasse visões convencionais. Ver é, portanto, desconstruir e reconstruir. Tornar relevante uma análise é tocá-la por suas minúcias, inquietá-la, dar significado.<sup>226</sup>

A crítica é a uma História ligada a pressuposto de uma razão iluminista, que postulava os eventos em uma cronologia progressiva, que Benjamin lança o seu olhar sob os fragmentos, que, para ele, deveria constituir o saber histórico. Assim a ritmicidade temporal dos calendários não é a mesma que compõe as experiências vividas.

A escrita benjaminiana suscita que toda a sua reflexão toma forma nos fragmentos quando não se trata da citação pura e simples, com passagens retiradas de contextos e colocadas a serviço de sua própria dinâmica.

---

<sup>226</sup> ROSENFELD, Kathrin. A História: anjos e esfinges de Walter Benjamin. In: **Revista Matraca**, Rio de Janeiro. n. 17, p. 39-48, jan./dez. 2005.



Benjamin deixa claro a persistência dos limites na História tanto na tentativa de recuperar o passado quanto no sonhado controle do tempo histórico, capaz de proporcionar o desfecho dos acontecimentos, anseio alimentado pelos defensores do poder e da razão como guia seguro na busca de uma modernidade desejada.<sup>227</sup>

É a partir das dinâmicas do tempo vivido, preso a experiências compartilhadas, que lançamos nossos questionamentos sobre o Integralismo local. Por sua vez, o tempo social não se condiciona às medidas temporais objetivas, variando de indivíduo para indivíduo, de um grupo para outro. Subjetivo e qualitativo, sujeita-se, apenas, a registros de momentos, fragmentos que definem intervalos heterogêneo. É essa multiplicidade de sentir o tempo dos eventos que lhe dá riqueza para interpretação das continuidades e discontinuidades dos acontecimentos.

Quando escutamos os relatos das pessoas que vivenciaram o integralismo em Barbalha, estamos apreendendo momentos da sua vida e o desenrolar do seu ser. Para eles, o tempo é captado enquanto recordações dos tempos vividos, contendo as discontinuidades e rupturas que acabam por engendrar uma representação das suas experiências no tempo como sujeitos sociais. Que acabam por pontuar ritmicidade e regular os arranjos dos tempos vividos e dos tempos passados, dos tempos subjetivos e dos tempos do mundo.

A memória como estudo das temporalidades e não como elemento parte dos arranjos e enquadramentos teóricos, que postulam eventos estanques.

A memória é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, ele comporta experiências humanas, interpretadas diferentemente em cada sociedade. Cada grupo o vive de forma variada, assim como cada pessoa.<sup>228</sup>

Com a racionalização do tempo, posto principalmente em uma ótica linear dos eventos, irrompe sobre as fendas do vivido um outro tempo, por muito subjugado à historiografia oficiosa. É o tempo das experiências cotidianas, das

---

<sup>227</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003, p.19.

<sup>228</sup> BOSI, 2003, op.cit.

amizades, da família, das práticas rotineiras. Esse tempo perdido carrega vertigem para uma análise sob outros ângulos de visões.

O Integralismo em Barbalha carregou uma temporalidade própria, temporalidade impressa nas práticas cotidianas desse movimento e reelaborada pela memória.

Mas devemos ter um olhar cuidadoso, sobre a constituição da temporalidade das experiências integralistas local, pois ela também comporta ideologias que têm como pressupostos postergar eventos e demarcar interpretações que buscam dar continuidade a seus valores.

A essa prerrogativa se prende a análise feita por Bosi<sup>229</sup>, que, ao entrevistar um dos participantes da Revolução Constitucionalista de 1932, percebe tal aspecto desempenhado pela memória.

Como já descrito nos estudos feitos sobre esse acontecimento, as forças paulistas foram vencidas militarmente pelo governo de Vargas. São Paulo continuou sob o governo de um interventor nomeado pelas forças getulistas.

O depoente é citado por nome de Ribas, soldado voluntário, pertencente ao 1º Batalhão Paulista. Na sua narrativa, sobressaiu “um não aceitar a derrota sofrida,” na qual relatou: “São Paulo não perdeu, nem se rendeu; apenas ensarilhou as armas”. Existe aí uma memória coletiva, produzida no interior do grupo. O não aceitar a derrota nos é apresentado como uma forma de difusão de uma imagem, sentimento e identidade, que expressava o que era ser paulista.

Essa característica de alargamento dos eventos, como forma de uma afirmação coletiva e disseminação de imagens que carregam uma filiação de um grupo, também foi percebida nos relatos dos integralistas locais. Ao questionarmos sobre o período de atuação do Integralismo em Barbalha, José de Sá Barreto, mencionou: “até mesmo com o Estado Novo nós fazíamos o movimento como podíamos. Como disse Plínio: A Ação Integralista Brasileira era um partido e foi fechado, mas o Integralismo é uma doutrina e ninguém o poderá fechar”<sup>230</sup>.

---

<sup>229</sup> BOSI, 2003, op.cit.

<sup>230</sup> BARRETO, J.S. José de Sá Barreto. Depoimento. [mai. de 2007].

O sentimento de continuidade é colocado na narrativa, como forma de enunciar que o Integralismo, mesmo com o Estado Novo, não deixou de atuar na cidade. Há um alargamento temporal na interpretação dos nossos depoentes quando mencionadas as práticas desse movimento em Barbalha.

O tempo é uma representação social, refletido e irradiado de experiências compartilhadas, logo, como qualquer fato, ele é construído. Elaborado intelectualmente e evidenciado por ideais de uma época. O tempo social é produzido em uma perspectiva individual correlacionado àquela do âmbito social. Com isso, O tempo absoluto desfaz-se, em matéria de duração uniforme, “tudo depende do olhar dirigido e da época, do ponto de vista, e não mais das condições supostamente naturais... o tempo não é mais inteiro, mas indefinitivamente fragmentário.”<sup>231</sup>

O caráter dialético da relação presente/passado: o presente depende em muito do passado, mas a retenção e construção do passado se dão no presente e nele estão ancoradas, pela qual, entre outras consequências existiram sempre, simultaneamente, memórias herdadas e memórias inventadas.

Para análise da memória e a sua imbricada relação com o tempo, Ricoeur<sup>232</sup> propôs a sua abordagem a partir daquilo que ele denominou de “tríplice mimese”, ou seja, elege três aspectos que o pesquisador deve ficar atento quando trabalha com memórias: o momento imediato vivido pelo indivíduo (sujeito da pesquisa); a configuração das experiências temporais situadas nas tessituras das narrativas e a sua refiguração que se qualifica por expectativas vindouras (futuras).

Segundo Santo Agostinho, em suas *confissões*, o tempo é feito por momentos diferentes: passado, presente e futuro, tendendo, assim, a significar descontinuidades e transformações. Para ele:

[...] é claro e manifesto que não existem coisas passadas e futuras; nem se pode dizer, com exatidão, que os tempos são três: passado, presente e futuro. Mas, talvez, se deveria dizer, com propriedade, que os tempos são três... o presente das coisas passadas (memória), o presente das

<sup>231</sup> VILIRIO, Paul. O Resto do Tempo. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre- RS, v.1, n. 10, p. 1-6, jun. 1999. p.1.

<sup>232</sup> RICOEUR, 1994, op.cit.

coisas presentes (visão) e o presente das coisas futuras (expectativa). Estas três coisas existem na alma e, em outro lugar, não as vejo. Por isso pareceu-me que o tempo é uma distensão. De que coisa, eu não sei; admirar-me-ia se não fosse uma distensão da própria alma.”<sup>233</sup>

O tempo e a memória caracterizam-se por elementos que se inserem em um processo fundamental de fluxo permanente entre o presente e o passado, mas também em dialética simultânea a perspectivas futuras. São artérias possíveis de conhecimento sobre experiências que se desenrolaram em outros tempos que são reinterpretadas no momento do agora.

Apesar de demandarmos uma expressiva parte da nossa atenção, neste momento, ao tempo da memória social e a crítica a uma temporalidade uniforme pensado por uma História outrora praticada, não queremos eleger a História x Memória a subir em um tabuleiro de *ringue*, mas, pensar junto, com suas possibilidades e limitações. Abrir análises plurais, pois

A preocupação em diferenciar Memória e História não deve constituir o ponto central das discussões metodológicas, portanto, ao invés de realçar a importância das possíveis fronteiras surgidas, torna-se mais estimulante romper as limitações e seguir os atalhos, que aproximem os dois conceitos, como se constituíssem contrastes indispensáveis de um papel apresentado.”<sup>234</sup>

A memória e suas múltiplas temporalidades, o vivido e a ressignificação de experiências dadas pelas relações sociais, possibilita-nos um novo olhar sobre o Integralismo local.

Nossas inquietudes sobre os tempos das experiências integralistas partem da pré-fabricação de datas estanques, que nos fazem pensar sobre a continuidade de uma História *événementielle*. Assim, anunciamos que o Integralismo teve experiências plurais.

Com essa forma de observar, podemos aferir que as datas são construções que tendem a representar, em certa medida, um “querer impor”, um desejo de poder. Depositário dos acontecimentos, “lugar de potências e ações duráveis”, o quadro temporal “adquire um interesse particular para quem quer que

<sup>233</sup> AGOSTINO, Santo. **Solilóquios**. São Paulo: Editora Escala, s.d. p. 19.

<sup>234</sup> JUCÁ, 2003, op.cit., p. 32.

seja, deus, heróis ou chefe, que queira triunfar, reinar, fundar: ele, quem quer que seja, deve tentar assenhorar-se do tempo”<sup>235</sup>. Cada grupo deseja valorizar o seu passado, assim, a concepção de passado “deixou de ser única e unívoca, mesmo para uma mesma sociedade. Vencedores e vencidos nas lutas sociais, culturais, econômicas e políticas disputam os espaços da memória social”<sup>236</sup>, buscando encontrar o próprio significado.

As datas são apenas uma parte de construções humanas, nas quais submergem a elas sujeitos sociais na dinamicidade que se imprimem as experiências vividas. Como afirmou Bosi, através da metáfora dos *icebergs*.

Datas, datas. Mas o que são datas. Datas são pontas de icebergs. O navegador que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas emersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grandes distâncias. Sem essas balizas naturais, que cintilam até sob a luz das estrelas, como evitar que a nau se espedace de encontro às massas submersas que não se vêem.<sup>237</sup>

Não queremos, no entanto, ressaltar que as datas não são essenciais para o trabalho da análise histórica, pelo contrário, são balizadoras de abordagens, oferecem deduções para o que estudar. A temporalidade acompanha todo o processo de produção do pesquisador de História, ela integra o objeto de estudo desde a seleção do tema a escolha das fontes. São elementos primordiais para a feitura das narrativas historiográficas. Mas o que preponderamos é em perceber que elas são elaborações que se entremeiam a tessituras de ordem cultural, política e social, carregam significados e valores.

Visto a dinâmica do tempo e suas várias camadas constituídas pela memória, lançamos nossa abordagem: como, a partir das experiências vivenciadas pelos militantes integralistas locais, são elaboradas nas tessituras de suas reminiscências as temporalidades do Integralismo em Barbalha e de que modo elas são acessadas?

<sup>235</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3ª ed. Campinas-SP: EdUNICAMP, 1994, p. 486.

<sup>236</sup> GLEZER, 2002, op.cit., p.23.

<sup>237</sup> BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.19.

## 4.2. Memória e História: diálogos e aproximações

Voltando à íntima relação que se estabelece entre Memória e História, podemos elucidar que as suas narrativas não “são *mimese* de um espaço e tempo reais”<sup>238</sup>. Ambas têm como referencial de análise “objetos ausentes”. Com isso, Memória e História são construções humanas que se prendem aos locais que são elaboradas.

Aos profissionais das tradicionais metodologias que tinham o documento escrito como seu principal ponto de apoio, a memória não deveria constituir uma fonte para construção historiográfica. Isso por pensarem que os aspectos sentimentais das lembranças tendiam a levar o historiador à reprodução de percepções individuais, enquadrando-as como uma “realidade” coletiva.

O caráter subjetivo da memória seria um dos pontos que refletiam essa tal desconfiança. Com as novas formas de se trabalhar com a oralidade como metodologia de análise e a necessidade de romper com as barreiras postas entre História e Memória, a subjetividade reaparece com novas dimensões, pois sua transmissão,

[...] transpunha os limites de uma simples lembrança individual, atingindo uma pluralidade, quando situada nas proporções de uma memória coletiva. Os aparentes desvios de memória servem de roteiros para explorar a abrangência dos temas estudados, eximindo-os de abordagens que se limitam aos rígidos padrões da confiabilidade de fontes disponíveis<sup>239</sup>.

A afirmativa de que a memória não era confiável para uma análise mais abalizada, devido à dialética do esquecer e do lembrar se desfez e que a História assim como a memória são impregnadas por lapsos e silêncios, evidencia um mundo de possibilidades para o fazer historiográfico. Nessa perspectiva,

cair-se-á num outro tipo de ingenuidade epistemológica pensar que a dialética entre recordação e esquecimento é um pecado exclusivo da memória. Também a historiografia, apesar de falar em nome da razão

<sup>238</sup> CATROGA, 2001, op. cit., p.56.

<sup>239</sup> JUCÁ, 2003, op. cit., p. 33.

crítica, se edifica sobre silêncios e recalcamientos, como a História da História tem sobejamente demonstrado.<sup>240</sup>

De acordo com as considerações levantadas, propomos uma interpretação do passado por meio de um enlace entre História e Memória na busca de novos horizontes e instrumentos. Dessa forma, a memória social dos militantes local conjugada com as narrativas já elaboradas sobre o Integralismo ajuda-nos a visualizar possibilidades de novas maneiras de analisar esse movimento.

A potencialidade que se confere tanto à construção historiográfica quanto à elaboração de memória torna-se mais enriquecedora quando estabelecidas em diálogos. Encontra-se no fluxo constante entre ambas a capacidade dos sujeitos sociais, enquanto co-partícipes, de interpretar e dar significado aos fatos e acontecimentos. É na fertilização desse inter-relacionamento que o colorido das histórias se revela.

As profícuas discussões que se desenrolaram acerca do estreito limite entre História e Memória serviram para colocar à baila paradigmas do saber histórico e sua elaboração. Com isso, surgiram novos pressupostos de análise: a valorização da memória como elemento importante para a interpretação do passado e a História compreendida, quando do trato com as fontes orais, não mais uma simples reprodutora de acontecimentos suscitados por essa fonte. Suas análises partiriam de um minucioso trato com teorias apropriadas.

Com as novas formas de abordagem pensada na dialética entre História e Memória, o historiador “coloca-se com o desafio de romper com as imposições resultantes das elaborações mnemônicas”<sup>241</sup>, a partir de operações historiográficas.

Considerando ser a evocação do passado o substrato que permeia a discussão entre memória e história, Nora<sup>242</sup> afirmou que, apesar dessa similaridade elas, em suas compreensões, colocam-se de maneiras opostas. Para ele, a História é registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão. Ao passo que a memória é movimento, carregada por grupos vivos e inserida dentro

<sup>240</sup> CATROGA, 2001, op. cit., p. 58.

<sup>241</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. Memória, Percursos e Reflexões. In: **Revista Saeculum**, João Pessoa- PB, v.1, n.18, p. 187-208, jun./jul. 2008. p. 202.

<sup>242</sup> NORA, 1993, op.cit.

de uma dialética das lembranças e esquecimento. A História se comporta por operações intelectuais, dessacralizando, dessa forma, o caráter espontâneo da memória.

Catroga percebeu mais semelhanças que propriamente traços distintos entre o conceito de memória e história. Assim como Nora percebeu que a *re-presentificação* do passado colocava-se como cerne do objetivo de ambas. Acrescentou que a dinâmica das memórias dos sujeitos sociais, em contrapartida da estática da escrita da história, materializada em livros, artigos, revistas, enfim, pode ser questionada à luz de uma hermenêutica abalizada. Evidenciou que, quando as recordações são arquivadas, sejam elas fílmicas, orais ou escritas, deixam de funcionar, na sua acepção, como algo que se mantém vivo, ganhando um caráter de vestígios, traços, documentos. Aferiu que só podem brotar memória, individual ou coletiva, para análise historiográfica a partir de perguntas que partem de espíritos “já pré-ocupados”, visto que “a mente do historiador não é uma página em branco”. São as inquietudes do presente que as formulam.

Ancorando suas abordagens acerca das diferenças entre a memória e a história, Catroga recorreu às análises elaboradas sobre o assunto pontuado que o embate entre os dois conceitos, tomou nos últimos anos um estatuto de “guerra”, sinalizando para os pré-conceitos estabelecidos pelos historiadores direcionados à memória. Enfatizou:

O mais difícil não é admitir que os fatos apareçam de outra maneira, ou sejam contados por outros; difícil é aceitar-se que os acontecimentos fundadores, ou definidores da própria identidade (individual ou nacional), apareçam interpretados e narrados segundo perspectivas diferentes das nossas.<sup>243</sup>

Contudo, o autor percebeu que há um maior alcance analítico quando Memória e História são postas em diálogo. Que, apesar de ainda perdurar certa desconfiança da História a esse “contágio” com a memória, as práticas historiográficas só poderão falar da interação dos sujeitos históricos e sociais atuando no processo em devir da escrita da história, caso reconheçam a

---

<sup>243</sup> CATROGA, 2001, op.cit.



diversidade de formas de interpretar o passado. Assim, para o autor, a História “é filha da memória. Mas, o contrário também é verdadeiro”.

Assim, sinalizamos para uma análise que perceba “as armadilhas de uma polifonia memorialista”, tornando possível a feitura do relato histórico como produtor de significados. E, concomitantemente, estimulando o criativo fluxo entre memória e história em uma perspectiva para ampliação da escrita do passado.

#### *4.3. Cronologia do Integralismo: uma breve análise*

A partir de leituras e interpretações já realizadas sobre o Integralismo, tentaremos, neste momento, apresentar de que maneira foram elaboradas as cronologias desse movimento.

Tal análise favorece para percebermos como as interpretações emanadas a partir da memória daqueles que o vivenciaram apontam para um deslocamento de datas quando relacionadas ao Integralismo e suas experiências nas diversas localidades que atuou.

Apesar do movimento ter-se tornado público em 7 de outubro de 1932, a partir de um documento conhecido por Manifesto de Outubro, elaborado e lido por Plínio Salgado, em uma reunião ocorrida no Teatro Municipal de São Paulo, o Integralismo tem suas bases fundadoras anteriores a essa data.

Trindade,<sup>244</sup> ao descrever a fase anterior à fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB), a qual ele classifica de 'pré-integralista', nos mostra que a maturação deste movimento se deu inicialmente pela necessidade das discussões sobre os temas nacionais, vinculados aos problemas das ações políticas enfrentados pelo Brasil naquele momento. A partir dessas necessidades, foi criado um grupo de estudo de conscientização dos meios políticos e intelectuais, denominado Sociedade de Estudos Políticos (SEP). De acordo com Trindade, a primeira reunião dessa sociedade foi realizada na sede do jornal 'A

---

<sup>244</sup> TRINDADE, 1974, op.cit.

Razão'<sup>245</sup>, no dia 24 de fevereiro de 1932, em São Paulo. A partir da SEP, emanaram as reflexões ideológicas das quais surgiria o Manifesto de Outubro e, também, a futura AIB.

O Manifesto Integralista foi concluído em maio de 1932, mas, por motivos da eclosão da Revolução Constitucionalista, em São Paulo, seu lançamento se deu somente cinco meses depois, em outubro.

No período que antecedeu a fundação da AIB, os trabalhos doutrinários de Plínio Salgado vincularam-se ao jornal 'A Razão' e, em que, pela coluna destinada às notas políticas, publicava seus artigos. Os jornais serviram como um instrumento importante para a divulgação do pensamento integralista na maioria dos estados em que este movimento se concretizou.

Entre a fundação da SEP e a publicação do Manifesto Integralista, Plínio Salgado começou a se articular com lideranças estaduais de movimentos da direita conservadora. Nesse período, estabeleceu contato com Severino Sombra, líder da Legião Cearense do Trabalho (LCT), mas, também, com Olbiano de Mello (Minas Gerais), João Alves dos Santos (Bahia), Altamirano Nunes Pereira e Petrônio Rodrigues Chaves (Rio de Janeiro) e com Leas Sobrinho (Rio Grande do Sul), dentre outros. Tais encontros serviram como forma de consolidar o movimento em âmbito nacional. Isso ficou expresso em uma carta enviada por Plínio a Severino Sombra, no dia 24 de abril de 1932, na qual se remetia a esses contatos.<sup>246</sup>

Nesse período, realizaram-se inúmeras conferências na Faculdade de Direito e na Academia Paulista de Letras, sem contar com as sucessivas reuniões ocorridas na sede do jornal 'A Razão' e em outros locais, a fim de aglutinar os estudantes e os intelectuais para a defesa desse pensamento. Assim, construíram-se as bases para a fundação da Ação Integralista Brasileira.

---

<sup>245</sup> O jornal **A RAZÃO**, fundado em 1916 por Luiz de Mattos e Luiz Thomaz, orientado pelo pensamento cristão e nacionalista, estava ligado a Arquidiocese de São Paulo. In: TRINDADE, 1974, op.cit. p. 142.

<sup>246</sup> **Dossiê de Severino Sombra**. Correspondência pessoal. p. 1. Disposto no NUDOC/UFC

Entre outubro de 1932 e o início de 1934, o movimento passou por um período de consolidação<sup>247</sup>. Por ocasião da realização do I Congresso Integralista, em Vitória - ES, em 1934, seu pensamento ganhou mais solidez, pois, a partir desse encontro, estabeleceram-se as diretrizes integralistas, formaram-se os departamentos de doutrina, de propaganda, de milícia, de cultura artística e de organização política. Com a aprovação dos estatutos integralistas, nesse congresso, o movimento foi caracterizado como uma associação nacional de direitos privados, com “sede civil na cidade de São Paulo e sede política onde se encontrasse o Chefe Nacional do Movimento, além de setores de atividades em todo o território do Brasil ”<sup>248</sup>, cujo objetivo era funcionar como centro de estudos culturais, desenvolvendo uma grande propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro.

No ano de 1935, ocorreu o II Congresso Integralista, realizado em Petrópolis-RJ, no qual foram concretizadas modificações nos estatutos integralistas e aprovadas em Vitória-ES, pelas quais o Integralismo ganhou a aparência de partido político. Mas, somente em setembro de 1937, a AIB obteve registro como partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral. Com o registro e por meio de um plebiscito interno, Plínio Salgado foi escolhido candidato para concorrer às eleições que deveriam ocorrer naquele mesmo ano.

A vida do Integralismo, como partido político legalmente registrado, foi curta, pois, em novembro do mesmo ano, Getúlio deu o golpe de Estado e, em 2 de dezembro de 1937, os partidos políticos, dentre eles a AIB, foram cassados e levados à ilegalidade, fazendo com que a Ação Integralista se transformasse 'novamente em uma sociedade civil', denominada Associação Brasileira de Cultura (ABC), como meio de se adequar às medidas tomadas pelo regime varguista na tentativa de burlar as perseguições sofridas por seus militantes.

Em 26 de setembro de 1945, após a ditadura do Estado Novo, Plínio Salgado criou o Partido de Representação Popular (PRP)<sup>249</sup>, que carregava em

---

<sup>247</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **“Perante o Tribunal da História”**: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). 2004. 257f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós- Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre-RS. p.35.

<sup>248</sup> CAVALARI, 1999, op.cit., p. 16.

<sup>249</sup> Ver: SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e Partidos Políticos no Brasil**. (1930 – 1945). São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

seu bojo o pensamento integralista. Tal partido político aglutinou um considerável quadro de ex-militantes da extinta Ação Integralista Brasileira.

Ao fazermos uma leitura sobre os estudos integralistas, encontramos lacunas na historiografia sobre as experiências desse movimento no período que se segue de 1937 a 1945. As análises sobre as entrevistas coletadas com os militantes locais apontaram para outra temporalidade.

#### *4.4. Tempo da memória como tempo da experiência: o caso do Integralismo em Barbalha.*

No reconhecimento das dinâmicas temporais e sua amplitude, as datas são percebidas como pontos de apoio, “marcos luminosos”, que servem para dar visibilidade a acontecimentos que se acumulam no processo histórico. Contudo, os modos com os quais a consciência humana se coloca sobre esses acontecimentos se qualificam por interpretações, pois os sujeitos, ao darem significados às elaborações temporais que eles mesmos fabricam, participam diretamente na construção das narrativas históricas.<sup>250</sup>

Pelo reconhecimento desse processo, o tempo da experiência pode aparecer com variáveis formas, “representado por dizeres e expressões”: no meu tempo, tempo da minha juventude, tempo de sonhos e sofrimento. São os tempos experimentados que moldam as formas de dar significado ao passado.

As narrativas orais permitem acessar fragmentos de experiências, carregados por tempos plurais, que ganham sentido na execução de cada depoente, na busca de atingir o vivido. Com essa possibilidade, podemos percorrer as representações temporais que se enlaçam nas tessituras das memórias daqueles que participaram do Integralismo em Barbalha, buscando compreender como eles dão significado ao tempo de suas experiências.

Para a percepção dos inúmeros tempos que se deixam transparecer nas entrevistas, precisamos lançar sobre elas um tratamento cuidadoso e atento, pois as memórias dos acontecimentos políticos suscitam toda uma dosagem sobre a

---

<sup>250</sup> DELGADO, 2006, op. cit.

situação concreta do sujeito que narra. Prende-se a um presente que escolhe o que lembrar e como lembrar.

Como já anunciamos, nossa análise parte de pessoas que tiveram uma participação concreta no Integralismo em Barbalha, e, mais, que ainda hoje se intitulam admiradores dos ideais do sigma. Nas memórias desses militantes, o juízo de valor intervém com mais instância. Eles não se contentam em narrar suas experiências, mas estabelecem, ao passo que recordam o seu passado, um julgamento do que teria “realmente acontecido”.

É no presente que as camadas de tempos constituídos pelas memórias se deixam observar. É o período durante o qual se produzem eventos que pressionam “o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, olhar em função dos resultados de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significado”<sup>251</sup>.

Francisco René Granjeiro, ao reportar o tempo do Integralismo em Barbalha, assim dissertou:

O Integralismo nasceu na década de 30, não sei te dizer qual foi a data certa que ele chegou aqui. Foi indo, foi indo. Teve o acontecimento de 37, mas o Integralismo não acabou não, foi indo. O tempo do Integralismo era também... naquele tempo também era o tempo do rádio, para nós o rádio era uma coisa mágica... terminou a Guerra, foi uma alegria, muita festa, fogos e mais fogos. Lembro quando falaram no rádio. No início de 50, Plínio veio para Barbalha, muita gente foi prestigiar sua fala. Ele falava muito, sua boca parecia um casco de pipoca, tinha muitas palavras pra falar. Veio com sua esposa, D. Carmela. O estádio de futebol tava entupido de gente. Aqui neste período o Integralismo era forte. Fiquei muito alegre, nunca imaginava ficar perto do Plínio e fiquei... Depois fundaram outro movimento, se não me engano agora, era Águias Brancas, mas não acompanhei, também nunca abandonei o Integralismo. Olhe ainda hoje existe amigos daqui, que não tiram pra nada seu sigma da camisa.<sup>252</sup>

Ao narrar suas memórias, o depoente pontuou alguns traços com maior vigor, que indicam sua forma de perceber a temporalidade das experiências integralista como militante. Mas também suas memórias expressam o imaginário de uma época, acontecimentos que marcaram um período. Referimo-nos ao

<sup>251</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios In: **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, n.3, p. 111-124, mai/jun., 2000. p. 121.

<sup>252</sup> GRANJEIRO. F.R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007]

tempo do rádio, o fim da II Guerra e da visita de Plínio Salgado à cidade de Barbalha. O tempo do Integralismo em suas reminiscências se misturava a esses eventos como se seu significado só ganhasse sentido nesse entrelaçar.

A partir das perspectivas levantadas pelo relato, podemos interferir nossa análise suscitando alguns questionamentos: por que o narrador, ao se reportar ao tempo da experiência integralista em Barbalha, não se apegou a cronologias já consagradas sobre o Integralismo? Não só as análises feitas, com maior recorrência a partir da década de 1970, por pesquisadores da temática, mas também a jornais da época que vincularam em suas matérias assuntos que se referiam ao início do Integralismo em 1932 e a seu fechamento em 1937, com o Golpe de Estado.

Não queremos afirmar que as memórias individuais não incorporam, ao longo de sua trajetória, informações oferecidas pela História escrita, mas lançar uma abordagem que contemple as múltiplas formas que a memória ao buscar atingir as experiências, favorecem e ampliam novas maneiras de análise sobre os tempos que a compõe.

Para um leitor menos atento, poder-se-ia indagar sobre se o depoente não teve acesso aos noticiários nem as pesquisas produzidas sobre o Integralismo. Mas esse não é o caso, pois demonstrou nas entrevistas conhecimento dos assuntos referentes ao Integralismo. “tudo que acontecia sobre o Integralismo... quem tinha condição de comprar jornais comprava e na sede também tinha e aqueles assuntos que falavam do integralismo passava de mão em mão”<sup>253</sup>.

O que podemos ressaltar é que as memórias, ao constituírem seus enredos, têm a capacidade de elencar aos acontecimentos elementos marcantes para a vida do narrador, como se eles fossem postos de forma inseparáveis. Liga-se também a essa capacidade todo um esforço de manter vivos em suas reminiscências os aspectos tidos como importantes para sua vida.

O tempo do rádio, para o narrador, conjugava-se às suas experiências com o Integralismo, flexionado à maneira de dar significado ao tempo do

---

<sup>253</sup> GRANJEIRO. F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. 2007].

Integralismo. A expressão “o tempo do rádio”, longe de ser um aspecto individual de demarcar um período, comporta toda uma substância social, compartilhada por sujeitos que vivenciaram uma mesma época. “Naquele tempo poucas pessoas tinham rádio na cidade. Então, quem tinha... alguns colocavam na calçada e ia chegando de um por um com suas cadeiras. Quando via, a calçada tava cheia de gente pra escutar.”<sup>254</sup>

Com isso, um tempo que fosse “abstrato e a-social, nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana”<sup>255</sup>. No entanto, o tempo que se sobressaiu nas entrevistas foi aquele carregado de conteúdos, pois os sujeitos, ao narrarem, recorrem à ordem do vivido para atingir a capacidade de contar suas histórias com ajuda de sua própria percepção do tempo.

Corroborando com nossa abordagem, podemos perceber na memória de Marciano Sampaio a influência exercida pelo rádio na Barbalha dos anos 40 e 50.

As cidades eram ilhas, as únicas ondas que atravessavam o “éter” eram as ondas curtas de algumas rádios situadas no Rio e em São Paulo, além da BBC, é claro; as imagens não eram transmitidas, os jornais e revistas chegavam ao interior nos malotes dos Correios que viajam de trem.<sup>256</sup>

Nesse caso, podemos aferir que o tempo expressa particularidades decorridas de experiências concretas e vivenciadas pelo indivíduo que narra. Mas também é construído a partir de uma pluralidade, pois os sujeitos, ao se apropriarem de imagens coletivas e históricas, “tempo do rádio”, expressam as múltiplas possibilidades de leitura sobre o passado.

Segundo Delgado<sup>257</sup>, cada tempo tem seu substrato e cada substrato temporal inclui em si singularidade e multiplicidade. O substrato da marca de um tempo é definido pelas ações humanas e pelos valores e imaginário que conformam esse tempo. Cabe ao historiador empreender análises que elejam a percepção de como esses tempos são construídos e quais os valores impregnados nessa elaboração.

---

<sup>254</sup> GRANJEIRO, F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007].

<sup>255</sup> BOSI, 1994, op. cit. p. 422. 422.

<sup>256</sup> SAMPAIO, Marciano. In: PAMPLONA, 2004, op.cit. p. 121.

<sup>257</sup> DELGADO, 2006, op. cit.

Contudo, como forma de compreendermos as temporalidades integralistas interpretadas nos relatos, podemos entrecruzar informações dadas pelas documentações trabalhadas. O rádio, segundo as notas memorialísticas de Napoleão Tavares Neves, chegou à cidade em 1938. Caso fôssemos analisar a narrativa do depoente a partir de uma cronologia que demarca o período de atuação do Integralismo de 1932- 1937, o relato não faria sentido. Mas, como já descrevemos, à medida que fomos manuseando as fontes, as práticas integralistas nos apresentaram como se ultrapassassem essa cronologia. Dessa forma, o tempo da experiência do Integralismo em Barbalha desloca datas apontando para outra temporalidade.

O fim da II Guerra Mundial representou um acontecimento marcante servindo para demarcar uma temporalidade. Em Barbalha, esse evento foi lembrado por nossos depoentes como uma data que ficou na memória de quem o vivenciou. Como descreveu Joaquim Cruz: “recordo do final da Guerra, um monte de gente nas ruas se abraçando e chorando, porque era muito sofrimento, né? A banda de música saiu em passeata, foi um foguetório só. Lembro como se fosse hoje”<sup>258</sup>.

A II Guerra Mundial, para alguns de nossos entrevistados, foi percebida como marco divisor; o Integralismo antes da Guerra e depois dela. Francisco René Granjeiro, ao continuar seu depoimento se referiu a esse aspecto, e assinalou:

Quando a Guerra acabou o Comunismo passou a ficar bonito e o Integralismo a ficar feio, feio porque enquadraram o Integralismo como nazismo, que isso não era verdade. Lembro que depois da Guerra veio para Barbalha um representante do Integralismo, acho que de São Paulo. Veio pra arrecadar verba, para subir a imagem do Integralismo. As propagandas para subir a imagem do Integralismo seriam feitas por uma empresa de noticiário que pertencia a Assis Chateaubriand. Eu contribui, muitos contribuíram. Contribui com pouco, o que eu podia. Outros contribuíram mais. Doavam dinheiro, jóias, ouro. Mas, só que no final não deu pra fazer as propagandas, porque o preço pedido por Assis Chateaubriand era muito alto, não conseguimos arrecadar tudo. Fiquei muito triste, mas a vida é assim mesmo, a pessoa faz e faz, nem sempre é reconhecido.<sup>259</sup>

<sup>258</sup> SAMPAIO. J.C. Joaquim da Cruz Sampaio. Depoimento [ago. de 2008].

<sup>259</sup> GRANJEIRO. F.R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007].



Ao fazer a leitura sobre as experiências integralistas, o depoente, ressaltou dois tempos, “o tempo bonito e o tempo feio”. No pós-guerra foi executada uma infinidade de propagandas antinazista e antifascista, devido aos horrores causados na Guerra por esses dois sistemas políticos. Os primeiros estudos sobre o Integralismo o qualificaram como um movimento que teve suas bases ligadas às teorias nazi-fascistas europeias, “um certo totalitarismo tupiniquim”. Com isso, o integralismo foi considerado por uma expressiva parte da população brasileira como um pensamento que corroborava com as medidas tomadas pelos regimes políticos acima citados.

Ao finalizar sua narrativa, o depoente ressaltou “aqui em Barbalha a nossa base era mais espiritualista, não era nazismo como pensavam lá pras bandas do sul. Lá até podia ter essa influência, mas aqui não. Nossa base foi mais católica... é bom que vocês saibam”<sup>260</sup>.

À medida que a memória flexiona uma forma de conduzir o tempo do integralismo, utilizou, concomitantemente, como mecanismo de leitura do passado, as abordagens já elaboradas sobre esse movimento nos revelando um silenciamento acerca das influências dos regimes totalitários no Integralismo.

É no presente que a memória se contrai e se dilata, matizando eventos ou encobrendo acontecimentos que colocam a julgamento interesses individuais e coletivos. Nessa condição, a voz individual se encobre por valores postergados pelo grupo.

Ao se referir aos regimes totalitários europeus, o narrador deu uma alusiva atenção sobre um suposto distanciamento com o assunto. Regis<sup>261</sup> aferiu que o silêncio, quando relacionado a esse aspecto, aparece como forma de legitimar o Integralismo e preservar as pessoas que mantiveram contato direto ou indireto com o movimento.

A memória se afigura como um conjunto de elementos estruturados que se apresentam como lembranças socialmente partilhadas, de que dispunha uma comunidade sobre sua própria trajetória no tempo, construída a partir de selecionamento, de reinterpretação e até mesmo da invenção. Aspectos esses

---

<sup>260</sup> GRANJEIRO. F.R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. 2007].

<sup>261</sup> REGIS, 2002, op.cit.

que se modificam de acordo com o tempo, segundo mudem as solicitações que, em diferentes situações histórico-sociais, as instâncias organizadoras da consciência social façam ao passado.

Outro aspecto da memória que pode ser evidenciado na narrativa acima citada é o de que o presente das reminiscências conjuga-se de forma cambiante às expectativas futuras. A expressão “é bom que vocês saibam disso”, demonstra a intenção do depoente, induzindo sua preocupação como se quisesse ressaltar: é bom que vocês não esqueçam disso ou melhor, é bom que vocês não interpretem mais o integralismo como nazismo.

Os acontecimentos festivos tendem a fixar-se nas memórias. Eles envolvem toda uma teia de sociabilidade. A visita de Plínio Salgado a Barbalha se envolveu a um processo de mobilização dos integralistas e pessoas próximas a esse movimento na cidade. Um dos aspectos importantes percebidos foi que, em todas as entrevistas por nós realizadas com militantes locais, esse acontecimento reapareceu de forma recorrente nas reminiscências coletadas. “o tempo que Plínio esteve aqui.”

Esse evento se revestiu por todo um manancial simbólico que se prendia à imagem de Plínio Salgado. Para aqueles que participavam do Integralismo e o admiravam, Plínio era o chefe maior e mentor do movimento que se espalhou no Brasil com mais de meio milhão de adeptos. Como se referiu Francisco René Granjeiro, “nunca pensei em ficar perto de Plínio e fiquei”.

A memória coloca-se inseparável dos tempos experimentados, momento em que a lembrança fotografa com luz mais intensa o passado. Esse deve ser o fato pelo qual o depoente ao produzir a temporalidade do Integralismo em Barbalha, interpretou o itinerário desse movimento no município.

Antônio Gondim Sampaio, ao fazer sua leitura sobre o tempo do Integralismo, ressaltou:

Olha lembro de tudo aquilo, dos Congressos, do exílio de Plínio, do Golpe de Vargas, mas como posso lhe dizer, isso eu lia não vivenciei, não estava lá. O que vem mais as minhas lembranças é meu tempo, como militante aqui na cidade, e em outras cidades que eu participava. Posso lhe contar um ocorrido, nos tempos de luta contra os comunistas. Tava anunciado uma palestra de Plínio no Teatro José de Alencar. Então isso

foi divulgado, nas rádios, panfletos, jornais. Então os comunistas encheram Fortaleza de fochas, nas fochas tinha: “ele não falará”. Nós Integralistas ficamos com medo de um atentado, o Plínio já tinha sofrido vários e tentamos convencê-lo pra ele não fazer essa palestra. Mas, o Plínio era muito radical nessa parte, não teve jeito. Então fizemos um cordão de isolamento para o Plínio passar, que ia da Praça do Ferreira até o Teatro. Plínio fez uma grande conferência e saiu aplaudido. Mas o episódio que deixou a gente mais temeroso foi o seguinte: à tarde, fui eu Danilo Pinto que era chefe de umas empresas, que também era integralista, ofereceu uns geradores para a iluminação, porque se caso os comunistas quisessem cortar a energia, lá já tinha uns geradores. Como eu trabalhava com eletricidade fui nomeado pra fazer essa instalação. Quando eu estava em cima da escada... tinha também conosco lá um companheiro do exército, tenente Bandeira. Ele tava fardado e armado. Quando eu ouvi foi aquele monte de gente gritando: ele não falará. Pensei, eles vão trucidar a gente. Vinha na frente dessa multidão um cara chamado Jaime Calado, que era o chefe dos comunistas e ele vinha com um revólver na mão. Aí o tenente Bandeira disse: eles vão trucidar a gente... falou: eu vou já acabar com isso, tirou o revólver mirou na testa desse Jaime Calado e atirou, ele já caiu fechado.<sup>262</sup>

Ao lado da história escrita, das datas, das descrições de um período, ocorrem paralelamente outras histórias carregadas e experimentadas pelo vivido. O depoente afirmou que, apesar de lembrar alguns acontecimentos marcantes para o Integralismo, os momentos que se imprimiram com uma substância maior nas suas memórias, foram aqueles que havia concretamente vivenciado. O tempo o qual ele qualificou de “meu tempo de militante”.

Carregada por significados, a narrativa, mesmo partindo de uma experiência individual, ela se desenrola a partir de um ambiente social, pois, ao relatar os embates entre integralistas e comunistas, favoreceu-nos a pensar sobre valores compartilhados e filiação a um grupo.

Percebeu-se, na voz do militante, todo um detalhamento do acontecimento. O significativo, para ele, no entanto, era falar da sua experiência como integralista, sujeito ocular, do que havia presenciado. Ao recorrer aos eventos escritos relacionados ao Integralismo, a sua memória apresentou-se de forma vaga, distanciada “isso eu li não vivenciei”, recorrendo a esses fatos pontualmente e pouco detalhados. Assim, como afirmou Bosi<sup>263</sup>, por baixo das estáticas datações, operam-se outras temporalidades, aquelas formadas por sujeitos que se movimentam e têm vida.

<sup>262</sup> SAMPAIO. A. T. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [nov. de 2006].

<sup>263</sup> BOSI, 1992, op. cit.

Pensando a dialética dos tempos que se inscrevem na memória, ressaltamos a relação entre a interpretação do passado e a sua articulação com o presente. É de relevante importância descrever como as memórias se lançam para o passado a partir das demandas postas no presente. A entrevista acima citada foi realizada em novembro de 2006. Essa data se colocou como balizadora para que o depoente estruturasse suas reminiscências. Aquele período foi marcado pela reeleição do Partido dos Trabalhadores à presidência da república, carregando junto a ele toda uma imagem historicamente construída como partido socialista. Na entrevista, os aspectos antissocialistas e anticomunistas foram recorridos inúmeras vezes pelo depoente “nosso ideal não é esse da esquerda mascarada e suja”.<sup>264</sup> Assim, o pesquisador de história deve ficar atento sobre essas questões, pois a memória carrega em seu bojo todo um sentido na sua elaboração.

A essa narrativa se liga a memória autobiográfica, relacionada ao pessoal, à vivida, mas influída pelo impacto do social, sempre filtrada pelo presente. As memórias em função do próprio transcurso do tempo construído pelo depoente.

O meu tempo de militante foi também o do encontro com minha esposa. Zuila era professora já de muito nova e eu era aluno dela. Fiquei em recuperação em gramática e papai contratou ela pra me dar aulas de reforço. O pai dela era totalmente contrário ao nosso namoro chegou até destratar-la na minha frente, mas mesmo assim casamos sem a permissão dele e até hoje estamos juntos. Tive que ir ao Crato pedir permissão ao bispo, porque a gente era muito jovem. Depois de muita conversa ele permitiu. Cheguei em Barbalha e o Padre José Correia nos casou.<sup>265</sup>

O tempo do integralismo se misturou à sua vida particular. Foi o “tempo do meu primeiro amor”. Para atingir esse outro tempo, o narrador recorreu a sua história de vida, trazendo junto a ela todo um significado pessoal. As marcas de um tempo outrora vivenciado ganham uma maior força quando percorre aspectos que alteram substancialmente a vida de quem lembra. O não aceitar o namoro pelo pai de sua esposa foi um dos elementos que lhe fizeram voltar para a percepção da experiência integralista.

<sup>264</sup> SAMPAIO, A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [nov. de 2006].

<sup>265</sup> SAMPAIO, A.G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009]

José de Sá Barreto, ao direcionar suas memórias acerca do período de fundação do Integralismo em Barbalha, projetou sua interpretação sobre o tempo do integralismo, esclarecendo:

Posso afirmar que o Integralismo iniciou aqui... Dr. Pio foi a Fortaleza e conheceu D. Letícia, namoraram e casaram. Nunca vi uma pessoa que vivesse o Integralismo como ela. Casal unido, muito católico. Eu era como se fosse filho desse casal. Eu era de casa... assim, o integralismo foi fundado, dessa união.<sup>266</sup>

Caso fôssemos analisar a memória de José de Sá Barreto, baseados nas datas por ele mencionadas, encontraríamos, certamente, alguns lapsos nas suas lembranças. A visita de Pio Sampaio a Fortaleza foi concretizada por um convite feito pela chefia estadual do Integralismo para uma reunião interna do movimento. Pio deveria comparecer como representante do já existente núcleo integralista da cidade de Barbalha, como aferido em uma carta anteriormente citada. Mas nosso interesse maior para análise é observar como o depoente, ao relatar o tempo do Integralismo, constituiu suas memórias, visto que,

A natureza subjetiva da memória torna-se guia a um só tempo seguro e dúbio para o passado. Sabemos quando temos uma lembrança, e seja ela verdadeira ou falsa, essa memória se relaciona de alguma forma ao passado. Até o equívoco da memória envolve a recordação, ainda que distorcida, de alguma coisa; nenhuma memória é totalmente enganosa.<sup>267</sup>

José de Sá Barreto, além de integralista, desempenhou o cargo de auxiliar no posto móvel de tracoma que era chefiado pelo então médico Pio Sampaio nos anos 1950. A partir dessa data, como frisou o depoente, cresceram ainda mais os laços como a família de Pio Sampaio, sendo as suas visitas à casa do médico e líder integralista da cidade uma constante.

Ao dar continuidade a sua fala, o depoente afirmou: “só fui entender mais o que era o integralismo quando passei a freqüentar o lar de Dr. Pio e da dona Letícia. Um ambiente totalmente integralista e católico”. Esse aspecto se

<sup>266</sup> BARRETO, J. S. José de Sá Barreto. Depoimento [mai. de 2007].

<sup>267</sup> LOWENTHAL, David. Como Conhecer o Passado. In: **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63-202, nov. 1998. p. 87.

sobressaiu na entrevista, indicando o local onde o narrador selecionou suas lembranças para compor a temporalidade desse movimento.

Outro aspecto característico do narrador foi de mencionar que a chegada de dona Letícia a cidade foi também o do início do movimento. A militância no Integralismo exercida por Letícia Lima na cidade fez com que sua imagem reaparecesse nas memórias como a pessoa que representou com mais vigor os ideais integralistas, impulsionado, dessa forma, práticas que dessem maior visibilidade aos valores do sigma em Barbalha. Como evidenciado pelo depoente, “nunca vi nem uma pessoa que vivesse o Integralismo como a D. Letícia”.

Os motivos políticos e os interesses particulares são diluídos na narrativa, como se a fundação do Integralismo em Barbalha não representasse uma motivação pelo poder do grupo a que ele estava filiado. Pio Sampaio ingressou na política, de início como vereador pelo PRP em Barbalha, e, logo depois, deputado estadual pelo mesmo partido em 1959.

Nesse caso, podemos aferir que, as falhas da memória do depoente, quando relacionadas às datas, não foram constituídas de maneira aleatória, guardam experiências sociais e significados que falam de um passado, mas também da forma como esse passado foi acessado a partir de um selecionamento.

A memória reorganiza os acontecimentos no tempo misturando sequência, apresentando episódios na ordem em que deveriam ter acontecido. Para o narrador, a precisão dos calendários, por vezes, não são essenciais, pois as datações que o demarcam são mencionadas de forma vagas e caleidoscópicas. O passado recordado não é uma cadeia temporal consecutiva, mas um conjunto de momentos descontínuos.

Localizamos os acontecimentos recordados não por sequências, mas por associações. A memória não se apega a métodos detalhados que distam o tempo de forma precisa. O passado é reelaborado, assim como “um museu arqueológico de fragmentos... casualmente justapostos”<sup>268</sup>.

---

<sup>268</sup> LOWENTHAL, 2000, op.cit., p.100.

Com isso, operaram-se, nas memórias dos militantes locais, narrativas que nos falaram sobre experiências diferenciadas, aquelas atingidas pelo vivido, mas também pelo compartilhado. A abordagem sobre esses sujeitos fertiliza o modo de contar outras histórias sobre o Integralismo.

As experiências relatadas pelos militantes locais, “sujeitos anônimos”, nos revelaram outras óticas para trabalhar esse tema já tão estudado. Elas se distanciam de outras experiências. As narrativas de pessoas comuns que participaram do movimento deslocam as visões sobre o Integralismo. Podemos perceber esse aspecto quando comparamos os relatos dos militantes locais com jornais da época, com as cronologias consagradas sobre o assunto e até mesmo com as memórias das lideranças integralista que atuaram no Ceará. Vejamos como Jeovah Motta descreveu o tempo do Integralismo:

O Integralismo no Ceará foi fundado em finais de 1932... Sombra já havia mantido contato com o Plínio... Participei do Congresso Nacional do Integralismo em 1934, já era deputado federal pela AIB. Em 1937 veio o Golpe de Estado Novo e o Integralismo foi extinto... como uma experiência abortada.<sup>269</sup>

Caso considerássemos as experiências integralistas como um fenômeno homogêneo, não conseguiríamos lançar nossa análise sobre os depoimentos colhidos junto aos militantes locais. Para os entrevistados, a experiência integralista não se encerrou com o advento do Estado Novo, como mencionou Francisco René Granjeiro: “não foi bem assim que nós, pelo menos aqui em Barbalha, vivenciamos o Integralismo. Não foi assim que se deram as coisas, o Integralismo não foi banido com Vargas. Só sabe disso quem viveu.”<sup>270</sup>

A partir de uma leitura cuidadosa sobre as narrativas de memória, percebemos que a filiação dos grupos detentores dos poderes político e econômico local favoreceu para que as práticas integralistas tivessem uma temporalidade maior em Barbalha, seja através das instituições analisadas, ou mesmo, no cotidiano da cidade.

<sup>269</sup> MOTTA, J. Jeovah Motta. Depoimento [dez. de 1984] – NUDOC/UFC

<sup>270</sup> SAMPAIO. A. G. Antônio Gondim Sampaio. Depoimento [fev. de 2009]

É relevante esclarecer que nossos recortes não se limitaram à percepção do Integralismo enquanto partido político legalmente reconhecido pelo Supremo Tribunal Eleitoral, pois o manuseamento das narrativas orais e outros documentos utilizados nos encaminhou para a observação de outros caminhos a serem percorridos.

A nossa preocupação é perceber como as práticas integralistas se concretizaram no cotidiano de Barbalha e como as memórias reinterpretam o itinerário desse movimento na cidade.

Também notamos, nas falas dos entrevistados, quando interrogados sobre a diferenciação entre Integralismo e o Partido de Representação Popular, uma certa indivisibilidade, já que suas práticas e discursos eram os mesmos.

Veio o PRP, sei que ocorreram mudanças, mas se você me perguntar e perguntar a outros colegas integralistas da cidade qual era a diferença para o Integralismo, penso que não saberiam responder. Porque o que nos motivava aquilo tudo era o pensamento integralismo, que nos animava. Tudo era a mesma coisa afinal.<sup>271</sup>

Interpretar resíduos deixados nas falas de pessoas até então esquecidas, militantes integralistas do interior do estado, é constituir referências que nos falam de como o Integralismo foi vivenciado, carregando formas variadas. É estabelecer parâmetros instigantes que possam dar luz a construção do processo histórico.

Para a percepção do passado devemos perceber que ele é fabricado e ressignificado a partir: da memória, elemento inerente ao ser humano, da história contingente empiricamente verificável e dos fragmentos, que nos dão a possibilidade para a construção de enredo que possam estabelecer significado aos tempos outrora experimentados<sup>272</sup>.

Contudo, a memória

traduz registros de espaços, tempos, experiências sociais, é bordada de múltiplos fios e incomensuráveis cores, que expressão tramas da existência, revelada por ênfase, lapsos, omissão. É re-significação do

<sup>271</sup> GRANJEIRO. F. R. Francisco René Granjeiro. Depoimento [jun. de 2007]

<sup>272</sup> LOWENTHAL, 1998, op. cit.



tempo, que fornece a História e as Ciências Sociais matéria prima para a construção do conhecimento.<sup>273</sup>

O tempo da memória também comporta identidades, pois o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção social. A dinâmica dos tempos da memória é filtrada e, ao mesmo tempo, estabelecida em diálogo com valores que falam de uma filiação, seja ela cultural, institucional ou política.

Pelas discussões feitas, podemos aferir que o tempo social da memória integralista local encena práticas, experiências e vivências, carregadas por densidade que se revelam pelo modo de interpretar e dar significado ao passado desse movimento. Assim, as memórias se colocam como potencial que possibilitam a redefinição de cronologias históricas, revelando novas óticas e diferentes abordagens em relação às predominantes sobre determinados assuntos ou temas.

---

<sup>273</sup> DELGADO, op. cit., p.40.



5- CONSIDERAÇÕES FINAIS



O Integralismo caracterizou-se como um movimento complexo e de diferentes roupagens. Conceituá-lo tem-se tornado uma tarefa árdua. Demanda ao pesquisador um olhar flexível e atento sobre as fontes e a utilização de mecanismos de análise que não se prenda a conceitos teórico-metodológicos que postulam aos acontecimentos e eventos, em uma forma estanque e homogênea, sem que, ofereçam a possibilidade de perceber os deslocamentos e as discontinuidades da História.

Por meio dos vários estudos já realizados, o tema nos foi apresentado com inúmeras possibilidades de percepção, em que ora mesclam-se o político com o social, ora com o cultural, fazendo com que seus estudos sempre tragam uma “baforada de surpresa” e o emergir de novos e dinâmicos sujeitos sociais.

A releitura sobre os temas que envolvem os eventos políticos requer uma postura nova do historiador, uma atenção sobre as cenas que se desenrolam em diferentes espaços da sociedade.

O relato oral possibilita percorrer as tramas constituídas nas tessituras das memórias e nas representações que buscam atingir as experiências compartilhadas e vividas. Com isso, desnudar o passado do Integralismo, a partir das memórias daqueles que os vivenciaram, é apontar para as possibilidades que constituem esse tema.

Os aportes teóricos proporcionados pela História Cultural favoreceram o trabalho com as fontes recortadas, indicando-nos novas questões e interesses. A partir das suas leituras, evidenciamos não apenas os sujeitos envolvidos na pesquisa, mas as formas como interpretavam e conferiam significado para as imagens que eles mesmos construíam.

Contudo, atentamos em mencionar em nossa pesquisa que o trabalho com os relatos de memória requer um tratamento dosado e criterioso, pois o ato de organizar experiências passadas é, sobretudo, um ato que se inscreve no presente, impregnado de valores e significados encobertos pelo agora.

Assim, percebendo a vulnerabilidade que se prende aos processos mnemônicos, foi possível identificar como essas memórias foram sendo constituídas à medida que lançávamos sobre elas questionamentos na busca de

entender quais os mecanismos utilizados para a fabricação das imagens sobre o passado e o local de onde eram irradiadas.

Como forma de perceber o colorido que revestiam as memórias sobre o Integralismo local, foi possível entrecruzar informações provenientes de outros documentos, uma medida de favorecer a análise estabelecendo, com isso, a percepção da variabilidade de interpretações sobre o assunto.

Nosso olhar sobre o caráter social da memória foi essencial para problematizarmos as narrativas orais, pois, ao aferir que suas elaborações se consubstanciavam a partir das relações sociais de interação e reconhecimento desempenhadas no presente, facilitou-nos perceber os significados das inúmeras formas que se projetavam as imagens sobre o Integralismo nas falas dos nossos depoentes.

Os arquivos particulares, compostos por cartas, biografias, bilhetes e fotografias, nos serviram com singular importância, pois trouxeram para a pesquisa informações sobre o movimento não dispostos em outras documentações. A partir deles, podemos identificar o itinerário do chefe local, sua influência no Integralismo em âmbito municipal e estadual, as relações de compadrio estabelecidas entre o Integralismo e membros da Igreja católica, as brigas internas do movimento e os valores das elites de Barbalha que aderiram ao Integralismo.

Por meio das narrativas literárias, foi possível fazer uma análise acerca das imagens que compunham Barbalha, identificando, assim, o cenário de atuação do movimento e o significado que revestia suas práticas naquela cidade.

Nas nossas leituras sobre o Integralismo em Barbalha, pôde-se perceber que, apesar de ter sido um movimento que carregou dogmas e doutrinas delimitadas por uma hierarquia nacional, ele se concretizou na cidade carregando suas especificidades.

As particularidades foram observadas a partir dos processos que contemplavam a construção e resignificação das memórias sobre o Integralismo local, mas também por meio das práticas operadas por esse movimento no cotidiano da cidade.

Pelas evidências levantadas, foi possível perceber que a filiação dos grupos detentores locais ao movimento proporcionou ao integralismo um maior campo de atuação na cidade, fazendo com que seus valores não ficassem apenas restritos aos lugares convencionais para o movimento, permeando-se em instituições importantes para o município no período analisado.

A partir do cotidiano, foram alçados como as tramas do poder se configuravam na cidade e de que maneira as relações interpessoais propiciaram às práticas e aos discursos integralistas uma maior temporalidade na cidade, ultrapassando, dessa forma, o período entre 1932 a 1937 que se convencionou adotar como da atuação do movimento.

Assim, foi a partir dessas preocupações que pensamos em lançar nossas abordagens sobre o Integralismo na cidade de Barbalha, na tentativa de alçar novos questionamentos que viessem estabelecer outras formas de análises referentes ao assunto.

Enfim, nossa pesquisa busca alimentar as discussões sobre esse tema e deixar questionamento para outras releituras, pois a história se constrói no que ressignifica, na dialética e no devir. Isso faz do nosso ofício uma arte inacabada e em permanente transformação, e é daí que ela se enriquece trazendo novas tintas e novas paisagens para serem pintadas em outros tantos quadros que buscam reinterpretar o passado.



esta mesma situação, sobre a qual não  
 há no Brasil mais, não foi possível abster-se e não se  
 pôde permanecer calado, pois a situação era muito  
 grave e a massa de descontentes para a luta. Depois  
 desta reunião, não houve mais reuniões, mas a luta continuou  
 a ser. Entretanto, não foi o suficiente necessário e a  
 que não era possível manter-se, e a luta continuou  
 profundamente e com força e com coragem. Foi  
 uma luta que não se deu.

Infelizmente, não se foi possível manter a  
 luta e não foi possível. A luta continuou, mas não  
 houve sucesso. Foi uma luta que não se deu  
 com a força que se precisava para vencer a luta.

Porque a luta não se deu com a força  
 necessária para vencer a luta?

Em vista das condições de existência a  
 luta não se deu com a força necessária para  
 vencer a luta. A luta não se deu com a força  
 necessária para vencer a luta.



VIA PANAIR

Esta luta não se deu com a força  
 necessária para vencer a luta. A luta não se deu  
 com a força necessária para vencer a luta.

Esta luta não se deu com a força  
 necessária para vencer a luta. A luta não se deu  
 com a força necessária para vencer a luta.

Esta luta não se deu com a força  
 necessária para vencer a luta. A luta não se deu  
 com a força necessária para vencer a luta.

## 6- REFERÊNCIAS



## 6.1- FONTES

### FONTES ORAIS

#### • Entrevistas / Barbalha- CE.

- José Atanaildo de Alencar. Contador aposentado. Depoimento concedido em agosto de 2009. Idade não revelada. Filho de Jesus Soares dos Santos, militante integralista da cidade.
- José de Sá Barreto. Funcionário público aposentado. Depoimento concedido em maio de 2007 aos 87 anos de idade. Militante integralista da cidade de Barbalha.
- Francisco René Granjeiro. Funcionário público aposentado. Depoimento concedido em junho de 2006, aos 83 anos de idade. Militante integralista da cidade de Barbalha.
- Napoleão Tavares Neves. Médico aposentado e memorialista. Depoimento concedido em junho de 2006, aos 76 anos de idade. Contemporâneo e amigo de Pio Sampaio e Antônio Costa Sampaio, líderes integralistas da cidade de Barbalha.
- Antônio Gondim Sampaio. Comerciante aposentado. Depoimento concedido nos meses de outubro de 2005, novembro de 2006 e fevereiro de 2009, sendo a última entrevista aos 90 anos de idade. Militante integralista da cidade Barbalha.
- Iônio Livônio Sampaio. Comerciante aposentado. Depoimento concedido em agosto de 2008. Idade não revelada. Filho de Antônio Costa Sampaio uma das lideranças integralistas da cidade de Barbalha e Irmão de Pio Sampaio.
- Joaquim da Cruz Sampaio. Comerciante aposentado. Depoimento concedido em agosto de 2007, aos 99 anos de idade. Contemporâneo do Integralismo em Barbalha.

#### • Entrevistas/ Museu da Imagem e do Som do Ceará- (MIS/CE).

- CASTRO, F. A. Francisco Andrade e Castro. Depoimento [nov. de 1982]
- MENEZES, J. B. Juracy Bezerra de Menezes. Depoimento [nov. de 1982]
- AGUIAR, M. T. Moacir Teixeira de Aguiar. Depoimento [jun. de 1983]
- ARAÚJO, P. C. Pedro Camelo de Araújo. Depoimento [nov. de 1982]
- SANTOS, R.M. Rômulo Mascarenhas dos Santos. Depoimento [dez. de 1982]
- CASSIMIRO, J. José Cassimiro. Depoimento [mai. de 1998]
- SILVA, F. C. Francisco Chagas da Silva. Depoimento [sem data]

• **Entrevistas/ Núcleo de Documentação e Cultura da Universidade Federal do Ceará- (NUDOC/UFC).**

- MOTTA, J. Jeovah Motta. Depoimento [mar./abr. de 1983]
- SOMBRA, S. Severino Sombra. Depoimento [jun./dez. de 19883]
- CHAVES, F. G. Franklin Gondim Chaves. Depoimento [mar./abr. de 1983]

## **FONTES ESCRITAS**

### **JORNAIS**

• **Biblioteca Pública Menezes Pimentel – (BPMP) / Setor de Periódicos.**

- Jornal **A RAZÃO**- (1936- 1938) – Órgão de orientação do Integralismo- CE.  
Período consultado: mar. de 1936 a out. de 1937.
- Jornal **O NORDESTE**- (1923-1964)- Órgão da Arquidiocese de Fortaleza- CE.  
Período consultado: abr. de 1932 a dez. de 1936.
- Jornal **CORREIO DO CEARÁ**- (1915-1932)- Ligado em 1937 aos Diários Associados. Divulgador das propostas do Estado Novo.



Período consultado: dez. de 1937 a fev. de 1938.

### **DOCUMENTOS DO E SOBRE O INTEGRALISMO**

- **Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro- (APERJ).**

- **Protocolos e Rituais.** Fundo: Polícia Política; Setor: Integralismo; Pasta: 2; Caixa: 670.
- **Cartilha Integralista.** Fundo: Polícia Política; Setor: Integralismo; Pasta: 2 Caixa: 670.
- **Relação dos integralistas do ceará detidos e investigados.** Fundo: Polícia Política; Setor: Estados; Pasta: 06; Dossiê: 01.
- **Manifestos Integralistas.** Fundo: Polícia Política; Setor: Integralismo; Pasta: 18; Caixa: 677.

- **Arquivo Público do Estado do Ceará- (APEC).**

- Relatório enviado ao Interventor Federal no Ceará Francisco Menezes de Pimentel pelo Cap. Manoel Cordeiro Neto Secretário de Segurança Pública do estado entre o período de 1935 a 1941. Imprensa Oficial, 1941.

- **Arquivo do Círculo Operário de Barbalha.**

- Ata do IV aniversário do Círculo Operário de Barbalha. [mar. de 1936]

### **OUTROS DOCUMENTOS**

- **Registros de Memorialistas e Cronistas sobre Barbalha.**

- ALENCAR, Odálio Cardoso. **Recordação da Comarca**. [S.l.: s.n.]. [ca.1960].
  - CALLOU, Antônio Marchê. **Versos**. Barbalha, Edição particular. 1986.
  - LOPES SOBRINHO, Henrique Fernando Lopes. **Barbalha em Tempos Passados**. Barbalha Imprensa da Prefeitura Municipal de Barbalha, 1987.
  - MARTINS FILHO, Antônio. **Menoridade - Memória**. 3.v. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1991.
  - NEVES, Napoleão Tavares. **Barbalha Cultural**. Fortaleza: EdUFC, 1996.
  - \_\_\_\_\_. **Barbalha Sesquicentenária**. Barbalha: imprensa da Prefeitura Municipal de Barbalha, 1996.
  - \_\_\_\_\_. **Primeiro Templo Católico do Cariri e Outros Fatos**. Fortaleza: EdUFC, 2000.
  - SAMPAIO, Iônio. **Panfleto comemorativo do aniversário do Centro de Melhoramento de Barbalha**. Barbalha: s.n, 2000.
- **Registros Biográficos.**
- Biografia de Pio Sampaio/ Chefe Integralista da Cidade de Barbalha. In: FIUZA, Regina Pamplona (coord.). **Pio Sampaio: memória**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2004
  - Biografia de Maria Letícia Ferreira Lima Sampaio/ Líder militante Integralista no estado do Ceará e esposa de Pio Sampaio. In: SAMPAIO, Maria Letícia Ferreira Lima. **Tempo de Lembrar**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.
  - Biografia de Antônio Correia Celestino/ Militante Integralista da cidade de Barbalha. In: CASIMIRO, Renato (org.). **Antônio Corrêa Celestino**. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

- Biografia de Antônio Lyrio Callou/ Interventor municipal da cidade Barbalha no período do Estado Novo. In: CALLOU, Antônio Lyrio. **Barbalha Minha Vida**. Recife: Bagaço, 2002.

## **6.2 BIBLIOGRAFIA**

AGOSTINO, Santo. **Solilóquios**. São Paulo: Editora Escala, s.d.

ALBERTI, Verena. **O Fascínio do Vivido**, ou o que atrai na história oral. Rio de Janeiro CPDOC, 2003. 4 [f].

\_\_\_\_\_. **Ouvir e Contar**: texto em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2007.

ARAÚJO, Erick Assis de. **Nos Labirintos da Cidade**: Estado novo e o cotidiano das classes populares na cidade de Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e Revolução**. O Integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, O Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris (org.). **História da Civilização Brasileira**. 3ª ed. Tomo III, v. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.21, n.40, p. 85-105, 2001.

BLOCH, Marc. **Apologia a História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Anauê Paulista**: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo. (1932-1943). Dissertação. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004.

BULHÕES, Tatiana da Silva. **Evidência Esmagadora dos Seus Atos**: totalitarismo e imprensa na construção pública da Ação Integralista Brasileira. (1932-1937). 2007. 186f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Mundo Como Teatro**: estudo de Antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALDEIRA, João de Castro. **Integralismo e a Política Regional**: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão. São Paulo: Annablume, 1999.

CALIL, Gilberto Grassi. **O Integralismo no Pós-Guerra**: a formação do PRP (1945-1950). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativas, sentido e história**. Campinas-SP: Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_; VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínio da História**: ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. **Do sigma ao sigma**: entre a anta, a águia, o leão e o galo- a construção de memórias integralistas. 2007. 415f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. **Memória e Integralismo**: um estudo da militância no Rio de Janeiro. 2000. 163f. Dissertação. (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas-SP: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano**: a arte de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p. 97-113, jul./dez.1994.

\_\_\_\_\_. **Cultura Escrita, Literatura e História**: conversa de Roger Chartier Porto Alegre: Artemed Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Uma Crise da História**: a história entre narração e Conhecimento. In: Fronteiras do Milênio. (org.) PESAVENTO, Sandra Jatahy. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. **Apontamento para uma crítica da Ação Integralista Brasileira**. In. Ideologia e Mobilização Popular. São Paulo: Paz e Terra, 1971.

CORDEIRO JÚNIOR, Raimundo. **A Legião Cearense do Trabalho** In: SOUZA, Simone (Org.). Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. **Pequena História do Integralismo no RN**. Natal: Clima, Fundação José Augusto, 1986.

DECCA, Edgar Salvatori de; LEMAIRE, Ria (org.). **Pelas Margens**: outros caminhos da História e da Literatura. Campinas, Porto Alegre: EDUNICAMP, EDUFRGS, 2000.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOSSE, François. **A História à Prova do Tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: EDUNESP, 2001.

DOTTA, Renato Alencar. **O Integralismo e os Trabalhadores**: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938). 2003. 119f. Dissertação. (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Ciências Humana da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

ELIAS, Nibert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FAUSTO, Boris. **História da Civilização Brasileira**. 3. ed. Tomo 3, v. 4. (O Brasil Republicano: Economia e sociedade, 1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FENTRESS, J; Wickham, C. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1994

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, n.3, p. 111-124, mai/jun., 2000

\_\_\_\_\_; AMADO, Janaína (coord.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Literatura e Imaginário: um jogo especular. "O exemplo medieval da Cocanha" In: IANNONE, C. A. et alii. **Sobre as naus da iniciação**. Araraquara: Ed. Unesp, 1997

FREYRE, Gilberto. **Vida Social no Brasil nos Meados do Séc. XIX**. 4ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Germanismo, Nazismo e Integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Fio e os Rastros**: Verdadeiro, Falso, Fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLEZER, Raquel. Tempo e História. In: **Revista Ciência e Cultura**, Campinas, v. 54, n.2, p. 22-23, out./dez. 2002.

GOMES, Ângela de Castro. A Política Brasileira em Busca da Modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, L.M. et. al. **História da Vida Privada**: contraste da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3ª ed. Campinas-SP: EdUNICAMP, 1994

LEVI, Giovanni. Sobre Micro-História. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: EdUNESP, 1992.

LOWENTHAL, David. Como Conhecer o Passado. In: **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63-202, nov. 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e Memória**: combates pela história. In: Revista Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 27-42, jan./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Memória, Percursos e Reflexões. In: **Revista Saeculum**, João Pessoa-PB, v.1, n.18, p. 187-208, jun./jul. 2008. p. 202.

MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. **O Integralismo no Ceará**. Fortaleza: s/ed. 1986.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, v.10, n.10, p.07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Perante o Tribunal da História**: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). 2004. 234f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.



PARENTE, Josênio Camelo. **Anauê: os camisas-verdes no poder**. Fortaleza: EDUFC, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidade sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n. 53, p.11-23, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v.5, n.7, p. 29-37, jul./dez. de 1997.

\_\_\_\_\_. Cultura e Representações: uma trajetória. In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v.13, n.23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, n. 29, p. 9-27, jan./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. (org.). **Leituras Cruzadas: diálogo da história com a literatura**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano - Paris**. Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Relações entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX). In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v.3 n.4, p.115-127, jun./dez, 1995.

PINHEIRO, Irineu. **Efeméride do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

PINTO, José Aloísio Martins. **Serventuários das Trevas: os bolcheviques na imprensa católica. (Fortaleza-CE, 1922-1932)**. 2005. 160f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, jan./jun. 1992.

REGIS, João Rameres. **Integralismo e Coronelismo**: interfaces da dinâmica política no interior cearense. (1932-1937). 2008. 338f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Galinhas Verdes**: memória e história da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro do Norte-CE. (1934-1937). 2002. 173f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2002.

Ricoeur, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: EdUNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. Entre mémoire et histoire. In: **Projet**. Paris: número 248, 1996

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. 3ª ed. Campinas-SP: Papirus, 1994.

ROSENFELD, Kathrin. A História: anjos e esfinges de Walter Benjamin. In: **Revista Matraca**, Rio de Janeiro. v.1, n. 17, p. 39-48, jan./dez. 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTESCHI, Rosângela. O Diálogo Entre a Literatura e História na Constituição das Identidades Nacionais nos Países língua Oficial Portuguesa. In: Universidade de São Paulo; Universidade de Évora; Universidade Cruzeiro do Sul. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Humanitas. FFLCH-USP, 2008.

SILVA, Carla Luciana; CALIL, Gilberto Grassi (org.). **Velhos Integralistas**: a memória de militantes do sigma. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre a História e a Literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. In: **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v.4, n.4, p. 1-14, out./ nov./ dez. 2007.

SILVA, Emília Carnevali da. **O Homem no Espelho**: reflexão sobre a dissidência integralista de Severino Sombra (1931-1937). 2006. 178f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (AIB-PE)**: 1932-1937. 1996. 135f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1996.

SILVA, Giselda Brito. Como Pude Apurar a Repressão ao Integralismo em Pernambuco. **História: questões e debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 323-341, 2008.

\_\_\_\_\_. (org.). **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: EdUFRPE, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma proposta interdisciplinar para os estudos do integralismo. In: **Revista de História Regional**, Ponta Grossa- PR, v.7, n.2, p.75-98, jul./dez. 2002.

SILVA, Josiêr Ferreira da. A Influenciada Igreja Católica na Educação do Cariri (1850 a 1950). In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Org.). **História da Educação**: instituições, protagonistas e práticas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2005.

\_\_\_\_\_. **O Círculo Operário de Barbalha-Ce do catolicismo social na educação e na cultura**. 2009. 432f. Tese (Doutorado em Educação-), Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, Rogério Souza. A Política Como Espetáculo: a reinvenção da História brasileira e a constituição dos discursos e das imagens integralista na revista Anauê. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.25, n.30, p. 61-95, jan./dez. 2005.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e Partidos Políticos no Brasil**. (1930 – 1945). São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Barbalha**: entre o controle a autoridade. (1928- 1998). 2002. 183f. Dissertação (Mestrado em

História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2002.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. Porto Alegre: DIFEL/ UFRGS, 1974.

\_\_\_\_\_. Integralismo: teoria e prática política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**- Brasil Republicano, Sociedade e Política. (1930-1964). São Paulo: DIFEL, 1981.

VASCONCELLOS, Gilberto. **A Ideologia Curupira**: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VILIRIO, Paul. O Resto do Tempo. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre- RS, v.1, n. 10, p. 1-6, jun. 1999.

WHITE, Hayden. **Trópicos dos Discursos**: ensaio sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EdUSP, 2001.



## ANEXO-1



Fotografia dos integralistas da cidade de Barbalha-Ce na década de 1930.  
Imagem pertencente à família Sampaio

## ANEXO-2



Fotografia dos integralistas da cidade de Barbalha-Ce na década de 1930.  
Imagem pertencente à família Sampaio



## ANEXO- 3



Visita de Plínio Salgado à cidade de Barbalha em 1955.  
Arquivo Particular da família Sampaio

## ANEXO- 4



Visita de Plínio Salgado à cidade de Barbalha em 1955.  
Arquivo Particular da família Sampaio

## ANEXO- 5



Casario que funcionava a sede do Integralismo em Barbalha-Ce.  
Arquivo particular da Família Sampaio

## ANEXO-6



Lápide do túmulo de Antônio Costa Sampaio. Militante integralista da cidade de Barbalha-Ce. Imagem de Samuel Pereira de Sousa



## ANEXO-7



Fotografia de Maria Letícia Ferreira Lima Sampaio coordenando uma reunião da ala feminina do Integralismo em Fortaleza-Ce na década de 1930. Arquivo particular da família Sampaio.

## ANEXO-8



Fotografia de Pio Sampaio com os companheiros do Integralismo em Fortaleza na década de 1930, incluindo Ubirajara Índio do Ceará e Dom Elder Câmara. Arquivo Particular da família Sampaio.